O SEMINARISTA

Bernardo Guimarães

I

A uma légua, pouco mais ou menos, da antiga vila de Tamanduá, na província de Minas Gerais, e a pouca distância da estrada que vai para a vizinha vila da Formiga, via-se, há de haver quarenta anos, uma pequena e pobre casa, mas alva, risonha e nova. Uma porta e duas janelinhas formavam toda a sua frente.

Um estreito caminho, partindo da porta da casa, cortava o vargedo e ia atravessar o capão e o córrego, por uma pontezinha de madeira, fechada do outro lado por uma tronqueira de varas. Junto à ponte, de um lado e outro do caminho, viam-se duas corpulentas paineiras, cujos galhos, entrelaçando-se no ar, formavam uma arcada de verdura, à entrada do campo onde pastava o gado.

Era uma bela tarde de janeiro. Dois meninos brincavam à sombra das paineiras: um rapazinho de doze a treze anos e uma menina, que parecia ser pouco mais nova do que ele.

A menina era morena; de olhos grandes, negros e cheios de vivacidade, de corpo esbelto e flexível como o pendão da imbaúba.

O rapaz era alvo, de cabelos castanhos, de olhar meigo e plácido e em sua fisionomia como em todo o seu ser transluziam indícios de uma índole pacata, doce e branda.

A menina, sentada sobre a relva, despencava um molho de flores silvestres de que estava fabricando um ramalhete, enquanto seu companheiro, atracando-se como um macaco aos galhos das paineiras, balouçava-se no *ar,* fazia mil passes e piruetas para diverti-la.

Perto deles, espalhados no vargedo, umas três ou quatro vacas e mais algumas reses estavam tosando tranqüilamente o fresco e viçoso capim.

O sol, que já não se via no céu, tocava com uma luz de ouro os topes abaulados dos altos espigões; uma aragem quase imperceptível mal rumorejava pelas abas do capão e esvoaçava por aquelas baixadas cheias de sombra.

- Vamos, Eugênio. São horas... vamos apartar os bezerros e tocar as vacas para a outra banda.

Dizendo isto, a menina levanta-se da relva, e, atirando para trás dos ombros os negros e compridos cabelos, sacudiu do regaço uma nuvem de flores despencadas.

- Pois vamos lá com isso, Margarida, exclamou Eugênio, vindo ao chão de um salto, e ambos foram ajuntar as poucas vacas que ali andavam pastando.

- Arre! com mil diabos!... que bezerrada mofina! - exclamou o rapaz tangendo os bezerros. - Por que é que estes bezerros da tia Umbelina andam sempre assim tão magros?

Ora! pois, que é que você quer? mamãe tira quase todo o leite das vacas, e deixa um pinguinho só para os pobres bezerros. Por isso mesmo quase nenhuma cria pode vingar, e algum que escapa mamãe vende logo.

- E por que é que ela não te dá uma bezerrinha? aquela vermelhinha estava bem bonita para você...

- Qual!... não vê que ela me dá!... e eu que tenho tanta vontade de ter a minha vaquinha. Há que tempo Dindinha prometeu de me dar uma bezerra e até hoje estou esperando...

- Mamãe?... ora!... é porque ela se esqueceu... deixa estar, que eu hei de falar com ela... mas não, eu mesmo é que hei de te dar uma novilha pintada muito bonitinha que eu tenho. Assim como assim, eu tenho de me ir embora mesmo, que quero eu fazer com a criação?

- Como é isso?... - exclamou Margarida com surpresa. - Pois você vai-se embora?...

- Vou, Margarida; pois você ainda não sabia?...

- Eu não; quem me havia de contar? para onde é que você vai, então?

- Vou para o estudo, Margarida; papai mais mamãe querem que eu vá estudar para padre.

- Deveras, Eugênio!... ah! meu Deus!... que idéia!... e é muito longe esse estudo?

- Eu sei lá; eles estão falando que eu vou para Congonhas...

- Congonhas?... ah! já ouvi falar nessa terra; não é onde moram os padres santos?... ah! meu Deus! isso é muito longe!

- Qual longe!... tanta gente já tem ido lá e vem outra vez. Mamãe já mandou fazer batina, sobrepeliz, barrete e tudo. Quando tudo ficar pronto, eu hei de vir cá vestido de padre para você ver que tal fico.

- Tomara eu ver já!... você há de ficar um padrinho bem bonitinho!

- E quando eu for padre, você há de ir por força ouvir a minha primeira missa, não há de, Margarida?...

- Se hei de!... e também mais uma coisa, que hei de fazer... adivinha o que é?...

- O que é?... fala.

- Mamãe costuma dizer, que eu já estou ficando grande, e que daqui a um ano bem posso me confessar, e para isso anda me ensinando doutrina; mas eu não tenho ânimo de me confessar a padre nenhum... Deus me livre! tenho um medo... uma vergonha! mas com você é outro caso estou pronta, e por isso não quero me confessar enquanto você não for padre...

- Está dito, Margarida; prometo que há de ser você a primeira pessoa que hei de confessar; antes disso, não confesso pessoa nenhuma, nenhuma desta vida; eu te juro, Margarida.

- Muito bem! muito bem! está dito. Agora me conta, Eugênio; quando é que você vai-se embora?

- É para o mês que vem...

- Ah! meu Deus! pois já tão depressa! e você não há de ficar com saudade de mim!...

- Se fico!... muita, muita saudade, Margarida: - quando penso nisso fico tão triste, que me dá vontade de chorar.

- E eu, pobre de mim!... como vou ficar tão sozinha! com quem é que eu hei de brincar daqui em diante?... não sei como há de ser, meu Deus!...

Eram quase ave-marias. A sombra do crepúsculo ia de manso derramando-se pelas devesas silenciosas. A favor daquela funda e solene mudez, ouvia-se o débil marulho das águas do ribeiro, escorregando sob a úmida e sombria abóbada do vergel; um sabiá, pousado na mais alta grimpa da paineira, mandava ao longe os ecos do seu hino preguiçosamente cadenciado, com que parece estar acalentando a natureza prestes a adormecer debaixo das asas próprias da noite.

Os meninos quedos e taciturnos olhavam em derredor de si com tristeza. Pela primeira vez, cismas saudosas, anuviadas de um leve toque de melancolia, pairavam sobre aquelas frontes infantis. Dir-se-ia que, nos vagos rumores do fim do dia, estavam ouvindo o derradeiro adeus do gênio prazenteiro da meninice, e que, no dúbio clarão róseo que afogueava ainda a orla extrema do ocidente, entreviam o último sorriso da aurora da existência.

Foi Margarida quem interrompeu aquele triste silêncio.

- Meu Deus! - exclamou ela - o que estamos aqui fazendo embasbacados? há que tempo o sol já entrou, Eugênio! está ficando muito tarde. Vamos! vamos... toca as vacas.

- Eia! Dourada!... eia!... Minerva!... Duquesa!... eia!... eia!...

Eugênio correu a abrir a pequena tronqueira das vacas, que ficava além da ponte. Apartados os bezerros e passadas as vacas, Eugênio tornou a fechá-la e passando um braço sobre o ombro de Margarida, e esta enlaçando com o seu a cintura do companheiro, foram voltando calados e ainda sob a mesma impressão de tristeza, tangendo diante de si os bezerros até a casa de Umbelina, que ficava a uns quinhentos passos de distância.

Margarida recolheu-se a casa, e Eugênio, enfiando o caminho por onde viera, ganhou de novo a ponte e a tronqueira, deitou-se a correr pelo rincão afora dirigindo-se para a fazenda que ficava a meia légua de distância.

II

Eugênio era filho do capitão Francisco Antunes, fazendeiro de medianas posses. Trabalhador, bom e extremoso pai de família, liso e sincero em seus negócios, partidista firme, e cidadão sempre pronto para os ônus públicos, nada lhe faltava para gozar da maior consideração e respeito entre os seus conterrâneos.

Antunes tinha terras de sobejo para a pouca escravatura que possuía, e portanto dava morada em sua fazenda a diversos agregados, sem lhes exigir contribuição alguma, nem em serviço nem em dinheiro.

Entre esses agregados contava-se d. Umbelina, que, com sua filha Margarida e uma velha escrava, ocupava a casinha que descrevemos no capítulo antecedente. Umbelina vivia de sua pequena bitácula à beira da estrada, vendendo aguardente e quitandas aos viandantes, cultivando seu quintal, pensando suas vaquinhas, e da venda de frutas, hortaliças e leite sabia com sua diligência e economia tirar um sofrível rendimento.

Era uma matrona gorda e corada, de rosto sempre afável e prazenteiro; sua asseada e garrida casinha, alvejando entre o verdor das balsas e campinas que a circundavam, era uma confirmação palpitante do rifão, que diz - "não há traste que não se pareça com seu dono". - Eram, portanto, uma e outra mui próprias para atrair os viandantes, que não deixavam de apear-se à porta da bitácula da tia Umbelina, a fim de tomarem alguns refrescos ou provarem de suas excelentes quitandas.

Umbelina fora casada com um alferes de cavalaria, que havia morrido nas guerras do Rio Grande do Sul, deixando sua mulher e Margarida, sua única filhinha, ainda no berço, no estado da mais completa indigência. Antunes e sua mulher, que tinham antigas relações de amizade com o falecido alferes, e que eram padrinhos da menina, deram a mão à pobre e desvalida viúva, e a estabeleceram em suas terras.

Margarida teria pouco mais de ano, quando sua mãe foi morar na fazenda do capitão Francisco Antunes. Como Eugênio, filho deste, ainda em tenra idade, não tinha senão um irmão e uma

irmã muito mais velhos que ele, e que de há muito se tinham casado, e abandonando o ninho paterno tinha cada qual tomado o seu rumo, Margarida foi como um presente, que o céu lhe enviava para companheira dos brincos de sua infância. Por isso mesmo, os velhos donos da casa muito a estimavam, e a tratavam com todo o mimo, como se fora sua própria filha. Margarida bem o merecia: era uma encantadora menina, de muito bom natural e muito viva e engraçadinha.

Os dois meninos queriam-se como se fossem irmãos, andavam sempre juntos, e não se separavam senão à noite.

Um dia aconteceu-lhes um estupendo e singular incidente, que não posso deixar de referir.

A pequena Margarida, apenas na idade de dois anos, estando a brincar no quintal, desgarrou-se por um momento da companhia da rapariga que a vigiava, e da de seu camarada de infância. Quando este deu pela falta e foi procurá-la, encontrou-a assentada na relva junto de uma fonte a brincar... com que, Santo Deus!... a brincar com uma formidável e truculenta jararaca. A cobra enrolava-se em anéis em volta da criança, lambia-lhe os pés e as mãos com a rubra e farpada língua, e dava-lhe beijos nas faces. A menina a afagava sorrindo, e dava-lhe pequenas pancadas com um pauzinho que tinha na mão, sem que o hediondo animal se irritasse e lhe fizesse a mínima ofensa. Se o Gênesis não nos apresentasse esse terrível réptil como cheio de astúcia e malícia seduzindo a primeira mãe da humanidade e fazendo-a perder para si e para toda a sua descendência as delícias do paraíso terreal, dir-se-ia que até a serpente tem seus impulsos generosos e também sabe respeitar a fraqueza e a inocência da infância.

Mal o menino deu com os olhos naquele estranho e arrepiador espetáculo, rompeu logo em gritos.

- Mamãe!... mamãe!... bradava ele com quanta força tinha - olha cobra! uma cobra está comendo Galida!...

A mãe dele e Umbelina, que não andavam longe, ouvindo os gritos do menino acudiram logo pressurosas, pálidas e transidas de susto, armada cada uma de um comprido pau.

Ao avistarem a cobra enroscando-se nos braços e no pescoço da pobre menina estacaram horrorizadas, a testa se lhes inundou de suor frio, as pernas lhes tremeram, e pouco faltou para que rolassem no chão sem sentidos. Umbelina principalmente estava no mais angustioso transe; foi-lhe mister agarrar-se à estaca de um varal para não cair por terra. As duas mulheres não atinavam com o que deveriam fazer; atacando a cobra receavam assanhá-la e fazer com que mordesse a menina, ao mesmo tempo não podiam deixar; em tamanho perigo aquela pobre criança, que continuava a rir-se e a brincar com a cobra como se fosse uma boneca.

Passaram alguns instantes da mais cruel ansiedade, ao fim dos quais a serpente desenroscou-se e foi-se retirando tranqüilamente, e sumiu-se nas moitas.

Livres daquele primeiro susto, mas não de todo tranqüilas as duas senhoras correram apressadamente a revistar todo o corpo da criança, e tendo reconhecido que o terrível bicho não lhe havia feito nem a mais leve ofensa, levantaram as mãos ao céu derramando lágrimas de gratidão por tão singular benefício que tomaram por um milagre da Providência.

A senhora Antunes chamou logo em altos gritos os escravos, e ordenou-lhes que perseguissem e matassem a cobra. Umbelina, porém, não queria consentir que se fizesse mal ao animal que havia respeitado e afagado sua querida filha.

- É bicho mau, bem sei - dizia ela - mas esta... coitada!... parece não ser da laia das outras; a menina brincava com ela como se fosse um cão de fralda, e a bicha não lhe fez mal nenhum.

- Nada!... nada! - exclamava a outra. - Quem seu inimigo Poupa, nas mãos lhe morre. Sempre é um bicho que Deus excomungou. A comadre deve lembrar-se que foi uma serpente, que tentou Eva.

- Mas uma cobra, que em vez de morder lambe e afaga...

- Também a serpente do paraíso não mordeu Eva; arrastou-se a seu pés e afagou-a para melhor enganá-la.

- Ora, comadre, também a minha Eva ainda está muito pequenina para poder ser tentada pela serpente.

- É que já o bicho maldito a está pondo de olho para mais tarde fazer-lhe mal.

- Qual, comadre!... é porque até as cobras têm respeito à inocência...

- Fie-se nisso!... por sim por não, esta não me há de escapar.

Dizendo isto, a senhora Antunes, com todo o cuidado e precaução sondava com os olhos a moita em que a cobra se tinha sumido. Tendo-a enfim descoberto, encarou-a fixamente, e sem despregar dela os olhos, levou as mãos aos atilhos da cintura da saia, que começou a arrochar cada vez com mais força, murmurando certas orações e esconjuros cabalísticos.

É esta uma simpatia de que usam as nossas roceiras para tornarem as cobras imóveis e pregá-las por assim dizer em um lugar, e dizem que é de um efeito imediato e infalível.

Talvez o leitor não creia nessas coisas que chamam abusões do povo; mas o certo é, que desde o momento em que a senhora Antunes pregou os olhos na cobra e começou a arrochar a saia da cintura, a bicha parou imediatamente e não se mexeu uma linha do lugar em que estava, até que um escravo, chegando com um varapau, veio dar cabo dela.

O rapaz, depois de ter-lhe machucado bem a cabeça, suspendendo a custo o enorme bicho na ponta da vara, arremessou-o no gramal.

A cobra veio cair aos pés de Umbelina, que soltou um grito agudo e deu um salto para trás.

- O que é isso, comadre? está com medo? - exclamou a senhora Antunes com uma gargalhada. Pois não quer ver o lindo e inocente bichinho, que ainda agora estava-lhe beijando a filha?

- Jesus!... santo nome de Jesus! - bradou Umbelina persignando-se e olhando de través o hediondo animal, que se estorcia no chão. - Que bicho medonho!... de que escapou minha pobre filhinha!...

- Ah!... já está vendo?... a comadre deve um favorão a Deus por ter permitido que a cobra não mordesse a menina.

- Anda cá Josefa! - continuou ela, dirigindo-se à escrava. - Daqui em diante mais cautela com estas crianças, ouviste? não te arredes de perto delas... se as deixares outra vez por aí sozinhas, lavro-te de relho, pasmada, e ponho-te na roça com uma enxada na mão... olha a cara desta desmazelada!... está sonsa, que nem para tomar conta de umas crianças tem préstimo!...

O extraordinário incidente foi por muitos dias o assunto da conversação naquela casa.

Umbelina via nele um milagre, pelo qual dava infinitas graças ao céu apertando nos braços a filhinha que, como ela dizia, tinha nascido naquele dia. A mulher de Antunes porém, que tinha o espírito propenso a acreditar em superstições e agouros, teimava em ver naquilo um sinistro prenúncio, que ela mesma não sabia explicar.

III

Margarida, pois, não saí a quase de casa do capitão Francisco Antunes onde, conduzida por sua mãe entrava pela manhã, e não saía senão à tardinha. Muitas vezes mesmo acontecia-lhe dormir lá, quand$_0$ fazia mau tempo, ou quando os afazeres de Umbelina não lhe permitiam ir buscá-la.

À medida que a menina ia crescendo, a senhora Antunes como boa madrinha que era, ia-lhe ensinando o que a sua tenra idade comportava, e desde e os cinco anos lhe pôs nas mãos a agulha e o dedal.

Margarida, por sua graça e gentileza, extrema docilidade e precoce vivacidade, era mui querida de todos, e inseparável de Eugênio.

Assim foi-se criando e fortalecendo desde o berço entre aquelas duas almas infantis uma viva e profunda afeição, que dia a dia mais afundava as raízes naqueles dois tenros corações, como em uma terra fresca e cheia de seiva. Eram como duas flores silvestres em botão, nascidas da mesma haste, nutrindo-se da mesma seiva, acariciadas pela mesma aragem, que ao abrirem-se cheias de viço e louçania encontravam-se sorrindo-se e namorando-se em face uma da outra, e balanceando-se às auras da solidão procuravam beijar-se trocando entre si eflúvios de amor. De dia em dia crescia essa mútua amizade entre as duas crianças, como um cipó, que nascendo entre dois tenros arbustos vizinhos se enleia em torno deles e confunde seus galhos tornando-os como um só.

Não eram ainda Romeu e Julieta; m[illegible]s eram ins[illegible]ráveis como Pau[illegible] Virgínia v[illegible]deando pelas sombras dos pitorescos bosques da Ilha de F[illegible]ça.

Entretanto Eugênio tocava já aos seus nove anos, [illegible]m dia foi p[illegible]iso mandá-lo [illegible]ar na [illegible]ia em casa de um parente, a fim de freqüentar a esco[illegible]e primeiras l[illegible]s.

Ah! foi esse um dia de prantos e desolação naquel[illegible]equena família. Pa[illegible]a que ela [illegible]ia sido fulminada por alguma grande desgraça. Umbelina e a dona da casa ralhavam e ai[illegible]am, sorriam e choravam ao mesmo tempo; os meninos resmungavam queixas e soluçavam p[illegible] cantos da casa. O pai gritava, enternecia-se e exasperava-se alternativamente à vista

- Não queres... isto já é muito travessear... é preciso sossegar um pouco... não paras um instante ao pé de mim. Não gostas de teu pai, nem de tua mãe?...

- Gosto, mamãe...

- Qual!... não gostas. De manhã apareces apenas para tomar a bênção, tomas à pressa o teu café com leite, e depois... adeus, Sr. Eugênio, passe por lá muito bem até à hora de jantar, ou até à noite!... Isto não vai bem!.. estou zangada contigo.

- E se eu contar a mamãe por que é que eu fico lá tanto tempo, mamãe fica zangada comigo?

- Eu sei!?... conforme... fala; que é, então?...

- Pois mamãe sabia que a tia Umbelina me pediu para ensinar a ler à Margarida...

- Deveras, meu filho?... - interrompeu a mãe rindo-se muito. - Que galante mestrinho tem a minha afilhada! por Deus que não sei qual dos dois mais precisará de bolos, o mestre ou a discípula.

- Mamãe está caçoando!... pois é deveras, estou ensinando a ler à Margarida.

- Está bom, meu filho; mas para isso será preciso gastar todo o dia!... o teu mestre porventura te estava ensinando o dia inteiro?...

- Mas, mamãe, a tia Umbelina quer que ela aprenda depressa; e é preciso eu dar a ela duas, três e quatro lições por dia. Daqui lá é bem longe, eu não posso estar de lá para cá, e de cá para lá a toda a hora.

- Arre, nem com tanta sede ao pote!... mas, meu filho, isso não pode continuar; eu quero ver-te mais vezes perto de mim.

- Só se mamãe pedisse à tia Umbelina, que Margarida viesse para cá...

A mãe sorriu-se.

- Isso não é mais possível, Eugênio - tornou ela. - Bem vês que Margarida já está ficando grande; já ajuda sua mãe, que precisa muito dela...

- Qual, mamãe!... o que Margarida faz em casa, eu e ela indo para lá de tarde fazemos num instante... é recolher os bezerros, dar milho às galinhas... ora bolas!... isso custa nada?... a costura ela pode trazer para cá...

- Para tudo achas remédio... mas isso não pode ser assim...

- Então mamãe não quer que eu vá mais lá? - disse o menino quase a chorar.

- Não é isso, filho. Não te digo que não vás; mas é preciso voltar mais cedo, e não ficar lá o dia inteiro. A tua casa é aqui e não lá.

As coisas não passavam destas brandas repreensões, antes queixas da mãe de Eugênio. Este continuava sempre com a mesma assiduidade ao pé de Margarida; todavia o mais que fazia em atenção às ordens ou antes ao pedido de sua mãe, era voltar - às vezes - mais cedo para casa, com grande sacrifício de seu coração. Os pais sorriam-se cheios de satisfação da ingenuidade do "mestrinho", como daí em diante o chamavam, e não lhe levavam a mal as suas longas e quotidianas ausências.

Eugênio não mentia, quando disse a sua mãe que ensinava a ler a sua companheira de infância. O viandante, que por ali transitasse naquela época, teria por vezes ocasião de contemplar à sombra das paineiras junto à pontezinha de que já falamos, um curioso e interessante grupo: um esbelto rapagote de cerca de doze anos assentado na grama, e com um braço passado sobre o ombro de uma gentil menina um pouco mais nova, apontando-lhe as letras do alfabeto.

Eugênio era dotado de índole calma e pacata, e revelava ainda na infância juízo e sisudez superior à sua idade; tinha inteligência fácil e boa memória. Além disso mostrava grande pendor para as coisas religiosas. Seu principal entretimento, depois de Margarida, cuja companhia preferia a tudo, era um pequeno oratório, que zelava com extremo cuidado e trazia sempre enfeitado de flores, pequenas quinquilharias e ouropéis. Diante deste oratório, o menino se extasiava fazendo o papel de capelão, rezando terços e ladainhas e celebrando novenas com a regularidade e com uma gravidade verdadeiramente cômica. Seus assistentes eram os crioulinhos da casa, e às vezes ele tinha por sacristão a Margarida, que com isto muito se encantava.

Em vista de tudo isto os pais entenderam que o menino tinha nascido para padre, e que não deviam desprezar tão bela vocação. Assentaram, pois, de mandá-lo estudar e destiná-lo ao estado clerical.

Naquelas épocas de crença viva e piedade religiosa, ter um filho padre era um prazer, uma glória, de que muito se ufanavam os pais e as mães de família, e mesmo hoje, principalmente entre os nossos morigerados e religiosos fazendeiros, não falta quem pense que não pode haver carreira mais bonita, mais santa, nem mais honrosa. Assim pensamos também, quando aqueles que a abraçam a exercem nobre e dignamente.

Na véspera do dia, em que tinha de partir para o seminário de Congonhas do Campo, Eugênio que tinha ido à casa de Umbelina despedir-se dela e de sua filha, demorou-se mais do que de costume. Foi preciso mandar buscá-lo. Foram achá-lo no sítio, em que já o vimos por vezes, debaixo das paineiras, abraçado com Margarida, e ambos a chorar.

Embebidos em sua profunda mágoa, nem pressentiam a noite que vinha descendo, e ali ficariam chorando até o romper d'alva, se não os viessem despertar daquele doloroso letargo.

Que belo prelúdio para quem se destinava ao estado clerical!...

IV

Eis o nosso herói transportado das livres e risonhas campinas da fazenda paterna, para a monótona e austera prisão de um seminário no arraial de Congonhas do Campo, de barrete e sotaina preta, no meio de uma turba de companheiros desconhecidos; como um bando de anus pretos encerrados em um vasto viveiro.

Que mudança radical de vida!... que meio tão diferente daquele em que até então tinha vivido!... Essa transplantação devia modificar profundamente a existência do arbusto tão violentamente arrancado do solo natal.

Antes porém de prosseguirmos, repousemos um pouco nossas vistas sobre o pitoresco edifício do seminário e especialmente sobre a alva e formosa Capela do Senhor Bom Jesus de Matosinho, que em frente dele se ergue no alto da colina, como a branca pomba, da aliança pousada sobre os montes.

Ali ela refulge como um fanal de esperanças ao triste caminheiro estafado e perdido pelas escabrosas sendas da vida como um refúgio de paz aos aflitos peregrinos do vale das lágrimas, como um cofre das graças e perdões da misericórdia divina, oferecendo alívio e cura a todos os sofrimentos do corpo, consolação e refrigério a todas as atribuições do espírito.

O fato é o que aí vão procurar, e quase sempre encontram, milhares de peregrinos e romeiros, que, partindo dos pontos mais afastados, vêm ajoelhar-se ao pé do altar do Bom Jesus, suplicando-lhe a cura, de suas enfermidades, e alívio a suas dores.

Sobe-se ao adro da capela por uma escadaria de dois lances flanqueados de um e outro lado pelos vultos majestosos dos profetas da antiga lei, talhados em gesso, e de tamanho um pouco maior que o natural.

É sabido que estas estátuas são obra de um escultor maneta ou aleijado da mão direita, o qual, para trabalhar, era mister que lhe atassem ao punho os instrumentos.

Por isso sem dúvida a execução artística está muito longe da perfeição. Não é preciso ser profissional para reconhecer nelas a incorreção do desenho, a pouca harmonia e falta de proporção de certas formas. Cabeças mal contornadas, proporções mal guardadas, corpos por demais espessos e curtos e outros muitos defeitos capitais e de detalhes estão revelando que esses profetas são filhos de um cinzel tosco e ignorante... Todavia as atitudes em geral são características, imponentes e majestosas, as roupagens dispostas com arte, e por vezes o cinzel do rude escultor soube imprimir às fisionomias uma expressão digna dos profetas.

O sublime Isaías, o terrível e sombrio Habacuc, o melancólico Jeremias são especialmente notáveis pela beleza e solenidade de expressão e da atitude. A não encará-los com as vistas minuciosas e escrutadoras do artista, esses vultos ao primeiro aspecto não deixam de causar uma forte impressão de respeito e mesmo de assombro. Parece que essas estátuas são cópias

toscas e incorretas de belos modelos da arte, que o escultor tinha diante dos olhos ou impressos na imaginação.

Mesmo assim quanto não são superiores às quatro disformes e gigantescas caricaturas de pedra, que ornam... quero dizer, que desfiguram os quatro ângulos da cadeia de Ouro Preto!

O seminário, que nada tem de muito notável, é um grande edifício de sobrado, cuja frente se atravessa a pouca distância por detrás da igreja, tendo nos fundos mais um extenso lance, um pátio e uma vasta quinta. Das janelas do edifício se descortina o arraial, e a vista se derrama por um não muito largo, porém formoso horizonte.

Colinas bastantemente acidentadas, cobertas de sempre verdes pastagens e marchetadas aqui e acolá de alguns capões verdes-escuros formam o aspecto geral do país. Por entre elas estendem-se profundos vales, e deslizam torrentes de águas puras e frescas à sombra de moitas de verdura e bosquetes matizados de uma infinidade de lindas flores silvestres.

Em torno e mais ao longo um cinto de montanhas verdes, ante colinas mais elevadas, cobertas de selvas e pastagens, parecem envolver com amoroso abraço aquele solo santo em que, segundo a lenda, o Bom Jesus revelou por evidentes e repetidos milagres queria que ali se erguessem seu templo e seus altares.

Da frente da capela por uma extensa e íngreme ladeira, desce uma rua extremamente irregular e tortuosa, que vai terminar à margem do pequeno rio Maranhão, que divide o arraial em dois, comunicando-se por uma ponte de madeira.

Na parte superior dessa rua, que forma um espaçoso largo vêem-se algumas cúpulas ou pequenas rotundas de pedra, dentro das quais se acham figurados os passos da paixão de Cristo em imagens de tamanho natural, e são especial objeto da veneração e curiosidade de quantos visitam aquela localidade.

O arraial derramado em ruas irregulares pelo pendor das colinas em uma e outra margem do rio, tem um aspecto alegre e pitoresco, e seus arredores monticulosos apresentam às vezes risonhas paisagens e aprazíveis perspectivas.

Eis o novo cenário, a que havemos transportado o nosso herói. O espetáculo não podia, deixar de ser curioso e interessante, e nem a nova fase de vida em que ia entrar deixaria de ter encantos para um menino que tanto gostava das práticas de devoção religiosa, e tão forte tendência mostrava para o misticismo. Contudo, aquele filho do sertão, acostumado a percorrer os campos e bosques da fazenda paterna, não pôde a princípio deixar de estranhar a severa reclusão e imprescritível regularidade daquela vida monótona e compassada do seminário. Mas, o gênio pacato e a extrema docilidade de Eugênio, ajudados pela bossa da beatividade ou veneratividade, que a tinha muito desenvolvida, fizeram com que em menos tempo do que qualquer outro se habituasse e tomasse gosto mesmo pelo seu novo gênero de vida, como se fosse o elemento em que nascera.

Só uma coisa perturbava o seu bem-estar, e lançava uma sombra na limpidez e serenidade do seu horizonte. Era a saudade imensa, que tinha, do lar paterno e especialmente de Margarida, saudade que nem o tempo, nem os seus novos hábitos e ocupações puderam jamais arrancar-lhe do coração.

Nas orações, na igreja, no recreio, nas horas de estudo e de repouso, Eugênio encontrava sempre mil motivos que lhe avivavam na idéia a imagem de Margarida.

Na missa, ao entrar na igreja na fila de seus companheiros, se perpassando um olhar rápido e furtivo pelo grupo das mulheres ajoelhadas abaixo das grades divisava entre elas alguma linda e graciosa menina, se lhe afigurava ver Margarida, e se não fora o regente, que postado por detrás dos estudantes passeava sobre eles olhares severos e vigilantes,

Eugênio não resistiria à tentação de olhar para trás algumas vezes, a fim de iludir as saudades de Margarida contemplando uma criatura que com ela se parecesse.

De madrugada aos domingos, Eugênio acordava em sua cama ao som dos hinos sagrados, que o povo assistindo à missa matinal entoava na capela. No meio daquela multidão de vozes de todos os timbres e volumes, que faziam restrugir o santuário e ecoavam por fora em acentos melancólicos e solenes, ele distinguia uma voz argentina, fresca e suave, Margarida lhe acudia ao pensamento. Margarida, quando defronte do pequeno oratório entoava esses cânticos singelos e tocantes, repassados de mística piedade, que ambos sabiam de cor desde a mais tenra infância. Era assim que Margarida cantava! Eugênio abandonava-se a uma espécie de êxtase cheio de voluptuosidade; sua alma subia ao céu nas asas do amor e da devoção, porém envolta em uma sombra de melancolia.

Depois do meio-dia e à tardinha, a sineta do seminário tangia alegre a hora do recreio.

Então, a turba dos seminaristas com suas batinas e barretes negros, divididos em quatro turmas segundo as idades - grandes, médios, submédios e meninos - despenhava-se fora das portas como uma nuvem de melros pretos a quem se abriu a entrada do viveiro, e se derramava pelo pátio, pelo quintal, pelo adro da capela e pelas colinas vizinhas, uns tagarelando, outros assobiando ou cantando, outros tocando variados instrumentos de sopro, fazendo uma algazarra confusa, imensa, atroadora.

O regente dos submédios, entre os quais se achava Eugênio, costumava dirigir sua turma para o lado do quintal a uma extensa esplanada ou terraço formado por um muro, que serve de cerco à quinta, cujo terreno mais elevado fica, a cavaleiro sobre uma rua erma e quase sem casas, que corre ao lado do seminário.

Há nessa esplanada um belo grupo de magníficas castanheiras silvestres, e viam-se também ali naquele tempo frescos e sombrios caramanchões de maracujá, e lindas latadas de flores trepadeiras. Gozava-se um ambiente fresco e perfumado, e a vista, se expandia ao longe por alegres e formosos horizontes.

Enquanto seus companheiros brincavam, corriam, saltavam, balouçando-se em gangorras ou trepando pelas árvores, Eugênio se isolava, e sentado no paredão olhava para os outeiros e espigões que se desdobravam diante de seus olhos.

Se via um grupo de mulheres passeando ao longo das colinas verdes, e entre elas alguma menina, seu coração suspirava. Margarida! murmurava ele, e aquele nome tão doce, que lhe escapava como um soluço do fundo do coração, ia morrer nas asas da brisa perfumada, abafado pela algazarra de seus alegres companheiros. Era um arrulho de juritis perdido no meio da atroadora garrulice dos melros.

Outras vezes ficava olhando para o ocidente. Era desse lado que ficava a sua terra natal. Por largo tempo ficava com os olhos pregados nas nuvens brilhantes, que como franjas de ouro pairavam sobre os cumes das últimas colinas, e lá iam boiando a atufar-se no vapor esbraseado do ocidente. Ele se transportava em espírito para o seio daquelas nuvens de ouro, donde pensava poder-se enxergar as colinas e vargedos da fazenda paterna, e dali conversava com a saudosa companheira de sua infância. Tinha inveja da andorinha e do corvo, que talhando os ares lá se iam perder nas douradas brumas do ocaso demandando os sítios venturosos onde morava a bem querida do seu coração, e pesaroso por não poder acompanhá-los dizia-lhes do íntimo d'alma: - dai saudades a Margarida!

O sino da capela badalando ave-marias o vinha despertar daquelas doces e saudosas cismas.

- Anda, sorumbático!... vamos, meu sonso!... que estás aí banzando? bradavam-lhe seus galhofeiros e alegres companheiros.

Então os meninos, descobrindo-se com as mãos postas dentro de seus barretes, os olhos baixos, e a fronte venerabunda postavam-se em semicírculo em face do regente, e murmuravam em voz baixa a prece das Ave-Marias.

Eugênio, posto que com o espírito preocupado pelas inquietações e saudades de um afeto terreno, rezava com mais fervor e recolhimento do que seus frívolos e descuidosos companheiros. Seu espírito apurado ao fogo de um amor infantil e casto, como o sutil e rosado vapor da manhã, despegava-se da terra com facilidade remontando ao firmamento.

As puras e santas afeições da alma, longe de a desviarem do caminho do céu, são asas com que mais depressa se eleva ao trono de Deus.

V

No seminário o menino Eugênio era um exemplo de boa conduta e aplicação. Cordato, dócil e obediente, depressa granjeou a benevolência e estima dos padres, e a simpatia de seus companheiros. No estudo, porém, não deu a princípio muito boas contas de si, nem apresentou os progressos que eram de esperar de sua boa memória e inteligência.

A imagem de Margarida e a saudade do lar paterno enchiam-lhe de sombra o espírito e o coração para deixarem lugar às fastidiosas lições de gramática latina. O compêndio de Antônio Pereira foi para ele um pesadelo, diante do qual teve de gemer e suar por alguns meses. Lia e relia as páginas da lição a ponto de as esfarelar para conseguir gravar na memória algumas palavras. É que eram seus olhos somente que passeavam por sobre aquelas letras mortas, que nada diziam ao seu espírito.

Aquelas definições e classificações tão frias e áridas, aquelas enfiadas enfadonhas de declinações e conjugações, como um bando de morcegos e corujas, recusavam-se obstinadamente a penetrar no cérebro inflamado do adolescente, onde como em um santuário ardente e luminoso fulgurava incessantemente a imagem de Margarida. Se desde o começo lhe tivessem posto nas mãos o livro dos *Testes* de Ovídio ou as *Éclogas* de Virgílio, talvez aquela calma impressionável e apaixonada se tivesse mais depressa congraçado com o latim.

Foi pois com muita lentidão e um insano trabalho, que só a muita perseverança e força de vontade tornara suportável, que Eugênio conseguiu ir gravando na memória os seus rudimentos de latim.

Entretanto, era preciso saber para ser padre, e portanto Eugênio entregava-se ao estudo com um ardor inexcedível, e fazia esforços inauditos para banir do espírito a sedutora visão que o perturbava. Neste empenho a sua tendência ao misticismo e à vida religiosa vieram eficazmente auxiliá-lo, e mesclando-se às suas afeições terrenas contribuíram para extingui-las até certo ponto, tirando-lhes o caráter ardente e inquieto, e confundindo-as com aquele culto respeitoso e sereno, com aquela adoração calma e extática, que o menino consagrava à Virgem Mãe de Deus.

Amor e devoção se confundiam na alma ingênua e cândida do educando, que ainda não compreendia a incompatibilidade que os homens têm pretendido estabelecer entre o amor do criador e o amor de uma das suas mais belas e perfeitas criaturas - a mulher; a mulher, que Deus criou para amar e ser amada, a mulher que sem o amor é como a caçoula de perfumes, a que o ministro do templo esqueceu-se de comunicar o fogo santo, que os faz arder e subir em nuvens recendentes a beijar os pés de Deus.

Assim, o coração naturalmente afetuoso e terno de Eugênio, não podendo dar ampla expansão a seus afetos mundanos, se refugiava no ascetismo da devoção religiosa, e derramava-se com efusão aos pés do altar, sem que esse culto da divindade excluísse dele o terno sentimento que experimentava por Margarida, sentimento de que ele ainda ignorava a natureza, e nem lhe sabia o verdadeiro nome.

Volvendo ao céu o pensamento nas asas da oração, nessas horas de êxtase e de místico recolhimento, por entre os coros de anjos que rodeavam o sólio estrelado da Rainha de todos os santos, ele entrevia o faceiro e mimoso rosto de Margarida, e adorava-a também.

Assim essa afeição pura e casta, a qual se ainda não era o amor, era a sua fecunda e brilhante crisálida, amenizava e como que embalsamava com seu tépido bafejo os atos de devoção e a austeridade da vida claustral, enquanto a devoção, por seu lado, mitigando os ardores e impaciências daquele sentimento, impedia que se torna

Notando as felizes disposições de Eugênio, os padres não podiam deixar de nutrir a esperança de vê-lo no seu grêmio, e para esse fim empregavam desde já habilmente os meios convenientes.

Passaram-se assim doze anos, em que a vida correu para Eugênio, senão descuidosa e prazenteira como na fazenda paterna, ao menos serena e sem dissabores. Cada vez mais estimado dos padres e benquisto de seus companheiros, à medida que seu coração se ia acalmando, sua inteligência se desobumbrava, e fazendo rápidos progressos compensava largamente o tempo perdido com a dificuldade dos primeiros esforços.

É verdade que a imagem de Margarida nunca lhe saía do coração mas já não o incomodava tanto, nem lhe agitava espírito como outrora.

Ela lhe aparecia como a figura de um anjo, desenhando-se ao longe e sorrindo-lhe tristemente por entre as brumas melancólicas do horizonte pavoroso. A lembrança de Margarida era já em sua alma essa saudade meiga e maviosa, que nos espreme o coração, e dele faz borbotar lágrimas de fel e de sangue.

Passados dois anos, porém, um incidente veio perturbar a uniformidade suave e serena, se bem que um pouco melancólica, da vida de Eugênio. Um dia, a íntima confiança que merecia de seus mestres e diretores, ia-se abalando profundamente.

Eugênio já tinha entrado para a terceira classe de latim, e começando a traduzir o livro dos *Tristes* de Ovídio e as *Éclogas* de Virgílio sentiu-se tomado de um vivo gosto pela poesia. Para isso o predispunham sua terna sensibilidade e ardente imaginação. Só esperava a mão que viesse correr aos olhos de sua inteligência inesperta o véu que encobre esses desconhecidos e encantados horizontes, essas paisagens fantásticas e deslumbrantes, tão cheias de magia, de luz e de harmonia em que os espíritos elevados encontram tão grato abrigo contra a insipidez e as asperezas da vida real.

Virgílio, de um lado, e Ovídio, do outro, deram-lhe as mãos e o introduziram no templo da harmonia.

Era mais um precioso achado para aquela imaginação esta viva e brilhante, para aquele coração tão rico de afetos. Mais uma corda virgem acabava de ser vibrada naquela feliz e delicada organização. À devoção e ao amor vinha juntar-se mais um novo encanto na vida do adolescente; mais um eco acordava melodioso no seio dessa alma tão cheia de harmonias íntimas e misteriosas.

Religião, amor, poesia, eis os elementos, que bastavam para encher aquela existência e torná-la a mais feliz do mundo. Eram como três anjos de asas de azul e ouro, que esvoaçavam de contínuo em torno dessa alma infantil e cândida, e a arrebatavam aos céus em gozos inefáveis.

Eugênio, pois, ao ler os primeiros versos de Virgílio, sentiu na fronte o bafejo do anjo da poesia que lhe dava, à alma como um sentido mais, abrindo nela uma nova fonte de suaves e inefáveis emoções. As Éclogas do imortal Mantuano o encantavam. As cenas do amor bucólico o arrebatavam, retraçando-lhe na fantasia em cadentes e melodiosos versos os singelos e aprazíveis painéis da vida campesina, em que tantas vezes ele figurava como ator, e fazendo-lhe lembrar com a mais viva saudade o ditoso tempo em que, junto com Margarida errante pelos

vargedos e colinas da fazenda paterna, lidava com o pequeno rebanho de Umbelina. A não ser padre santo - que era até então a sua mais forte aspiração -, a vida que mais lhe sorria à imaginação era a de pastor, contanto que fosse em companhia de Margarida.

Não contente com admirar e sentir as belezas desses grandes poetas, Eugênio, que tinha em si um grande fundo de sentimento e calor poético, ensaiava-se às vezes procurando traduzir em estrofes as emoções de seu coração, e as imagens que lhe pululavam no espírito. E quem senão Margarida, aquela beleza em botão poderia inspirar os cantos daquela musa ainda no berço?...

Mas, um dia, Eugênio esteve a ponto de perder todo o bom conceito e estima, que até então tinha merecido de seus preceptores.

Eugênio se ocupava às vezes em escrever algumas coisas, que não eram os seus temas de latim, e escondia cuidadosamente esses manuscritos, em que cismava longamente. Como os meninos estudavam e dormiam em um vasto salão aberto, esta circunstância não pôde escapar aos olhos escrutadores e perspicazes do regente. Picado de curiosidade, este entendeu que devia saber o que continham aqueles papéis. Portanto, na hora do recreio, incumbindo a outro o cuidado de levar os meninos a passeio, deixou-se ficar no salão, e foi dar busca aos papéis de Eugênio, esperando não encontrar entre eles afora as listas de significados e os temas de latim, senão algum esboço de sermão ou talvez algum ensaio de hinos religiosos, com cuja leitura já de antemão se regalava sua ávida curiosidade.

De fato, encontrou alguns esboços informes nesse gênero, mas qual não foi a sua surpresa, quando entre esses papéis encontrou também uma longa carta escrita no tom mais sentimental e uma porção de versinhos amorosos dirigidos a uma rapariga de nome Margarida!? Que terrível auto de corpo de delito! Que sentença esmagadora, que anátema tremendo pairava então sobre a cabeça de Eugênio, que a essa hora sentado como de costume no paredão da esplanada do quintal, tranqüilo e descuidoso cismava saudades da sua Margarida!...

VI

Os versos de Eugênio eram apenas alguns ensaios incompletos e de forma tosca e imperfeita, e estrofes sem nexo esparsas aqui e acolá em pequenas tiras de papel. Eram as primeiras tentativas de um estro infantil que ensaiava os vôos, como o passarinho novo que não podendo ainda lançar-se pelo espaço, contenta-se com esvoaçar em torno do ninho.

O regente, que era também o seu professor de latim e muito curioso de espécimes desse gênero, conservou alguns desses versos, que lhe pareceram menos toscos e mais bem acabados, como as duas seguintes coplas:

Longe de teus lindos olhos,
Ó Margarida,
Passo a noite, passo o dia
Em cruel melancolia;
Ai! triste vida!

.....

Que importa estejas ausente
Ó bem querida;
O teu formoso semblante
Estou vendo a cada instante,
Ó Margarida.

No gênero bucólico o que havia de mais completo e inteligível, era o seguinte:

Enquanto o nosso gado vai pastando
A verde relva ao longo da ribeira,
Vamos, Menalca, repousar um pouco
A sombra da paineira.

Ali tu ressoando a doce avena
A Clore cantarás que é tua vida;
E eu te escutando chorarei saudades
Da minha Margarida.

.....

Mas basta; a sombra desce dos outeiros,
E o sol se esconde atrás daquela ermida,
É tempo de ir buscar o manso gado
Da minha Margarida.

O padre regente, conquanto admirasse o precoce talento poético do menino, foi às nuvens com semelhante descoberta, e tratou logo de seqüestrar e ir meter nas mãos do padre-mestre diretor aqueles execrandos papéis, à exceção de alguns poucos que como apreciador do talento de seu aluno quis conservar consigo.

O diretor, cheio de assombro e altamente escandalizado, resolveu chamar à sua presença e interrogar com todo o rigor o autor daquelas libertinagens, disposto a castigá-lo severamente.

- Que hipócrita! - exclamava o padre, cheio de santa indignação. - Em tão tenra idade e já com o coração tão corrompido!... ah! velhaquete!... e andava-me aqui com carinha de santo!... que castigo merece uma hipocrisia tal!...

Pobre menino!... aquela ingênua expansão de uma alma pura e afetuosa, que sabia ainda conciliar o culto do criador com o de criança, que se expandia como uma flor aos primeiros raios da aurora exalando perfumes de poesia, era pelo contrário aos olhos do fanático preceptor um pecado abominável, uma revoltante hipocrisia.

Portanto, depois que os seminaristas se recolheram do recreio e que a sineta deu sinal da hora do repouso, Eugênio foi intimado pelo seu regente para comparecer no quarto do padre-mestre diretor.

Este chamado era terrível. De ordinário só tinha lugar quando o estudante tinha incorrido em alguma grave falta, e era, quase sempre seguido de severas repreensões e por vezes de exemplares e rigorosos castigos. Transido de terror, posto que a consciência nada lhe argüisse, pálido e trêmulo como um réu, que vai ouvir a sentença de sua condenação, o pobre menino atravessou os longos corredores, e encaminhou-se para o cubículo do diretor, que ficava na extremidade do edifício.

- Então, senhor Eugênio, que papéis são estes? - foi-lhe logo perguntando sem mais preâmbulos o padre-mestre, com voz áspera e sobrolho carregado, e mostrando os papéis que tinham sido subtraídos da pasta do menino.

Eugênio reconheceu logo os seus papéis; ficou fulminado e lívido como um defunto. Quis responder, mas não atinava com o que havia de dizer. Tremendo e confuso abaixou a cabeça e calou-se.

- Que papéis são estes, senhor Eugênio? não me responderá?... continuou o padre com voz cada vez mais áspera.

Eugênio não respondia. Em pé, imóvel e de braços cruzados em frente do padre, que se achava sentado junto a uma mesa, dir-se-ia que a vergonha e o terror o tinham petrificado, se não fora um leve tremor que lhe agitava o corpo desde a cabeça até os pés.

- Com efeito, senhor estudante! - prosseguiu o padre com a voz grave e solene - quando nós todos aqui o tínhamos no conceito do melhor e mais bem comportado dos estudantes; quando eu o apontava como um exemplo a seus companheiros, cai-lhe enfim a máscara, e o senhor mostra que não é senão o tipo da mais rematada hipocrisia!... é incrível... entretanto é a pura verdade?... Que quer dizer esta carta?... estes versinhos? que abominação é esta? explique-me isto, senhor Eugênio. Então toda essa sua devoção, que tanto nos edificava, essa carinha de santo, esses seus modos humildes não eram mais do que uma máscara para nos enganar, e que encobria um libertino? é assim que corresponde aos louváveis desejos de seu pai, que tanta vontade tem de vê-lo padre? diga-me, não se peja dentro da consciência do triste papel que está fazendo?...

Que sermão para um menino de quinze anos e para uma alma tímida, boa e sensível como a de Eugênio.

Eugênio ficou aterrado. Tanto a sua língua como a sua inteligência ficaram como que paralisadas ao choque daquela furibunda apóstrofe. Sua surpresa e estupefação eram completas. Nunca lhe passara pela cabeça, que querer bem a uma criança como ele, e fazer-lhe versos fosse uma abominação, um horroroso pecado, e se procurava ocultar esses produtos do seu estro infantil era mais por acanhamento e por uma espécie de pudor instintivo, e não porque tivesse consciência de cometer um ato repreensível.

O menino estava em torturas, mas enfim era preciso responder alguma cousa.

- Senhor padre!... me perdoe... - pôde ele enfim responder balbuciando e tremendo. - Eu não sabia... que isso era proibido...

- Isso o quê?

- Fazer versos...

- Mas que qualidade de versos, senhor estudante?... fazer versos a Deus, aos santos, aos anjos, isso também os santos padres da igreja já os faziam, Vm. também lá os tinha no seu calhamaço de envolta com estas abominações... mas este sacrilégio!... E não me fará o favor de dizer quem é esta Margarida?

- É uma pobre criança, senhor padre, uma menina minha vizinha, e que foi criada junto comigo.

- Ah!... mais essa!... tão criança, e já tinha lá em sua terra dessas relações pecaminosas!... e o senhor seu pai porventura não sabia disso, quando o mandou para cá a fim de o educarmos para padre? é essa a bela vocação, que ele tanto exaltava? que guapo padre, que em vez de estudar e rezar ocupa-se em fazer cartas e versinhos de amores?...

- Mas, senhor padre... eu não mandei a carta nem os versos para a Margarida...

- Porque não pôde... e que importa isso?... bastava pensar em tais coisas para cometer um grande pecado, e Vm. não só pensou, como escreveu. Essas paixões pecaminosas e torpes não se devem aninhar no coração de ninguém, e muito menos no de um menino, que se destina ao estado eclesiástico. Meu amiguinho, se pretende continuar com essas abominações, arranque já do corpo essa batina, deite fora esse barrete que está profanando e vá-se com Deus para casa de seus pais. Não consentiremos que esteja aqui pervertendo os outros com seu pernicioso exemplo. Pode estar certo, que puniremos mais severamente a hipocrisia do que o escândalo. Este não é tão perigoso.

- Oh! senhor padre!... senhor padre! perdoe-me pelo amor de Deus! - exclamou Eugênio caindo de joelhos aos pés do padre, e não podendo continuar, levou ao rosto as mãos, e desatou numa torrente de lágrimas e soluços.

Um pouco comovido com aquela cena o padre pegou-lhe no braço, fê-lo levantar-se e disse-lhe em tom mais brando:

- Está bem!... está bem!... não esteja aí a chorar. Quero acreditar que tudo isto não foi senão efeito da ignorância e simplicidade; mas fique advertido de uma vez para sempre... Levante-se, filho de Deus, enxugue essas lágrimas e faça firme protesto de não cair mais nessas libertinagens. Aqui estão os seus papéis; quero que os queime com as suas próprias mãos, e não pense mais nessa Margarida, que o ia lançando no caminho da perdição.

O padre fez acender uma veia, e o estudante com a mão trêmula nela queimou, como se fossem sacrílegos, aqueles inocentes produtos da sua musa infantil.

- Muito bem! - disse o padre vendo caírem no chão uma após outra as folhas denegridas dos papéis queimados. - Muito bem! agora é preciso também queimar nesse coraçãozinho inexperiente o lixo das paixões mundanas e pecaminosas no fogo do amor divino, redobrando

de devoção, rezando com muito fervor, impondo-se jejuns e penitências, e suplicando do fundo da alma ao divino Espírito Santo, que lhe ilumine o entendimento e lhe vigore o coração, dando-lhe forças para poder combater vitoriosamente contra a tentação do pecado. Para esse fim há de Vm. jejuar uma semana inteira e preparar-se para no fim dela fazer confissão geral e receber a comunhão. Tenha paciência, e só por este meio que poderá combater a tentação, que assim o anda desviando da senda de seus deveres, e o pretende arredar de sua santa e verdadeira vocação. Vá; vá para o salão estudar. Por esta vez está relevada a sua falta e se se arrepender deveras, e emendar-se, continuará a merecer a nossa estima e nossos desvelos. Do contrário o reenviaremos a seus pais; mas espero que o menino não quererá dar-lhes tão grande desgosto.

VII

Eugênio entrou para o salão mergulhado num pego de dor, de vergonha, de terror, e sofrendo o embate de mil diversas e violentas impressões. Seus companheiros de salão olhavam para ele cheios de pasmo.

Em que grave falta teria incorrido aquele bom menino tão dócil, tão sossegado e estudioso?

- Se aquele, que é um santinho, e nunca falta às suas obrigações, está sujeito a estas, que será de mim, que nem por isso dou muito boas contas de mim, e não sou lá das melhores fazendas! - Assim cada um deles transido de medo pensava em sua consciência.

Eugênio vendo a atenção de que era objeto da parte deles, quereria afundar-se cem braças pela terra abaixo.

Aquele estranho acontecimento vinha despertar em seu espírito uma multidão de idéias e reflexões novas, que lhe tumultuavam no cérebro, e o punham na maior tortura e confusão. Não compreendia que mal pudesse haver em querer bem a uma menina e em fazer-lhe versos. Bem sabia que tinha de ser padre, e esse era o seu mais ardente desejo, sabia igualmente que o padre não pode casar-se, e muito menos amar uma mulher qualquer; mas nunca lhe passou pelo espírito a idéia de casamento com Margarida, nem com quem quer que fosse, nem tampouco que aquela afeição que consagrava à menina fosse o que se chama amor. Ficou portanto confuso e aterrado, quando aquele sentimento, que lhe parecia tão inocente e sem conseqüência, lhe foi exprobrado como um crime hediondo, um sacrilégio, uma ofensa enorme feita à divindade.

Repugnava-lhe semelhante idéia, mas entretanto sentia que era forçoso curvar-se a ela e submeter-se aos ditames do seu diretor. Mas esquecer-se de Margarida, renunciar para sempre àquela afeição tão pura e suave, que até então lhe havia embalsamado, a existência com os seus eflúvios celestes, e que constituía por assim dizer a seiva de seu coração, o perfume de sua alma, era um empenho diante do qual o seu espírito recuava espavorido, e a sua inteligência, posto que inexperiente, bem entrevia que isso não lhe seria possível.

Todavia Eugênio, como submisso e dócil que era por natureza, não podia deixar de compreender que o padre diretor devia ter toda a razão, e pressentia que a afeição que votava a Margarida era um estorvo temível, um escolho, em que iria naufragar irremediavelmente a sua vocação religiosa. E como desejava sincera e ardentemente abraçar o estado sacerdotal, começou a ter um horror, não à pessoa de Margarida - que mal lhe havia feito ou poderia fazer a pobre menina? - mas à idéia de amá-la.

Não podia desprezar e muito menos odiar a sua boa e gentil companheira de infância, mas era forçoso... esquecê-la de todo! não; não o queria, e nem isso era possível, mas era preciso não trazê-la tão de contínuo presente ao pensamento. Nesse intuito Eugênio tentou embalde esforços sobre-humanos.

À tarde, no recreio, em vez de ir assentar-se como dantes no paredão da esplanada a contemplar as colinas vizinhas e as nuvens douradas do ocidente afogueado pelos últimos clarões do dia, envolvia-se na turba folgazã dos companheiros, e procurava abafar no turbilhão e algazarra de seus trêfegos divertimentos as cismas saudosas que nessas horas, como vapores de rosa nas asas de uma brisa perfumada, costumavam pairar-lhe pelo espírito.

Quando à hora de missa entrava na igreja, desviava os olhos do grupo das mulheres, e quando acordava de madrugada aos sons dos hinos sagrados, ao ouvir aquela voz suave e argentina que fazia lembrar Margarida, cobria bem a cabeça, e tapava os ouvidos com ambas as mãos.

De noite, quando sonhava com ela - e isto sempre lhe acontecia -, despertava benzendo-se, punha-se de joelhos e rezava longamente pedindo a Deus que lhe arredasse do espírito aquela tentação, que até dormindo tanto o perturbava.

Mas debalde Eugênio cerrava os olhos e os ouvidos, debalde procurava furtar-se à influência dessas impressões externas, que lhe falavam de Margarida. De que lhe servia isso, se ele a tinha dentro de si, e não lhe era possível estender um véu que a ocultasse aos olhos da alma, dentro da qual encontrava sempre a sorrir, refulgente de formosura, a imagem de Margarida, como lâmpada sempre acesa dentro de um santuário, e ouvia-lhe constantemente a voz como um eco mavioso, que a viração que passa acorda de contínuo no seio de uma gruta misteriosa.

Era tempo perdido querer riscá-la da lembrança. A encantadora menina cada vez mais louçã e risonha, cada vez mais tentadora, estava sempre a lhe aparecer em sonhos, como um anjo de luz procurando à porfia desvanecer e afugentar as sombras tristonhas que os escrúpulos de uma consciência fanatizada começavam a acumular no espírito do adolescente.

Eugênio cumpriu à risca os jejuns e penitências que lhe foram prescritos durante uma semana, no fim da qual devia prosternar-se no tribunal da penitência aos pés do confessor, e aliviar sua consciência do peso daquele hediondo pecado, o qual entretanto fazia as delícias de sua vida. E quem escolheria ele para seu confessor senão o próprio padre-mestre diretor, que já estava ao fato das fraquezas de seu coração, e das alucinações de sua imaginação?

O menino confessou-se com verdadeira contrição e sinceros desejos de emendar-se, revelando toda a luta íntima que sustentava sem resultado para banir do espírito a imagem da sua querida Margarida.

O padre deu-lhe animações e conselhos salutares, exortando-o a que persistisse naquela luta agradável aos olhos de Deus, e que tivesse fé e esperança na misericórdia divina, que alcançaria segura e completa vitória. Entre outras muitas coisas santas e salutares que disse ao menino, fez-lhe ver que decerto Margarida, como criança que era, já há muito dele se teria esquecido, e que não era senão o demônio que tomava a figura dessa menina para perturbar-lhe o espírito, arredá-lo de uma santa vocação, e arrastá-lo ao caminho da condenação eterna; que se lembrasse que o espírito das trevas, querendo perder nossos primeiros pais transformou-se em uma serpente, que enleando-se submissa e dolosa aos pés de Eva, lançou-lhe n'alma o

germe da desobediência e da cobiça, o que fez perderem para sempre, ela e o seu companheiro, as delícias do paraíso terreal.

Como remédio prático para combater a tentação, recomendou-lhe que se desse a trabalhos incessantes do corpo e do espírito; exercício ativo e violento mesmo nas horas de recreio, lição dobrada a estudar na ocasião do repouso, e sobretudo orações, penitências e mortificações durante a noite.

O estudante ouvia com a maior atenção, e recolhia no fundo da alma todos os conselhos e exortações do padre, dispondo a pô-los em prática imediatamente. De todas as coisas, porém, que disse o padre, a que mais profunda mossa deixou em seu espírito foi a alusão da serpente no paraíso. Lembrou-se da cobra que se tinha enleado ao corpo de Margarida, quando era pequenina, das palavras que então sua mãe proferiu com respeito à serpente que tentou Eva no paraíso, e estremeceu.

Havia ali uma terrível analogia de situações, que ele sentia confusamente; as sinistras apreensões da mãe pareciam tender a realizar-se; um terror vago se apoderou da alma de Eugênio.

O estudante seguiu à risca todas as exortações e conselhos do padre. Na ocasião do recreio corria, saltava, lutava, jogava a bola e a peteca, sem dar um instante de repouso ao corpo.

Nas horas de repouso estudava a morrer, e quando já não tinha lição a estudar pegava em qualquer livro pio, e lia, lia incessantemente. Quando vinha a noite, achava-se fatigadíssimo, mas em vez de entregar-se ao descanso que a natureza reclamava, conservava acesa a sua lâmpada até horas mortas da noite, rezando ou estudando, e quando a apagava ficava ainda ajoelhado e de braços abertos sobre o leito, até que um sono irresistível o viesse prostrar.

No fim de algum tempo, Eugênio estava magro, pálido, alquebrado, que mais parecia uma múmia ambulante. Tinha-se de todo amortecido o brilho de seus grandes olhos azuis, e profunda palidez cobria-lhe o rosto magro. O adolescente de dezesseis anos parecia um ancião às bordas da sepultura.

Estes estragos físicos não deixavam também de repercutir de um modo deplorável no moral e na inteligência. O espírito de Eugênio, a princípio exaltado pela forte tensão em que o mantinha aquela luta travada consigo mesmo, por fim extenuado de cansaço, acabou por tornar-se moroso e pesado. Sua terna e delicada sensibilidade embotou-se, ou antes apagou-se no gelo de um beatismo frio, austero e sem arroubos. Essa imaginação tão viva e risonha, que como travessa borboleta esvoaçava entre o céu e a terra, entre as flores da colina, e as nuvens matizadas dos brilhantes horizontes, queimou as asas de ouro na luz da candeia fumacenta do estudo e da oração.

Seu caráter mesmo modificou-se profundamente, esse menino outrora tão benigno, tão complacente e comunicativo, posto que algum tanto retraído e melancólico, foi-se tornando de mais em mais seco e frio, desconfiado e sorumbático. Andava como um fantasma, de cabeça baixa e movimentos compassados e vagarosos. O olhar frouxo e estatelado tinha perdido essa travessa mobilidade, esse fulgor transparente próprios dos verdes anos.

Fatal e deplorável poderio do fanatismo sobre um espírito novel e exaltado, acessível a todas as alucinações!

Para esquecer Margarida era preciso quebrantar o corpo a ponto de o reduzir quase a cadáver, embrutecer o espírito e mirrar o coração e Eugênio não trepidou diante de tão horrível alternativa. À força de trabalhos e insônias, de orações, jejuns e mortificações continuadas, caiu em tal estado de prostração, de atonia física e moral, que embotando-se-lhe de todo a sensibilidade e quase extinto o lume da inteligência, o rapaz ficou como que reduzido a um autômato.

Naquele descalabro geral de todas as impressões vivas, de todas as emoções afetuosas,

sedução do mundo, e abandonava-se sem reserva às suaves emoções e ao alegre alvoroço que lhe ofegava no coração o dia da chegada de Eugênio foi um dia de festa em casa do capitão Antunes. Pai e mãe se extasiavam diante do filho, e não se fartavam de contemplá-lo, admirando-lhe o porte e o crescimento, as maneiras e o rosto já tão graves e sisudos, e enfim aquele todo verdadeiramente sacerdotal.

Como Eugênio chegara à casa quase à noite, somente na manhã do dia seguinte Umbelina e sua filha puderam ir cumprimentar e visitar o recém-chegado, o pequeno padre, como já chamavam a Eugênio. Apenas este deu com os olhos em Margarida, sentiu um abalo estranho, uma perturbação extraordinária; corou e empalideceu no mesmo instante, ficou trêmulo, confuso e tolhido, como se tivesse diante de seus olhos um espectro ameaçador, e apenas pôde balbuciar um cumprimento embaraçado.

Quanto a Umbelina, essa saltou logo com sofreguidão ao colo do rapaz, apertou-o nos braços, beijou-o na testa dirigindo-lhe os mais bizarros cumprimentos.

- Santo Deus como está grande e bem parecido!... está um homem feito... e já está com o caráter de padre santo!...

Enquanto Umbelina se desabafava nestes e outros cumprimentos, Eugênio confuso e embaraçado olhava de esguelha para Margarida não ousando fitá-la, pasmo com a mudança que quatro anos puderam operar no desenvolvimento da menina, e cuidava vir ainda encontrar pouco mais ou menos a mesma inocente e linda criança que deixara pequena como ele. Eugênio, com ser mais velho dois anos, não havia feito mudança notável, e ainda se considerava menino. Não sabia que o desenvolvimento nas mulheres se opera com muito maior rapidez, e ficou assombrado quando em vez de uma menina, que esperava pôr sobre os joelhos, viu apresentar-se diante dos seus olhos uma linda mocetona, alta, garbosa, bem feita e em toda a plenitude de seu desenvolvimento.

De fato, a interessante menina em quatro anos tinha-se transformado na mais encantadora moça.

A tez era de um moreno delicado e polido, como resvalando uns reflexos de matiz de ouro. Os olhos grandes e escuros tinham essa luz suave e aveludada, que não se irradia, mas parece querer recolher dentro da alma todos os seus fulgores à sombra das negras e compridas pestanas, como tímidas rolas, que se encolhem escondendo a cabeça debaixo da asa acetinada; as sobrancelhas pretas e compactas davam ainda mais realce ao mavioso da luz que os inundava, como lâmpadas misteriosas de um santuário. Os cabelos, uma porção dos quais trazia soltos por trás da cabeça, lhe rolavam negros e luzidios sobre os ombros como as catadupas enoveladas de uma cachoeira. Ao mais leve sorriso, que lhe entreabria os lábios, cavavam-se-lhe nas duas mimosas faces com uma graça indefinível essas feiticeiras covinhas, que o vulgo chama com tanta propriedade - grutas de Vênus. A boca, onde o lábio inferior cheio e voluptuoso dobrava-se graciosamente sobre um queixo redondo e divinamente esculturado, a boca era vermelha, fresca e úmida como uma rosa orvalhada. O colo, os ombros, os braços, eram de uma morbidez e lavor admiráveis.

Sua fala era uma vibração de amor, que alvoroçava os corações, o olhar como luz de lâmpada encantada, que fascina e desvaira; o sorriso era um lampejo de volúpia, que fazia sonhar com as delícias do Éden.

Era, enfim, o tipo o mais esmerado da beleza sensual, mas habitado por uma alma virgem, cândida e sensível. Era uma estátua de Vênus animada por um espírito angélico.

Ainda que Eugênio não conhecesse e amasse Margarida desde a infância, ainda que a visse então pela primeira vez, era impossível, que toda a virtude e austeridade daquele cenobita em botão não se prostrasse vencido diante daquela deslumbrante visão.

Margarida estava vestida de cor-de-rosa com muita graça e simplicidade; tinha por único enfeite na cabeça um simples botão de rosa. Eugênio esteve por muito tempo mudo e entregue a um indizível acanhamento diante da companheira de sua infância, como se se achasse em presença de uma alta e poderosa princesa.

Foi a tia Umbelina quem primeiro rompeu o silêncio:

- Está com efeito um mocetão o Sr. Eugeninho!... há de dar um bonito padre.

O estudante olhou para Margarida como quem dizia - nunca! corou e abaixou os olhos sorrindo tristemente, como o faria a mais pudica donzela. Aquele cumprimento de bonito padre, que lhe era lançado em face ali, em presença de Margarida, causou-lhe uma estranha e desagradável impressão.

- É isso mesmo - continuou Umbelina em ar de gracejo -, já não conhece os seus amigos velhos ou daqui a pouco é senhor padre, senhor vigário, e nem há de querer mais olhar para a gente, não é assim, senhor Eugeninho?

- Não diga isso nem brincando, tia Umbelina - replicou Eugênio cada vez mais enfiado. - Deus me livre de fazer pouco caso de ninguém, quanto mais da gente de casa de quem eu tinha tanta saudade. O que me admira é ver a dona Margarida como cresceu tanto e ficou moça tão depressa.

- Toma lá, menina! - exclamou Umbelina dando uma risada; - está-te dando de dona!... que dizia eu?... para ele já somos como gente estranha. Já se esqueceu que ainda o outro dia brincavam juntos?... deixemo-nos de donas aqui, senhor Eugênio; esta menina é para Vm. o mesmo que uma irmãzinha. Quero vê-lo tal qual era dantes.

- Mas ela... já está tão... já está moça... - ia gaguejando Eugênio no maior enleio - e eu achava que...

- Tem razão, meu filho - atalhou a mãe acudindo ao embaraço do filho; - nem sempre a gente é criança; Margarida já está ficando uma senhora, e você não pode tratar "a ela" agora, como no tempo em que brincavam juntos o "esconde-esconde".

- Assim deve ser mesmo, retorquiu Margarida com um sorriso cheio de encanto, mas um tanto malicioso; - minha madrinha tem razão; também ele já está ficando um homem sério, e eu daqui em diante não o devo tratar senão por - senhor Eugênio, não é assim, mamãe?

- Sem dúvida, minha filha. Agora vou caindo em mim, e vejo que todos têm razão. Nem todo o tempo é um. Algum dia ainda pode acontecer, que te ajoelhes aos pés ali do senhor Eugênio no confessionário, e é bom desde já ir-te acostumando a tratá-lo com o respeito que lhe é devido.

Margarida e Eugênio olharam um para o outro. Lembraram-se do juramento mútuo, que se haviam feito havia quatro anos a respeito de confissão, no vargedo junto às paineiras da ponte, e uma abaixou os olhos e corou; o outro que já estava rubro a não poder mais, empalideceu.

Com aqueles gracejos, Eugênio tornava-se cada vez mais tolhido e desconcertado, coçava a cabeça, mordia os beiços, e estava quase a chorar de desapontamento. O título de padre, que até então lhe parecia tão bonito, naquela ocasião não sei por que lhe causava arrepios e lhe parecia horrivelmente áspero e desentoado.

Margarida principalmente, que havia herdado um pouco do espírito cáustico e zombeteiro de sua mãe, trazendo à conversa também a sua pilhéria, tinha acabado de desconcertar e desorientar completamente o pobre rapaz. Vendo, porém, quanto o afligia e incomodava aquela conversação arrependeu-se no íntimo da alma, e como corrida de seu próprio procedimento procurou repará-lo do melhor modo que pôde.

- Queira perdoar-me, se o agravei, senhor Eugênio - disse-lhe com meiguice - Nós estamos brincando, e não temos a menor intenção de incomodá-lo. Eu não me lembrava que não estamos mais naquele nosso bom tempo em que eu lhe dizia quanta asneira me vinha à boca, sem que o senhor desse o cavaco...

- Eu dar o cavaco?! está enganada!... disse o rapaz levantando-se e forcejando por mostrar-se lesto e desembaraçado. - Podem caçoar, quanto quiserem, que eu nem dou fé.

Entretanto não teve remédio senão ir colocar-se a uma janela a fim de ocultar a perturbação e desapontamento, que lhe transtornava a fisionomia.

- Aqui ninguém é capaz de caçoar com Vm., senhor Eugênio, acudiu Umbelina; - Deus nos livre de tal! Estamos gracejando; a gente também não há de estar sempre séria como uma abadessa: de vez em quando é preciso rir um bocado.

- Diz muito bem, comadre - atalhou a senhora Antunes; a gente deve divertir-se. Isso do Eugênio, é acanhamento que trouxe do seminário; logo há de se ir desembaraçando... arre!... como faz calor! vamos nós passear à horta, hem, comadre?

- Pronta!... vamos: vamos todos.

IX

A educação claustral é triste em si e em suas conseqüências: o regime monacal, que se observa nos seminários, é mais próprio para formar ursos do que homens sociais. Dir-se-ia que o devotismo austero, a que vivem sujeitos os educandos, abafa e comprime com suas asas

lôbregas e geladas naquelas almas tenras todas as manifestações espontâneas do espírito, todos os vôos da imaginação, todas as expansões afetuosas do coração.

O rapaz que sai de um seminário depois de ter estado ali alguns anos, faz na sociedade a figura de um idiota. Desazado, tolhido e desconfiado, por mais inteligente e instruído que seja, não sabe dizer duas palavras com acerto e discrição, e muito menos com graça e afabilidade. E se acaso o moço é tímido e acanhado por natureza, acontece muitas vezes ficar perdido para sempre.

Eis a razão por que Eugênio, que todos desejavam e esperavam ver brilhar na conversação como um pequeno sábio, representou o papel tristíssimo que vimos, diante de pessoas que desde a infância lhe eram familiares. Não era por certo, que ele não sentisse no cérebro um turbilhão de idéias, e mil sentimentos estuarem-lhe no coração; mas é que o espírito está sujeito As mesmas leis do corpo a certos respeitos. Como aquele, que esteve longos anos encarcerado, ao sair da prisão não pode mover mais os membros entorpecidos, assim o espírito recluso largo tempo entre as paredes de um claustro, atado continuamente ao poste do estudo forçado e da oração, sente-se paralisado, quando lhe é mister desenvolver-se em uma esfera mais ampla e mais livre.

Verdade é que a situação de Eugênio era naquela ocasião sobremaneira melindrosa. Seu coração passava por uma crise violenta e profunda, como o leitor pode imaginar. Se a imagem da simples e travessa menina de doze anos não se tinha apagado do espírito durante uma ausência de quatro anos, a presença real dela agora transformada em mulher, antes em anjo radiante de mocidade e formosura, o havia deslumbrado e subjugado completamente, ameaçando deitar por terra toda a sua vocação clerical, e anular de todo o resultado dos esforços empregados pelos padres durante quatro anos de noviciado.

O mancebo já se envergonhava de querer ser padre, e todas as vezes que olhava para Margarida, não podia conformar-se com semelhante idéia.

A visita de Umbelina e sua filha, como é de costume na roça, durou quase todo o dia. As vizinhas, em companhia da dona da casa e de Eugênio, correram a casa toda, foram ao moinho, ao paiol, passearam pelo quintal, comeram frutas, colheram flores, jantaram e tomaram café três ou quatro vezes. Eugênio as acompanhava mas quase sempre um pouco afastado, taciturno e sorumbático e apenas dizendo uma ou outra palavra, quando sua mãe ou Umbelina o interpelavam. Estava como que espantado, com os olhos fitos em Margarida, querendo falar, e não achando nada que dizer. As grandes emoções lançam uma nuvem no espírito e paralisam a língua.

Margarida, porém, que ainda não tinha sido iniciada nos rigores e escrúpulos da vida claustral, e por cujo espírito nunca passara a i

- Aqui estão duas flores - disse ela -, um cravo e uma rosa. O cravo é você, a rosa sou eu. Fique com a rosa, que eu guardarei o meu cravo. Aquele que deitar fora a sua flor, é porque não sabe querer bem.

Eugênio tomando a flor, pela primeira vez ousou fitar em Margarida olhos ardentes de ternura e paixão; mas para logo os abaixou, e cobriu-se de rubor, como faria a mais pudica e tímida virgem.

- Oh!... Margarida!... eu - ia dizendo o moço, porém Margarida voltando-se ligeira sem o escutar foi correndo para junto de sua mãe, que se achava a alguma distância com a senhora Antunes.

- Eu te adoro!... - era por certo o que Eugênio ia dizer; essa palavra, porém, Margarida já a tinha lido nos olhos do mancebo.

Em sua ingênua candura, Margarida, não enxergava inconveniente algum em reatar e mesmo, se fosse possível, estreitar os laços da sua antiga, familiaridade e afeição para com o amigo da sua infância. Como a flor, que entrega sem resistência o perfume do seu cálix ao sopro das virações, ela dava livre expansão aos inocentes afetos do seu coração.

Quando as visitas se foram embora, Eugênio pôs-se a refletir e ficou muito descontente de si mesmo. A lembrança do papel nulo e quase ridículo que fizera diante de

Todos aqueles seres eram também seus conhecidos, seus amigos de infância, que festejavam sua volta, e com ela exultavam de prazer.

Como respirava à larga o peito do mancebo através dos campos e colinas da terra natal! que bálsamo salutar e vivificante lhe entornavam na alma aquelas auras impregnadas de aromas silvestres, que lhe bafejavam a fronte e brincavam com seus cabelos!

Quão tristonhos e acanhados lhe pareceram então os horizontes e os outeiros de Congonhas do Campo à vista das risonh

- Eugênio e Margarida! - exclamou ele. - Aposto que é isto que querem dizer estas letras.

- É isso mesmo; adivinhou. Fui eu que fiz essas letras aí com a ponta de um canivete.

- Que bonita lembrança você teve! eu também no seminário às vezes tive essa idéia, quando estava traduzindo Virgílio... se você soubesse latim, eu havia, de jurar, que já leu aquele autor...

"Crescent illae, et vos crescetis, amores."

- Não entendo nada desses latinórios; o que sei é que esta árvore sou eu, e essa lá é você. Assim como elas nasceram aqui juntas e juntas hão de morrer, assim desejo que aconteça a nós dois, que também nascemos perto um do outro e fomos criados juntos. Nós também havemos de viver juntos como estas duas árvores, entrançando no ar os ramos uns nos outros, não é assim, Eugênio!

- Quem dera, Margarida!... se Deus permitisse isso era tão bom!... mas... eu sei?...

- Há de permitir; por que não? que necessidade temos nós de nos apartar um do outro?

- Mas eu não sou senhor de mim, Margarida; hei de fazer o que o meu pai mandar.

- Isso é agora; mas depois que ficar homem...

- Ah! isso sim; depois que eu for homem, hei de fazer o que eu entender, e Deus nos há de ajudar, que acabados os meus estudos nunca mais nos havemos de separar, sou eu que to juro Margarida.

Depois os dois, continuando a passear pela vargem, a cada passo evocavam uma lembrança de seus brincos e travessuras infantis.

- Lembra-se do juramento que aqui me fez?... perguntou Margarida parando subitamente em certo lugar.

- Eu? qual... juramento?...

- Bem que se lembra; está se fazendo esquecido.

- Palavra, que não me lembro...

- Não creio... Pois não me jurou aqui que havia de ser eu a primeira pessoa que havia de confessar quando fosse padre?...

Padre!... a esta palavra fatal Eugênio sentiu um arrepio e estremeceu, quereria nunca mais ouvi-la em dias de sua vida, principalmente dos lábios de Margarida.

- Ora! ora! que lembrança essa agora!... replicou o moço com um sorriso desapontado e procurando disfarçar a sua perturbação - como é que eu hei de me lembrar mais dessas tolices de criança!

- Tolice! por quê?... pois não é tão bonito ser padre?...

- E é mesmo, e eu na verdade tinha muita vontade de o ser.

- Como é isso, Eugênio?... tinha? então já não tem mais?...

- A falar a verdade, Margarida... - respondeu Eugênio com hesitação - não sei o que te diga... hoje em dia não me acho com muito jeito para padre, não.

- Por quê?...

- Ora por quê?... por quê? pois você não adivinha?

- Nunca fui adivinhadeira...

- Pois está bem claro. Para ser padre é preciso que eu não olhe mais para você, que não te queira mais bem, e que nem me lembre de você... e isso é coisa que eu não posso, é teimar à toa, não posso fazer.

- E o mais é que é verdade, Eugênio; você tem razão. Eu também - para que hei de mentir?... -, eu também, cá comigo, não tinha lá grande vontade que você fosse padre, não; para sempre é uma coisa que mete respeito, e até faz medo. Oh! meu Deus! e como é que eu havia de me acostumar a ter respeito a você?... Para isso era preciso deixar de te querer bem, e isso eu não posso mesmo, e de mais a mais não quero ser mula-sem-cabeça, não... cruz! Deus me defenda!

- Ah! ah! ah! - como é isso, Margarida; mula-sem-cabeça?... exclamou o rapaz soltando uma risada.

- Você ri-se?... pois não sabe que toda a mulher que quer bem a um padre, vira mula-sem-cabeça?...

- E você ainda acredita nessas bruxarias?...

- Sim senhor!... minha mãe já viu, e diz que na vila há uma que ela conhece bem. Diz que é um bicho muito feio, do feitio de uma besta, que só tem três pés, dois atrás e um adiante, e não tem cabeça. Todas as noites de sexta-feira para sábado anda rondando os becos, correndo o seu fadário e assombrando a gente. Mamãe tem visto ela muitas vezes batendo a ferragem e abanando as orelhas pelos cemitérios.

- Ah! ah! ah! bravo! essa ainda é melhor! Continuou Eugênio sempre a galhofar. - Pois se ela não tem cabeça como pode ter orelhas?...

- Ora!... eu sei lá?... é que terá as orelhas no pescoço.

- Pois bem, Margarida; não tenha susto, só para que você não seja mula-sem-cabeça, eu te protesto que não hei de ser padre: e não hei de, e não hei de: está decidido!

- Mas seu pai e sua mãe, que querem por força...

- Meu pai e minha mãe, acho que não me hão de querer obrigar, se eu disser que não quero ser padre.

- Mas eles fazem tanto gosto nisso! coitados! hão de ficar tão aborrecidos, se você não quiser se ordenar.

- Paciência! eles se hão de consolar.

- Pois está dito - disse Margarida depois de um breve instante de silêncio e reflexão. - O nosso antigo juramento está desmanchado. Agora em lugar dele havemos de fazer outro...

- Qual é?...

- É que você sempre, sempre me há de querer bem...

- Isso nem precisa jurar...

- Ande lá!... e que acabados os seus estudos nunca mais há de se apartar de mim.

- Juro!... Juro por esta cruz! - disse com emoção o moço cruzando os dedos sobre a boca.

- E eu juro a mesma coisa - repetiu Margarida fazendo o mesmo sinal.

O anjo dos puros e santos amores sorriu-se àquelas juras, e depois de ter bafejado com os leques de suas asas de ouro e seda aquelas duas frontes juvenis e cândidas, remontou seu vôo para o empíreo, enquanto o austero e sombrio gênio da beatice, que procurava disputar-lhe o coração do mancebo, pesaroso, bateu as fuscas asas, e foi-se esconder entre as ruínas de algum mosteiro abandonado.

Naquele momento vinha chegando Umbelina; os dois jovens mudaram de conversa.

Já entre eles havia um segredo.

X

Assim passou-se mais de um mês, durante o qual a assiduidade de Eugênio em casa de Umbelina não se interrompeu. A antiga amizade se reatou, senão com a mesma familiaridade e abandono da quadra infantil, todavia com mais ardor, com mais energia e paixão.

O anjo da inocência, que desatando-lhes de manso a venda dos olhos já lhes ia dizendo adeus, deixava-lhes em compensação o diáfano e misterioso véu do pudor, esse encantador privilégio da puberdade, que envolve a alma virginal, e não deixa exalar-se do coração que o contém o suave aroma das emoções do amor, que apenas se revelam no rubor das faces e na meiga timidez do olhar, como os fulgores e as purpúreas faixas do oriente anunciam a presença do sol ainda escondido atrás dos horizontes.

Mas Eugênio já era um guapo mocetão de dezesseis a dezessete anos, e Margarida, com os seus quatorze, já era uma moça feita em toda a plenitude e esplendor de seu rápido desenvolvimento. Umbelina bem via que já não ficava bem deixar a sós por muito tempo e entregues a si mesmos como no tempo da meninice aquelas duas criaturas que se queriam tanto, e portanto não lhes permitia mais que vagassem sozinhos pelos campos como outrora, longe de suas vistas. Fazia muito bem; mas, não obstante, a tia Umbelina, toda atarefada como sempre andava, não podia deixar de proporcionar-lhes muitas ocasiões de se acharem a sós em ocasiões de que sabiam aproveitar-se muito bem para se afagarem. Esses afagos porém não passavam de uns prolongados apertos de mão, de algum abraço dado assim em ar de brinquedo e sem intenção amorosa, ou de um desses olhares mudos, longos e repassados de ternura, que em si resumem todo um poema de amor. Bem vontade tinham eles de se beijarem, mas tolhia-os um acanhamento virginal, esse pudor nativo, que é como o orvalho, que só na aurora esmalta o cálix das flores, e os desejos morreram-lhes dentro da alma, e os beijos apenas lhes estremeciam na ponta dos lábios, como tenros passarinhos batendo as asas implumes à beira do ninho, ansiando, mas nunca ousando desprender o vôo pelo espaço.

Quanto mais viva se tornava a afeição de Eugênio por Margarida, maior era a repugnância, que ia tomando pelo estado eclesiástico.

Não se pode imaginar com que desgosto todos os domingos envergava a roupeta colegial e a sobrepeliz para ir ajudar na vila a missa conventual ao vigário. Mas esse era o gosto, essa era a ordem de seus pais, que sentiam indizível prazer em apresentar ao público o seu lindo padrezinho em botão, e não cabiam na pele de contentes, quando o viam funcionando no altar com aquela sisudez e gravidade de um verdadeiro sacerdote.

Quando, ao fazer algumas das evoluções do seu mister, Eugênio voltava-se para o público, e encontrava entre a turba das mulheres os grandes e luzentes olhos de Margarida fitos sobre ele, perturbava-se, ficava enfiado e corava como uma papoula; vinha-lhe à idéia a história da mula-sem-cabeça, e esta lembrança lhe causava a mais desagradável e horripilante impressão.

A assídua freqüência de Eugênio em casa de Margarida já ia dando muito nos olhos, e tornando-se por demais comprometedora não deixava de causar desgostos e inquietação a seus pais.

- Menino - dizia a senhora Antunes a seu filho, talvez já pela trigésima vez -, isto não vai bem. Não paras um momento perto de tua mãe e de teu pai, e não sais da casa da comadre Umbelina!... olha que tens de ser padre e um padre, que não quer senão estar perto das moças... não sei o que lhe diga... isso não te fica bem.

- Ora, mamãe!... pois que tem lá isso?... desde criança que estou acostumado a brincar com a Margarida! pois se eu tivesse uma irmã mais moça, não podia brincar com ela?...

- Ora faça-se de tolo!... como está inocente o meu filho!... então porque brincaste com ela em criança, podes brincar agora, e mesmo depois de padre poderás brincar ainda, como no tempo em que andavas em fraldas de camisa; não e assim?...

- Ah! minha mãe?... também eu... a falar a verdade...

Eugênio suspirou e não teve ânimo de prosseguir.

- Também eu o quê, meu filho?... acaba.

- Não tenho vontade nenhuma...

Eugênio empacou outra vez.

- Vontade nenhuma de quê?... desemperra essa língua; fala; não tenhas susto.

- Minha mãe não fica zangada?

- Eu, não, meu filho; fala o que tens no coração; se for alguma asneira, me entrará por um ouvido e sairá pelo outro. De que é que não tem vontade nenhuma?...

- De ser padre, minha mãe...

Há muito tempo que Eugênio desejava, mas não tinha ânimo de fazer aquela confissão, que lhe dava um nó na garganta, e lhe pesava como um rochedo sobre o coração, sentiu-se aliviado alijando-o sobre sua mãe.

- Deveras, meu filho?... exclamou a mãe com surpresa - que me dizes? isso é de agora, pois sempre te percebi muita inclinação para padre... Que, te dizia eu?... a tal minha afilhada está te virando a cabecinha... logo vi... não são senão elas, que te andam metendo essas caraminholas na cabeça...

- Elas nunca me disseram nada, minha mãe, por Deus!... elas até gostam tanto de me ver de batina ajudando à missa na vila!... a tia Umbelina até já me prometeu uma sobrepeliz e uma volta bordada para quando eu disser missa nova. Eu mesmo é que não tenho inclinação nenhuma...

- Não digas tal, menino!... interrompeu a mãe com azedume. Seja como for, é preciso que não vás mais tão a miúdo àquela casa. Isso não te fica bem. A Margarida está ficando moça, e tu não és nenhum criançola; as tuas repetidas visitas podem dar que falar da pobre da menina.

- Mas, mamãe; nós nunca saímos de perto da tia Umbelina.

- Não importa. Demais depois que a Margarida está ficando moça, ali é casa de muito ajuntamento, e eu não te quero ver metido no meio de gentalha...

- Mas, minha mãe, quando lá há gente demais, eu sempre me venho embora.

- Nada! nada!... isto não pode continuar assim, pode-te acontecer alguma. Se teimas em continuar a não sair lá da casa da comadre Umbelina, falo com teu pai para te mandar já para o seminário, mesmo antes de se acabarem as férias, e não voltas de lá senão depois de ordenado.

Com esta tremenda cominação Eugênio ficou acabrunhado. As últimas palavras de sua mãe caíram como rochedos sobre o seu coração, e o esmagaram. A idéia de voltar ao seminário e de separar-se de Margarida era a nuvem sinistra e carregada, que há muito ensombrava um canto do seu risonho e límpido céu de amor, e que ameaçava envolve-lo todo em lúgubre e eterna escuridão.

Triste, mudo e amuado, Eugênio retirou-se, e foi encerrar-se em seu quarto donde não saiu mais todo esse dia.

Como os conselhos e exprobrações do padre diretor no seminário, as repreensões e ameaças maternas vieram dar maior vulto à paixão do moço, tornando ainda mais desejado o objeto amado. É essa a inalterável e eterna lei do coração humano.

Se o padre diretor ao chamar o estudante ao seu quarto lhe tivesse dito simplesmente: - menino, tens no coração uma afeição mundana, que não pode compadecer-se com o estado a que te destinas, e que é preciso que combatas. Mas se acaso não puderes banir do teu coração esse

afeto, que pode ser puro e legitimo, podes continuar a estudar, porém não para o estado eclesiástico - se tivesse procedido assim, o padre teria talvez conseguido melhor o seu intento. Deixando ampla liberdade de expansão aos sentimentos do menino, teria talvez facilitado ao seu neófito a vitória sobre si mesmo.

A torrente represada acaba por despedaçar diques e arrojar-se mais furiosa no seu leito natural. Desde que Eugênio viu interpor-se entre ele e Margarida um anátema tremendo, que como um abismo os separava, perturbou-se para sempre a severidade da sua alma, e esse afeto que votava à companheira de sua infância, posto que a princípio abafado temporariamente pelo manto de gelo de um factício e austero ascetismo, e agora, de fresco rudemente contrariado por sua mãe, ia fatalmente transformar-se na mais ardente, profunda e impetuosa paixão.

Se por seu lado também a senhora Antunes, que devia conhecer melhor do que ninguém o coração de seu filho, sem deixar-lhe a rédea solta a todos os caprichos e desvarios da imaginação, procurasse com mais brandura encaminhá-lo ao fim que desejava, sem contrariar de frente as mais caras afeições de seu coração, talvez o tivesse conseguido, ou pelo menos evitaria a longa e dolorosa luta que iria dilacerar o coração de seu filho sem outro resultado mais do que um infortúnio certo e irremediável.

A mãe de Eugênio era fanática e supersticiosa. A aventura da cobra enleando-se no corpo de Margarida, que nunca lhe saía da lembrança, lhe incomodara sempre o espírito. Agora refletindo sobre a cega e ardente afeição que a menina ia inspirando cada vez mais a seu filho, entrou a nutrir as mais tristes e sombrias apreensões, e acabou por convencer-se que não era senão o demônio, que em figura de cobra viera lançar no seio da menina o germe da tentação para seduzir seu filho, desviá-lo de sua santa vocação, e arrastá-lo ao caminho da perdição. Daí aquela severidade e rigor que lhe não eram usuais, e que só por um tão poderoso motivo podia ser impelida.

A boa senhora não considerava que o germe da tentação já Margarida, como toda moça bonita, o tinha nos olhos, e por mais tremendos que fossem os anátemas que fulminasse para preservar o novo Adão das seduções da serpente, mais lhe acenderia o desejo de provar do pomo vedado.

O que, portanto, não lhe era permitido fazer francamente e à luz do sol, procurou Eugênio fazê-lo furtivamente e à sombra do manto silencioso e discreto da noite, cujos véus propícios ocultaram mais de uma entrevista, em que os ardentes afetos dos dois amantes se expandiram muito mais à vontade sem testemunhas nem constrangimento de espécie alguma. Romeu, iludindo a vigilância materna, nas horas mortas da noite, quando o julgavam tranqüilamente adormecido, abria de mansinho a janela do seu quarto, saltava ao terreiro, e veloz e sutil como um silfo noturno, atravessando os vales silenciosos corria pressuroso para junto da sua Julieta.

Os dois amantes, pondo de parte toda a reserva e timidez, deram livre expansão aos seus afetos, e pela primeira vez falaram sem rebuço de amor, de casamento, de felicidade futura nos braços um do outro, e os beijos, aqueles beijos, que ã luz do sol apenas esvoaçavam tímidos à flor dos lábios e morriam no limbo dos desejos, soltaram o vôo, encontraram-se através das grades, e imprimiram-se férvidos e trementes nos lábios de um e outro amante.

As meigas falas que ali se ciciaram em segredo, os arrulhos estremecidos, os suspiros abafados, que ali se exalaram, a noite e a solidão os receberam em seu seio segredoso, e os dispersaram nos ares de envolta com o sussurro da folhagem.

XI

Alguns dias depois da proibição imposta a Eugênio, a casa de Umbelina amanhecia em grande animação e alvo roço. Via-se lá entrando e saindo mais gente do que de ordinário; matavam-se frangos, o forno trabalhava, o fogão deitava fumaça mais do que de costume, e reinava atividade e movimento que faria crer que naquele dia ali se festejava algum batizado ou casamento.

Não havia porém nada disso. O que havia em casa de Umbelina era apenas um mutirão.

Mutirão! só esta palavra nos faz ressoar aos ouvidos os alegres rumores dos descantos e folguedos da roça, o estrépito dos sapateados da dança camponesa por entre a zoada dos adufes e violas, e nos transporta ao meio das rústicas e singelas cenas de prazer da vida do sertanejo.

Mutirão! mas eu não sei se todos os meus leitores saberão a significação desta palavra, que talvez não poderão encontrar em dicionário algum. Portanto é necessário defini-la.

É o mutirão um costume dos pequenos lavradores, ou da gente pobre dos campos, que vivem como agregados dos grandes fazendeiros e que não possuindo terra, e menos ainda braços para cultivá-la, nem por isso deixam de plantar boas roças, ou de exercer sua pequena indústria, de que tiram a subsistência. Quando chega o tempo de qualquer dos serviços de roça, que consistem nestas quatro operações principais - roçar, plantar, capinar e colher - o pequeno roceiro convida seus parentes, amigos e conhecidos da vizinhança para vir ajudá-lo, e todos pelo direito costumeiro são obrigados a vir dar-lhe u'a mão - é a frase usada -, ficando o que assim se aproveita dos serviços dos vizinhos na obrigação de acudir também ao chamado destes para o mesmo fim.

Já se vê que a calhandra de La Fontaine erraria seus cálculos, e perderia inevitavelmente os seus filhotes, se tivesse de haver-se com os bons lavradores desta nossa abençoada terra.

O mutirão constitui pois como uma espécie de sociedade de auxílios mútuos, baseada unicamente nos costumes e usanças dessa boa gente, que não dispondo muitas vezes senão do seu único braço para o serviço, planta todavia roças consideráveis, e obtém a colheita necessária para a sua subsistência.

Este uso não é somente dos roceiros, e é também posto em prática pelas mulheres que vivem de fiar e tecer, das quais antigamente havia grande número na província de Minas, alimentando com o seu trabalho esse ramo de indústria outrora mui importante e florescente.

Mas o mutirão não consiste simplesmente no desempenho de uma tarefa de trabalho. O dono ou a dona da casa tem por obrigação regalar os seus trabalhadores do melhor modo possível, e a reunião e a boa mesa trazem sempre como conseqüência natural os divertimentos e folguedos. Assim trabalha-se de dia, e à noite toca a comer e beber, a dançar, cantar e folgar.

Umbelina convidou para a festa as comadres e amigas mais chegadas da vila e das vizinhanças a virem passar alguns dias em sua casa, a fim de ajudarem-na a desmanchar algumas arrobas

de lã e algodão, que queria pôr no tear, e para as regalar punha em atividade toda a sua perícia de quitandeira.

À noite, como de costume, havia toques, cantigas e folguedos, e então apareciam também lá alguns rapazes da vila e dos arredores.

Enquanto o prazer e a festança reinavam ruidosos em casa das vizinhas, o pobre Eugênio, aferrolhado na casa paterna, mordia-se de impaciência, e devorava lágrimas de despeito e desesperação. Triste dele!... naqueles dias nem lhe era permitido ir à costumada entrevista noturna; a casa estava abarrotada de gente, por todos os cantos dela havia ouvidos afiados e olhos vigilantes, e para cúmulo de males, como a casa de Umbelina era extremamente acanhada e fazia então excessivo calor, os serões do folguedo, que duravam até alta noite, se faziam no terreiro, embaixo da grande figueira. Pobre Eugênio, até essas horas caladas da noite e esse solitário e propício abrigo, que lhe proporcionavam os únicos momentos de prazer e ventura que lhe era dado gozar, lhe eram disputados pelo destino!

De noite pregado na cama, onde se revolvia inquieto como se estivesse em um leito de brasas, ouvia os ecos das tocatas e descantos ressoando ao longe pelos vales silenciosos, e quase rebentava de frenesi, de mágoa e de despeito por não poder lá se achar também. Em vão dava tratos à imaginação para descobrir algum jeito de ir tomar parte no folguedo, porém nenhum meio natural confessável se lhe oferecia ao espírito. Tinha cabal certeza de que por modo algum conseguiria licença de seus pais para lá ir.

Pungido por tantas contrariedades cada vez se irritava mais a impaciência, e mais se assanhava o desejo de se achar no mutirão, ainda que fosse um só momento.

Por certo algum vislumbre de zelos também se mesclava a essa impaciência;. o moço sentia infinito desejo e curiosidade de ver como Margarida se comportaria em uma reunião.

Certo de não poder obter o consentimento de seus pais, Eugênio tomou o partido de enganá-los. Como estava em vésperas de partir para o seminário, mostrou-se com grande desejo de ir passar um dia e uma noite com um primo seu, que morava na vila e a que de fato era sumamente afeiçoado, e para esse fim pediu permissão a seus pais. Estes, vendo o estado de tristeza e abatimento em que ia caindo seu filho, e considerando que aquele passeio poderia ser uma salutar distração para fazê-lo esquecer-se de Margarida, não ousaram negar a permissão pedida; antes a concederam com sumo gosto, e até o autorizaram a ficar na vila os dias que quisesse.

À tardinha desse mesmo dia, o rapaz montou a cavalo, e tomou o caminho da vila, mas lá não chegou. O caminho, que se dirigia da fazenda de Antunes para a vila Tamanduá, ia ganhar a estrada real meia légua além da casa de Umbelina, pela frente da qual, como já sabemos, passava essa mesma estrada. Apenas Eugênio nela entrou, colheu as rédeas ao animal, retardando-lhe o passo o mais que podia. Quando porém a noite de todo se fechou, voltou de súbito as rédeas, e voltando a galope pela estrada real voou direito à casa de Umbelina.

Pretendia ali passar a noite, enquanto durassem os divertimentos, findos os quais montaria de novo a cavalo e viria amanhecer na vila.

Ressoavam as violas e adufes; o folguedo já tinha começado à sombra da figueira do terreiro.

Além do luar, que estava soberbo, duas grandes fogueiras acesas no terreiro a alguma distância, iluminavam de modo original e pitoresco o âmbito, dentro do qual se desenhavam destacando-se vivamente as figuras daquela curiosa e interessante reunião, uns no centro, dançando, outros em derredor, sentados pelo chão ou em tamboretes e cepos de pau. O clarão das fogueiras avermelhava a cúpula gigantesca da figueira, que com sua espessa folhagem abrigava os convivas do orvalho frio da noite.

Eugênio chegou-se à roda tolhido e ressabiado. Porém Margarida, que apenas o avistou, soltou um grito de alegre surpresa, e veio imediatamente colocar-se ao pé dele, fez com que logo cobrasse ânimo e presença de espírito, e tomasse assento na roda com todo o desembaraço.

Atraídos pela beleza de Margarida, como dissemos, alguns rapazes freqüentavam a casa de Umbelina, e lhe requestavam a filha. Esta, porém, não lhes dava a mínima atenção, e em sua cândida inocência nem mesmo suspeitava o verdadeiro motivo, por que tanto a festejavam.

Entre esses aspirantes ao amor da rapariga, o que mais padecia era um certo rapaz por nome Luciano. Era um moço que teria a rigor os seus vinte e cinco anos, de bonita e agradável presença, tropeiro bem principiado, que já tinha alguns lotes de burros no caminho do Rio, e que além de tudo se tinha em grande conta de bonito, de rico e de bem nascido, pelo que não deixava de ser sumamente ridículo, quando não era insolente.

Cheio de si olhava os demais pretendentes por cima dos ombros, e sorria-se deles no intimo da alma com desdém e compaixão, porque estava profundamente convencido que ninguém mais do que ele estava no caso de merecer a preferência da encantadora menina e as boas graças da senhora Umbelina. No meio de todos aqueles pés-rapados que ali andavam, quase todos gente de cor e sem eira nem beira, ele, o único que possuía alguma coisa, e que se trajava com decência, ele, o único branco legítimo que ali pisava, não tinha o menor receio de ser preterido por quem quer que fosse; pelo menos esta era a sua firme convicção.

Luciano não conhecia a Eugênio, a quem nunca em sua vida tinha visto, e estava muito longe de suspeitar que Margarida tivesse um amante, cujo amor corresponde-se. Quando viu pois a não disfarçada e especial predileção de que Margarida o rodeava, o tom de íntima familiaridade com que conversavam, e mais certos sinais inequívocos de uma mútua e ardente afeição entre os dois, Luciano foi aos ares; sentiu ferver-lhe no coração o veneno do ciúme, e a muito custo pôde abafar no peito um bramido de cólera e despeito.

XII

A quatragem é a dança pitoresca dos nossos camponeses, dança favorita do roceiro em seus dias de festa, e que faz as delicias do tropeiro nos serões do rancho após as fadigas da jornada.

Dança vistosa e variegada, entremeada de cantares e tangeres, cantiga maviosa, já freneticamente sapateada ao ruído de palmas, adufes e tambores.

Sem ter o desgarre e desenvoltura do batuque brutal, não é também arrastada e enfadonha como a quadrilha de salão; ora salta e brinca estrepitosa e alegre, ora se requebra em mórbidas e compassadas evoluções.

Como o próprio nome indica, forma-se de um grupo de quatro pessoas. A música é desempenhada pelos dançantes que além de uma garganta bem limpa e afinada, devem ter nas mãos ao menos uma viola e um adufe. Há uma quantidade incalculável de coplas para acompanhar esta dança, e a musa popular cada dia engendra novas. São pela maior parte toscas e mesmo burlescas e extravagantes; todavia algumas há impregnadas dessa maviosa e singela poesia, que só a natureza sabe inspirar.

Dançava-se a quatragem no mutirão da tia Umbelina.

Margarida estava sentada junto de Eugênio, de cujo lado não se arredara, desde que este havia chegado.

Ia-se formar nova roda de dançadores; Luciano, que tinha a viola em punho, dirigiu-se a Margarida, e convidou-a para a dança. Ela recusou-se protestando já ter dançado muito e achar-se fatigada.

- Então venha esse mocinho, que aí está com a senhora - disse Luciano.

Com este convite o rapaz procurava mesmo ocasião de travar-se de razões com o estudante, a fim de desabafar o ciúme e o despeito que por dentro o corroíam.

- Eu não sei dançar - respondeu Eugênio com timidez.

- Deveras!... não me diga isso, moço; isso é desculpa; falta-nos uma pessoa; venha... não se faça de rogado.

- É deveras; não sei dançar, nunca dancei em dias de minha vida.

- Então para que vem a estas funções?...

- Ora essa é boa!... para ver...

- Como quem vem aqui ver... mas ah! já o estou conhecendo; o senhor não é aquele coroinha, que ultimamente tem ajudado à missa ao vigário lá na vila?

- É ele mesmo - acudiu Margarida, que já se impacientava com as grosserias, - é o filho do sr. capitão Antunes.

- Do capitão Antunes?... ah!... e o que vem ele aqui fazer?... decerto aqui veio fugido de casa, e há de ser bem feito que o pai lhe passe uma dúzia de bolos, quando souber que já anda metido em súcias...

Eugênio, por efeito da sua índole e mais ainda de sua educação de seminário, era uma tímida criança para responder às insolências de seu interlocutor. Margarida, porém, que com ser mulher e mais moça tinha o sangue mais quente, e mais altivez e resolução, tomou as dores por ele, e não pôde deixar de repelir tão grosseira chocarrice.

- Súcias não senhor!... veja como fala... bradou ela pondo-se em pé e alçando-se crespa e altaneira como siriema enraivecida. - Este moço foi criado junto comigo, e sempre vem à nossa casa. O pai dele não se importa com isso, e o senhor quem é para lhe vir tomar contas?...

- Bravo, minha rica!... não pensei que o maganão era tanto do seu peito!... por isso!... por isso é que a senhora anda tão soberba com os outros!...

- Senhor Luciano!... gritou a moça indignada, e ia responder; o moço, porém, satisfeito com o remoque que acabava de atirar, voltou-lhe rapidamente as costas, e foi para o meio do terreiro acender o cigarro na fogueira.

Luciano estava cruelmente ferido em sua fatuidade e amor-próprio, mordia-se de raiva e de ciúme, e só procurava uma ocasião de vingar-se do desdém de Margarida sobre o pobre e inofensivo estudante.

Eugênio por sua parte achava-se muito mal satisfeito de si mesmo e envergonhado do papel covarde que fizera perante sua amada, tornando necessário que esta acudisse em sua defesa. Estava agora resolvido a responder com quatro pedras na mão, se Luciano outra vez tivesse a audácia de o provocar.

Ia-se organizar nova quatragem, e de novo o terrível competidor de Eugênio dirigiu-se a Margarida. Esta, já sumamente agastada com ele, desta vez sem desculpas nem satisfações respondeu-lhe secamente:

- Não quero!

- Não quero?... retorquiu o rapaz com um sorriso forçado e gutural; - em má hora entrou aqui este fedelho, esse chupa-galhetas, que veio pôr a senhora assim tão altanada e tão cheia de fidúcias!

- O senhor é bem atrevido!... foi a frase mais enérgica, o doesto mais furibundo, que Eugênio levantando-se trêmulo e vermelho encontrou no vocabulário dos impropérios para atirar ao seu insolente rival.

Mas considere-se que Luciano era um homem no vigor da idade, alto e de compleição atlética, de barbas negras e cerradas, e que Eugênio era um menino imberbe e delicado. O epíteto de atrevido que lhe atirou à cara, foi portanto um rasgo de coragem admirável e Deus sabe quanto custou ao pobre estudante!

- Como é isso?... faça o favor de repetir se é capaz.. replicou Luciano pondo-se diante de Eugênio de mãos nas cadeiras e com ar ameaçador... - Olhem a figura de quem quer se

empertigar diante de mim!... este fedelho.... este rato de sacristia!... se me diz mais uma palavra, escovo-lhe aqui mesmo as orelhas...

- Alto lá, senhor - bradou uma voz, ao mesmo tempo que uma mão vigorosa agarrava o braço de Luciano... - Que lucro tira o senhor de estar desfeiteando uma criança?... se lhe puser as mãos é comigo que tem de se haver.

- Pronto!... respondeu voltando-se rapidamente para o seu interruptor. - Mas quem o chamou cá?... porventura o senhor é pai da criança?...

Daqui originou-se uma pendência, que durou alguns minutos sem passar de doestos, provocações e fanfarronadas em que todos tomaram parte, fazendo as mulheres uma pavorosa algazarra.

- Ora! ora! com efeito, senhor Luciano! - dizia a tia Umbelina altamente escandalizada com o negócio. - Nunca pensei que fosse o senhor o primeiro a vir armar barulhos e desordens nesta casa, onde até o dia de hoje - louvado seja Deus - não se sabia o que era a mais pequena rusga. E com quem vem mostrar-se valente? com a coitada de uma criança, que ainda ontem deixou os cueiros!

- Fie-se nisso... não está ele nos cueiros para lhe andar namorando a filha...

- Senhor Luciano, isso não são coisas que se digam! Estes meninos foram criados juntos, querem-se muito e...

- Bravo!... atalhou o rapaz com um riso de galhofa... Ainda mais essa! muito bem! pois deixe-os andarem juntos... que mal faz isso?... deixe-os e espere pelo resultado.

- Cale-se, senhor Luciano! - bradou Umbelina roxa de cólera e batendo com o pé. - Pensa o senhor que por ter na algibeira uma pataca mais do que os outros pode dizer o que lhe vem à boca, e chegar a ponto de querer governar as filhas alheias?

Luciano quis responder, mas uma multidão de vozes aplaudindo Umbelina abafaram-lhe as palavras.

- Muito bem! muito bem, tia Umbelina!

- Tem carradas de razão, e aqui estamos para punir pela senhora.

- Saia! saia o desmancha-prazeres!

- Fora o rusguento!

A filáucia e o tolo orgulho do rapaz arredavam dele todas as simpatias, e portanto, achou-se só no meio da tormenta que ele mesmo suscitara.

Fulo de raiva, Luciano pegou no chapéu.

- Vou-me embora! - disse bufando - a culpa tenho eu de me meter no meio de gente baixa e sem educação. Adeus, senhora Umbelina!... pode estar certa que Luciano Gaspar de Oliveira Faria e Andrade nunca mais há de cruzar a soleira da porta de sua casa.

- Oh! oh! oh! senhor Luciano! replicou Umbelina com riso de mofa. - É pena que não tivesse essa lembrança há mais tempo.

Um coro de aplausos a Umbelina e de apupadas a Luciano acolheu estas palavras.

Enquanto rugia toda esta trovoada, Eugênio e Margarida, trêmulos e espavoridos, tinham-se retirado para um canto, cosendo-se à parede da casa postaram-se bem junto à janelinha de balaústres, que tantas vezes tinha ouvido seus suspiros e amorosas falas no mistério da solidão.

XIII

Esta pendência, que teria passado a vias de fato, se as mulheres, que formavam a grande maioria daquela reunião, não interviessem com os seus gritos e choradeiras, esfriou completamente o folguedo, que daí em diante perdeu toda a animação e pouco durou.

Dissolvida a reunião, Eugênio partiu para a vila, em companhia do amigo, que havia tão generosamente tomado a sua defesa contra Luciano. Receando algum desacato da parte deste, não quis que o filho de Antunes partisse só, e acompanhou-o até a vila, onde também morava.

Eugênio repousou o resto da noite em casa de seu protetor, e apenas rompeu o dia foi para a casa do primo, que servira de pretexto à sua escapula da fazenda paterna. Utilizando-se da autorização que o pai lhe dera, aí ficou dois dias.

Um negro fugido não tem mais medo de comparecer perante o seu senhor, como Eugênio se arreceava da presença, de seu pai depois do desaguisado do mutirão. Estava certo que aquele fato tarde ou cedo lhe chegaria aos ouvidos.

Se Umbelina e os outros convivas eram capazes de guardar silêncio e abafar aquela desagradável ocorrência, outro tanto não se podia esperar de Luciano, que por vingança seria o primeiro a tocar a caixa do pregão e até seria capaz de ir pessoalmente denunciar a Antunes todo o acontecido.

Passados dois dias o próprio Antunes foi à vila buscar seu filho.

Quando o algoz munido de baraço e cutelo se apresenta na masmorra do condenado, não produz mais horrível impressão do que a presença de Antunes produziu no ânimo do filho.

Levou-o todavia para casa sem dar mostras de que sabia alguma do negócio do mutirão. Eugênio resfolegava; mas a tormenta estava reservada para quando chegassem em casa.

- Agora, senhor Eugênio, assente-se aí, e vamos conversar um pouco - disse Antunes fazendo sentar seu filho diante de si. - Creio que já é tempo de parar um pouco em casa e ir-se arranjando para voltar ao seminário; ou ainda não estará farto de súcias?

Este tom de severa ironia aterrou Eugênio.

- Eu não estive em nenhuma súcia - respondeu timidamente. - Meu pai não me deu licença, para, ficar na vila, os dias que eu quisesse?

- Mas porventura dei-lhe licença para ir em mutirão algum?

- Eu!... "em" mutirão?... quem lhe disse isso?

- Ora quem me disse!,.. quer acaso negar?...

O filho viu que estava perdido; calou-se, e de cabeça baixa esperou o desabar da tempestade.

- Com efeito$_1$ senhor Eugênio! - continuou o pai sempre no mesmo tom; - vmcê., pela maneira que vai, vem a dar um excelente padre! Enganar-me a mim para sair de casa e ir-se meter em suciatas e bebedeiras no meio de uma corja de peraltas e vadios! nunca tal esperei.... isto vai às mil maravilhas! E a tal senhora Umbelina com o chamarisco da sua boa filha, que anda-me aqui a desinquietar os filhos alheios, dando funçanatas e descantes! não cuida ela em rezar e dar educação à menina!... Deixe-a estar, que se não mudar de vida, terá de arrepender-se; não estou mais para aturá-la em minhas terras. Se continuar assim, ponha a trouxa às costas, e procure seu rumo, ou case a filha e mande-a tratar da vida. Vmcê., senhor criançola, com essa carinha de santo, já metido em tafularias altas, fazendo volta às raparigas, e metendo-se em rusgas por amor delas... se lhe tivessem moído os ossos a pau não era bem feito?... e eu e tua mãe com que cara havíamos de ficar?... ah! velhaquete!... que lindo padre se não está preparando aqui!....

Eugênio, trêmulo, confuso e de olhos no chão deixou cair sobre sua cabeça toda esta tremenda trovoada.

- Mas, meu pai.... - balbuciou ele - eu não subi com ninguém: havia lá um homem muito malcriado que...

- Cala-te tolo; a culpa é tua. Que foste lá fazer?... e o que esperavas mais, misturando-te com semelhante canalha?... Viste lã algum homem de bem? aposto que não.

Eugênio, acabrunhado de dor e de vergonha, sofria as mais violentas e pungentes torturas; as lágrimas cintilantes lhe dançavam à borda das pálpebras, e os soluços abafados o sufocavam e embargavam-lhe a fala. Uma vez porém que se achava naquela cruel situação, inteiramente perdido no conceito de seu pai, visto que não era possível encolerizá-lo mais do que estava, Eugênio entendeu que não podia achar melhor ocasião de abrir-lhe sua alma e fazer-lhe a mesma confissão que já havia feito a sua mãe.

Mas faltava-lhe o ânimo; fez um violento esforço e balbuciou.

- Mas, meu pai... eu...

Não pôde continuar; as lágrimas e soluços até ali a custo contidos fizeram explosão tempestuosa. As primeiras palavras do menino abriram-lhes franca saída.

- Mas o quê?...

- Mas... eu não...

Nova explosão de soluços afogou-lhe a palavra.

- Eu não, o quê?... acabemos com isto, meu filho.

- Eu não... tenho vontade de...

Aqui ainda os soluços abafavam-lhe a voz; a palavra fatal agarrava-se teimosa na garganta, donde um nó de soluços não a deixava escapar-se.

- Mau! acabe com isso - exclamou o pai impacientado; - não tem vontade de quê?... fale... pois um moço, um rapagão, que já anda em tafularias, não tem vergonha de estar aí a chorar como uma criança! vamos com isso; de que é que não tem vontade!

- De ser padre, meu pai.

Estas palavras o estudante as despejou da boca rapidamente, como se fossem brasas que lhe queimavam os lábios.

- Deveras!.. viva isso! muito bem, senhor meu filho! exclamou Antunes com sardônico sorriso. - Então com que não quer ser padre?... e isto sem dúvida porque quer se casar com a Margarida, não é assim, meu filho?

- Meu pai, exclamou o filho com um olhar e um tom de quem pedia compaixão ao desapiedado pai.

- És um tolo ainda, meu pobre filho; não sabes o que é o mundo ainda, e aquela rapariga te anda revirando os miolos.

- Meu pai, não é ela...

- Não me repliques. Estou bem certo que, se não fosse ela, não terias semelhantes caprichos. E pensas tu, que eu hei de consentir que deixes de seguir uma carreira tão bela e tão honrosa, para o que não tenho poupado dinheiro nem cuidados, por amor de uma... miserável?

- Oh, meu pai, não é assim; ela não tem culpa...

- Anda lá!... não cuides que podes enganar-me; bem te conheço e a ela também... mas deixemo-nos disto. Avia-te quanto antes para voltar ao seminário. Bem mal fiz em te mandar buscar contra o conselho dos padres. Basta de férias. Vai-te, e não me voltarás aqui senão ordenado. Depois de amanhã sem falta quero vê-lo pelas costas. Basta de tafularias.

Oh! miserando Eugênio! aquelas palavras esmagaram-lhe o coração. Partir, deixar Margarida, para não voltar senão dai a seis ou sete anos, talvez nunca, quem sabe? Esta idéia lhe gelara o coração como um prenúncio de morte.

Depois de amanhã sem falta! Estas palavras foram horríveis aos ouvidos do mancebo como os clangores da trombeta do arcanjo anunciando o fim do mundo; o presente, o passado, o futuro, o mundo, o espaço, tudo se esvaecia e parecia-lhe que sua alma se ia abismando aniquilada no seio das sombras eternas.

Não era porém mais do que uma vertigem que lhe escurecia os olhos e turbava os sentimentos e que o fez tombar sobre uma cadeira, banhado de suores frios. Seus olhos se cerravam e no meio de um disco de cores inflamadas se lhe apresentou a imagem de Margarida pálida e chorosa, acenando-lhe ao longe um derradeiro e triste adeus.

Antunes, que ao despedir os últimos raios de sua cólera havia voltado bruscamente as costas e se retirara, nada disto havia presenciado.

O delíquio foi passageiro; durou apenas alguns instantes. Com o coração ralado de angústia o mancebo foi procurar sua mãe, a ver se debaixo da asa maternal poderia encontrar abrigo contra os rigores inexoráveis da autoridade paterna, e algum alívio e conforto às amarguras de sua alma.

Achou de feito palavras de consolação e conforto nos lábios maternos; mas se a, mãe o tratou com menos rigor e aspereza, todavia a sua resolução de fazer Eugênio tomar ordens sacras não era menos inabalável que a do pai. A cena fatídica da cobra enleada na Margarida estava altamente gravada em seu espírito, e a senhora Antunes estava intimamente persuadida de que aquela serpente era o demônio, que viera insuflar no seio de Margarida o espírito maléfico para tentar seu filho, e que somente o hábito sacerdotal podia preservá-lo do caminho da perdição.

As doces palavras, as afetuosas exortações e conselhos da mãe trouxeram momentâneo lenitivo às amarguras do filho, mas não conseguiram desvanecer a nuvem sombria, que lhe envolvia o espírito e lhe pesava sobre o coração.

O sopro da brisa matinal pode varrer a névoa ligeira que touca o cabeço da montanha, mas não o vulcão carregado que traz no seio a tempestade.

XIV

Eugênio passou uma noite febril entre cruéis insônias e ansiados pesadelos. Mal despontou a primeira alva do dia levantou-se e pôs-se à janela.

O dia levantou-se cheio de serenidade e esplendor. O sol que surgia por detrás das colinas do levante coroadas de arvoredos, brilhando através da ramagem, orlava o horizonte como de uma rede de ouro. Do lado fronteiro, em uma encosta longínqua, os troncos vetustos, que o machado respeitou aqui e acolá no meio de um vasto roçado, verberados pelos primeiros raios do sol pareciam colunas de bronze, que ficaram em pé no meio dos escombros de um templo derruído. Vapores diáfanos coloridos pelos fogos da aurora, erguendo-se da valada e despregando-se das colinas, dispersavam-se nos ares como pétalas de rosa que uma virgem desfolhasse às brisas da manhã. Os arbustos da vargem recamados de flores balanceavam-se brandamente ao sopro das aragens, e sacudindo da copa orvalhada uma chuva de pérolas abandonavam às auroras matinais as primícias de seus perfumes. Bandos de papagaios e periquitos garrulando alegremente atravessavam o espaço azul como nuvens de folhas verdes levadas pelo vento. Em derredor da casa também tudo era vida, prazer e animação. Tudo acordava pulando de alegria e de amor ao primeiro beijo do sol esplêndido do céu americano. Cada árvore era uma orquestra de pios, trinados e gorjeios, onde o sabiá, o gaturamo, o pintassilgo e outros mil passarinhos pareciam disputar entre si a palma da harmonia.

A viração trazia dos pomares aromas inebriantes de flores de laranjeira, de maracujá, de jambo e de jasmim, e do mato os suaves eflúvios que destilam uma multidão de plantas balsâmicas e flores sem nome, que vegetam à sombra de nossos bosques.

Entretanto, nessa hora de magia, de prazer e de esplendores, em que a terra parecia sorrir-se para o céu, que a envolvia em ondas de luz tépida e serena, só Eugênio estava triste, sombrio e abatido, só ele pendia para o chão a fronte esmorecida, como a planta mimosa que a geada crestou, e a quem o calor vivificante do sol, nem o beijo da brisa matinal pode mais reerguer o colo desfalecido.

O olhar do moço enfiava-se imóvel pelo longo do vale, que acompanhando o córrego entre dois espigões ia-se perder no pitoresco vargedo, em que se achava a casa de Umbelina. Um boleado da colina lhe encobria a casa desta, e apenas lhe acordavam n'alma tão suaves recordações, agora amarguradas pelo fel do presente.

Seu olhar estava fito sobre esses topes, sua alma conversava com eles, e lhes murmurava um doloroso adeus.

Largo tempo esteve ali Eugênio na mesma posição, mergulhado nas mais acerbas e pungentes reflexões. A energia dos sentimentos havia despertado com extraordinária precocidade na alma

do mancebo, que apenas púbere já sentia fundamente todos os violentos transportes da paixão, todos os seus inefáveis gozos, e raladoras angústias.

Ao sair dali, Eugênio foi direito procurar sua mãe.

- Minha mãe, não poderei ao menos hoje ir à casa da tia Umbelina despedir-me dela e de Margarida? Sabe Deus se não será a última vez que tenho de vê-las!...

- Não fales assim, meu filho; Deus há de permitir que as veja ainda por muitos e muitos anos

- Não sei, minha mãe, mas...

- Mas o que queres lá fazer? temos muito que arrumar para a tua viagem, que é amanhã sem falta. Eu te desculparei para com elas...

- Oh! minha mãe! temos muito tempo para isso. Eu não me demorarei mais de uma hora, meia hora mesmo, se Vm. quiser. Tenho de me ir embora por seis ou sete anos, ou mais... talvez para sempre, e me ficará um grande prazer se lhes puder dizer adeus.

- Queres que te diga a verdade, meu filho?... desde o outro dia fiquei muito mal satisfeita com aquela gente, e a minha vontade é que nunca mais lá ponhas os pés. Se souberes o susto que raspei, quando soube que lá andaste metido em folias e batuques no meio de gente malvada!...

- Mas, minha mãe, a culpa foi minha.

- Bem sei, bem sei, mas se aquela comadre de uma figa tivesse mais juízo na cachola, e menos malícia no coração, não consentiria que parasses lá um só instante...

- Eu enganei-a, minha mãe, e ela acreditou que meu pai me tinha dado licença...

- Não creias tal; tão tola não é ela. Bem viu que foste fugido; acreditou-te porque lhe fez conta. É ela mesma que te anda seduzindo e te pondo a perder, ela e a minha boa afilhada que também - Deus me perdoe! - está ficando uma fresca jóia.

Eugênio compreendeu que era tempo perdido instar mais com sua mãe. Resignou-se e conformou-se com sua sorte. Para despedir-se de Margarida restava-lhe ainda uma última esperança; essa abrigava-se debaixo do manto propício da noite, pela qual esperou com ansiedade.

Um luar escasso e melancólico esbatia-se frouxamente pelas campinas adormecidas no mais profundo silêncio. Sua luz baça mal disfarçava a escuridão da noite no pequeno vale, em que se achava situada a casa de Umbelina, a qual apenas se distinguia na sombra, escondida embaixo da frondosa copa da figueira como o filhote da ema abrigado à sombra das asas maternas.

Como dois gigantes negros abraçando-se no ar, as duas altas paineiras alçavam-se projetando pelo vargedo as sombras colossais. Indolente aragem mal bulia nos ramos dos arvoredos, e somente os pios intercedentes do curiango resvalando pelo chão no vôo rasteiro quebravam o silêncio daquela solidão.

De entre as sombras das paineiras surgiu um vulto esguio e lesto à semelhança de um silfo aéreo que, parecendo nem tocar a terra com os pés, atravessou rapidamente o vargedo, penetrou no terreiro, e sumindo-se por baixo da grande figueira foi colocar-se bem junto à janelinha de balaústres.

A favor daquela mudez profunda quem de ouvido afiado estivesse encostado à cerca do terreiro, ouviria um ciciar de vozes abafadas segredando ternuras e entreveladas de beijos, suspiros e soluços a confundirem-se com o frêmito da folhagem, que de quando em quando estremecia a uma frouxa lufada de viração espreguiçando-se nos ramos da figueira.

.....

- Adeus, Margarida!... adeus!

- Pois já?... um momento! um instantezinho ainda.

- Pois sim... mas se meu pai der por minha falta... não deve tardar a amanhecer... mais um beijo, Margarida!...

- Toma... tu hás de me querer bem sempre, não é assim, Eugênio?

- Sempre! eu te juro, torno a jurar; padre, nunca hei de ser. Adeus!...

- Adeus, Eugênio...

- Ah, não chores assim, que me cortas o coração. Enxuga essas lágrimas, para que eu possa ter ânimo de ir-me embora.

- Deixa-me chorar, Eugênio. Que hei de eu fazer?... hei de orar sempre até que voltes.

- E hei de voltar, Margarida; tanto hei de pedir, instar, rogar a minha mãe, que ela há de mandar buscar-me, e um dia, Margarida, um dia hei de ser homem, e havemos de viver juntos, e não haverá poder na terra que nos possa separar.

- Mas... meu Deus! até lá eu morro de saudades.

- Não, Margarida; hei de fazer tudo para sair do seminário, e voltar o mais breve possível... ah! não chores mais assim... já não te pedi?...

- Pois bem... olha, já não estou mais chorando... mas... não fiques lá muito tempo, não; ouviste?... volta, volta depressa, Eugênio.

- Fica sossegada, meu amor, eu hei de voltar. Adeus... um último beijo ainda...

Este diálogo era suspirado com voz trêmula e abafada entre lágrimas, e ninguém poderia adivinhar que fundas tristezas, que ansiosas e cruéis inquietações se exalavam naqueles tímidos e sentidos arrulhos, que mais pareciam vagos murmúrios da solidão perdendo-se nas asas da brisa, confundidos com o ramalhar da folhagem e o burburinho da fonte vizinha.

Um momento depois, o mesmo vulto, que vimos atravessar o vale rápido e leve como um silfo noturno, lá se ia vagaroso e como que se arrastando a custo a se esgueirar pelas sombras do vargedo. De quando em quando parava, voltava-se para trás, apertava as mãos convulsivamente contra o peito; um estremeção como de um soluço agitava o corpo, e com a voz que mais era um gemido murmurava Margarida!

Dir-se-ia alma penada ou duende da noite, que com a aproximação do dia se recolhia ululando aos fúnebres lugares donde havia saído.

XV

Os seminaristas de Congonhas do Campo viam com certa surpresa e assombro ao anoitecer, depois que a sineta havia vibrado a hora do recolhimento, um de seus companheiros, pálido e abatido atravessar de braços cruzados e olhos baixos a longa fila de dormitórios, e encaminhar-se para o quarto do padre diretor e ali ficar largo tempo em íntima e misteriosa prática. Isto tinha lugar duas ou três vezes por semana.

Esse estudante, que antes de partir para as férias, tímido e acanhado ao princípio era por fim um menino travesso e brincalhão como os outros, ia-se tornando um moço cada vez mais tristonho e misantropo.

No passeio e recreação acompanhava os outros como um autômato, com os olhos ou pregados no chão ou alongados além pelos horizontes e parecendo estranho a tudo que em derredor dele se passava. Grave e pausado como um velho ermitão formava um vivo contraste com a turba jovial de seus gárrulos e travessos companheiros; dir-se-ia o triste e moroso noitibó perdido entre um bando de inquietos e chilradores melros.

Nas horas de estudo e recolhimento vivia debruçado sobre os livros, mas tinham observado que cismava muito e lia bem pouco. Os seminaristas novos, que ainda não o conheciam, tê-lo-iam tomado por um idiota, se na aula o rapaz não desenvolvesse prodígios de memória e de inteligência dando de si melhores contas do que nenhum outro. Isto mesmo era mais um motivo de pasmo da parte dos seminaristas, que olhavam para aquele excêntrico e misterioso colega com certa curiosidade cheia de respeito e admiração.

Que ia, porém, fazer aquele estudante duas vezes por semana ao quarto do padre-mestre diretor?...

O pai de Eugênio, reenviando-o para o seminário, tinha escrito aos padres comunicando-lhes os desvios e desregramentos de seu filho, e pedindo-lhes muito encarecidamente que tomassem debaixo de seu particular cuidado dirigir-lhe a consciência e procurar desarraigar-lhe do espírito certa paixãozinha - assim se expressava ele - que o ia tornando um pouco avesso à sua natural vocação e louvável propósito de ordenar-se.

Isto para o padre diretor não era nenhuma novidade. Estava ele bem lembrado, e o leitor também não se terá esquecido, dos versos feitos a Margarida, seqüestrados pelo reitor à pasta do estudante. Era prevendo aquela descaída do seu neófito, que o padre se havia oposto com tanta energia a que Eugênio saísse do seminário durante as férias.

Também de sua parte os padres tinham grande interesse e vivo desejo de atrair ao grêmio da classe clerical aquele mancebo, que por sua bela inteligência, seu espírito de devoção e excelentes dotes morais parecia talhado pelo céu para ser um digno ministro da religião do Crucificado.

Concebe-se pois o esforço, com que aqueles zelosos missionários se empenhariam em fazer tão bela aquisição para o clero brasileiro, e mesmo, se fosse possível, para a congregação a que pertenciam.

Muito satisfeitos se mostraram quando viram voltar ao seminário o esperançoso estudante. Vendo seu ar melancólico e abatido adivinharam-lhe a causa, mas não se inquietaram com isso, esperando que o tempo e a ausência seriam suficientes para desvanecer a tal paixãozinha, que se extinguiria por si mesma, como a luz da lâmpada, a que falece o óleo.

Mal pensavam eles, que o amor que abrasava o coração do mancebo era como a chama do amianto, que arde perenemente sem nunca consumir-se.

Em viagem para o seminário, Eugênio, com o coração cortado de angústia e de saudade e cheio de despeito contra a tirania paterna, formava em seu espírito o projeto de mostrar-se inteiramente rebelde à disciplina claustral, embora atraísse sobre si as mais severas reprimendas e castigos; pretendia comportar-se com tal desídia e relaxamento, tais desatinos e desregramentos praticar, que os padres se veriam obrigados a expeli-lo do seminário.

Firme nesse propósito chegou a Congonhas, mas apenas cruzou os umbrais do piedoso edifício, sentiu desfalecer toda a sua energia reacionária, sua fronte altanada curvou-se a um profundo sentimento de respeito e submissão; todas essas veleidades de revolta se encolheram nos seios da alma, como se calam medrosos escondendo-se nas moitas do vergel os gárrulos passarinhos, quando percebem a sombra da asa do gavião, que atravessa os ares esvoaçando por cima deles.

Tímido, cordato e dócil por natureza, Eugênio não tinha coragem para praticar o mal, nem era capaz de proceder contra os ditames da sua consciência. O espírito religioso que constituía, um dos traços mais proeminentes do seu caráter, lhe fazia, olhar com veneração aquele edifício, morada dos padres santos, e consideraria o mais abominável dos pecados profaná-lo com atos de desregramentos e rebeldia.

Debalde pois tentaria impor à sua vontade atos que a consciência repelia, e fazer calar as nobres e virtuosas tendências, que a natureza lhe tinha plantado no coração. Resignou-se, e contentou-se em chorar sobre a sua sorte.

Ferida pelo infortúnio a alma bem formada não blasfema contra Deus, nem se revolta contra os homens.

Longe de expelir transformado em veneno o fel do coração, converte-o em lágrimas de resignação e expande mais suave e puro o perfume da virtude, como o sassafrás golpeado pelo ferro do derrubador destila mais ativo e redolente o aroma, que lhe embalsama o âmago.

Todavia Eugênio não podia expelir de seu coração a imagem de Margarida, e nem ele o tentava, pois reputava isso um projeto impossível, absurdo, louco. Essa imagem agora lhe estava gravada na alma em traços muito mais vivos e profundos do que nos anos da primeira ausência. A meiga e plácida afeição da infância havia tomado as proporções de uma paixão enérgica e fogosa, e se assenhoreara de seu coração, como esse truculento e rijo cipó que se atraca ao madeiro da floresta, o enleia e aperta, e com ele se identifica, destinado a viver e perecer com ele.

A saudade, que o devorava, já não era essa tristeza lânguida e melancólica, que se entorna do coração com certa suavidade como o perfume de uma flor mirrada, e se espairece nos ares nas asas do devaneio como uma nuvem dourada pelos fulgores da aurora. Era o negrume carregado de uma noite pesada, muda e funérea; de uma noite toldada, sem luz de estrelas nem lampejos de harmonia, nem fragores de tempestades.

Era a paixão com todas as suas cruéis inquietações e anelos febris, com todas as suas sombrias apreensões no futuro, e suas doces e pungentes recordações no passado.

A tudo isto vinha-se juntar um sentimento de dolorosa compaixão pela sorte de sua querida companheira. Ah! quão sozinha, quão desamparada a havia deixado na solidão do lar quase deserto, entregue às angústias da saudade, como flor mimosa exposta a todos os rigores do sol canicular! Pobrezinha! a injusta prevenção dos pais de Eugênio, retirando-lhe sua estima e amizade, a privavam da única consolação que lhe restava, tirando-lhe até os meios de saber notícias do amigo ausente! Com que amargura não exprobrava a sua mãe no íntimo da alma aquele iníquo e desalmado procedimento! Como não o teria profligado, amaldiçoado mesmo, se não partisse de uma mãe, a quem respeitava e amava!...

Pelas suas Eugênio aquilatava as angústias de Margarida. Ele a via todas as tardes - e seu coração adivinhava - encaminhar-se para as paineiras do vargedo pálida e chorosa, com as madeixas revoltas e dispersas pelos ombros, como palmeiras a que o sopro violento da tormenta vergara o colo, derriçara os galhos e emaranhara os leques emurchecidos. Ali a via sentada largo tempo com os olhos fitos nos campos da fazenda paterna, triste como Eva exilada do paraíso, regando com as lágrimas as raízes daquelas árvores queridas, companheiras e confidentes fiéis das alegrias do passado e das amarguras do presente.

Entranhando-se nestas tristes imaginações Eugênio estoreia convulsivamente as mãos e o sofrimento lhe espremia do coração duas lágrimas, que o fogo do desespero lhe queimava nas pálpebras sem dar-lhes tempo a rolarem pelas faces, e a muito custo podia conter no peito um brado de blasfêmia e um ímpeto de revolta.

Cedendo, porém, ao peso de seu infortúnio o moço não ousava, nem tentava combater a paixão, que fazia a tortura da sua vida.

Sabia isso impossível; mas o seu espírito crente e religioso só julgava realizável a sua redenção por um favor especial do céu, pelo influxo da graça divina, favor que não esperava, nem ousava implorar, porque delep

tentação de que Satanás se prevalecia para arredá-lo de sua natural e santa vocação. Que era pena perder-se por tão fútil e baixo motivo um digno sacerdote, que viria a ser um dia um dos mais belos ornamentos do clero brasileiro.

Lisonjeado com os elogios feitos ao filho, Antunes aplaudiu e aceitou o conselho e deu-se pressa a pô-lo em execução. Sabendo que Luciano, aquele que tivera a pendência com seu filho, conservava ainda a mais viva inclinação por Margarida, e que, pondo de parte a sua fatuidade e arrogância, era um excelente rapaz, morigerado e trabalhador, tanto ele como a senhora Antunes começaram a dar passos com grande empenho e diligência no intuito de efetuar aquele casamento. Baldados porém, ficaram todos esses esforços. Margarida resistiu inabalável a todos os conselhos, exortações, repreensões, desenganos, promessas e até às ameaças de maldição por parte de seus padrinhos e recusou-se obstinadamente a aceitar marido fosse ele qual fosse.

Outrora Umbelina tinha afagado no espírito a esperança e acreditava na possibilidade do futuro enlace dos dois meninos, Eugênio e Margarida. Não via na pobreza desta embaraço sério para isso, e quanto à linhagem, ela a viúva de um alferes dessa brilhante cavalaria mineira, a nata do exército, onde não se alistava senão gente de sangue limpo e de família honrada, e da qual o simples soldado era tão respeitado e respeitável como hoje um capitão, ela em nada se julgava inferior aos Antunes.

Mas Umbelina não era mulher de têmpera a seguir com tenacidade uma idéia, nem lutar com dificuldades. Logo que viu o vivo desejo, que mostravam os pais de Eugênio para fazê-lo padre, desvaneceram-se suas esperanças, e nem pensou mais no desejado enlace.

Contudo, não deixou de aconselhar à filha que acedesse à vontade de seus padrinhos, mas com tão pouca insistência, que parecia inteiramente neutral naquele negócio. O comportamento de seus compadres para com ela, desde a desagradável ocorrência do mutirão tinha revoltado o seu orgulho, e era com maus olhos que via a interferência, que queriam exercer nos negócios de sua casa.

Margarida, a pobre Margarida, via eclipsar-se para sempre e sem remédio a estrela de suas esperanças no seio de um fúnebre e sinistro negrume, que de mais em mais se condensava sobre sua cabeça. A alegria e o sossego fugiram daquela alma, onde a saudade e o pesar se aninharam para sempre. Ela via que os elementos revoltos só preparavam tempestades no horizonte de sua vida, e conspiravam de modo assustador para desunir dois destinos, que o céu parecia ter criado para se desenvolverem e se extinguirem ao lado um do outro, e não podia encarar sem horror esse futuro, onde a estrela de sua felicidade pálida, e incerta vacilava à borda de um horizonte tenebroso. Tinha crença firme no amor e nas promessas do seu querido; mas não tinha fé no destino, nesse poder implacável, e tirânico, que zomba dos mais firmes protestos e das juras mais leais.

Sofrendo cruelmente, Margarida procurava esconder aos olhos de sua mãe a violência e amargura de seus martírios.

Se não fosse a sua feliz e robusta organização e a têmpera forte do seu espírito, teria sucumbido ao peso de tantos pesares e aflições.

Eugênio e Margarida eram como dois lindos arbustos de viçosa e opulenta folhagem, que nasceram bem junto um do outro; as raízes se entrelaçaram no mesmo alvéolo, nutrindo-se da

mesma seiva, e os ramos balançados pela mesma vibração se abraçaram e confundiram no ar. Um imprudente e desalmado cultor, pensando que lhes era nociva aquela vizinhança entendeu que devia separá-los, e arrancando um deles o transplantou para longe. Para isso foi mister lacerar desapiedadamente as raízes de ambos, e um e outro largaram pelo chão as folhas murchas, penderam para a terra os nus e ressequidos galhos, e não houve bafejo da primavera, orvalho benfazejo nem sopro de brisa vivificante, que pudesse restituir-lhes o perdido viço e louçania.

Vendo a invencível relutância da filha e a fria indiferença da mãe, Antunes, cheio de indignação, tomou de acordo com sua mulher a resolução de expulsá-las da fazenda.

- Desaforo! - exclamava o velho inchando as bochechas e bufando de cólera ao que parece, a tal comadre pensa que estou gastando dinheiro e apurando a paciência com a educação do menino para dá-lo em dote à sua pequena!.. ora não falta mais nada! é isso!... outro não é o motivo, por que embirram em não querer nem que se fale em casamento; que malucas!...

- Que dúvida! - acrescentava a mulher - rua com elas e quanto antes!... a tal comadre de uma figa, se não quer casar a filha é porque não quer-se desfazer daquele engodo, que lhe chama à casa os fregueses. Saindo a Margarida, adeus súcias e bebedeiras! adeus jogos e pandeiradas, em que os filhos-famílias vão atirar fora o dinheiro de seus pais... e é isso o que a ela não lhe faz conta.

- Lã isso também pode ser; mas o fito principal da patusca era filar-me o rapaz; isto ninguém me tira do sentido... até consta-me que o menino, depois que expressamente lhe proibimos pôr lá os pés, quando já todos aqui dormiam, fugia sorrateiramente da casa e lá ia passar quase todas as noites!... e que me diz a esta, hem, senhora?...

- Deveras, senhor Antunes!... o que me está dizendo?... homem!... veja que víbora traiçoeira admitíamos dentro de casa! Nada! nada! nem mais um momento quero ver essa mulher perto de nó.... é a serpente! é o diabo em pessoa!...

Assim, pois, ficou irrevogavelmente proferida a sentença de banimento das duas infelizes mulheres, sentença dura e injusta em todo o ponto, e que não tinha outra base mais do que a infundada prevenção dos dois fanáticos esposos. É verdade que Umbelina, como dona de uma pequena bodega à beira da estrada, tinha de tolerar sem remédio a reunião em sua casa de muita rapaziada vadia e turbulenta, que lá se agrupava por vezes aos domingos, e armava algazarras e rara vez algum pequeno distúrbio.

Um belo dia, pois, Umbelina e sua filha tiveram de arrumar a sua trouxa, e de dizer eterno adeus à sua linda casinha, ao risonho e pitoresco vale, ao córrego e às paineiras que por tantos anos tinham sido o abrigo e a companhia de sua feliz e pacífica existência.

Umbelina, por sua parte, de há muito desgostosa e disposta a abandonar aqueles lugares, não sentiu grande pesar em deixá-los; mas a pobre Margarida... essa aí deixava o coração feito em pedaços entre as garras da dor e da saudade. Triste sina era a sua! a sorte desapiedada lhe arrancava até a companhia daqueles sítios queridos, daqueles seres inanimados, que para os outros não tinham valor nem significação alguma, mas que para Margarida tinham uma alma com quem se entendia, uma voz consoladora que com ela conversava mistérios de amor e de saudade.

Quando viu sumirem-se por detrás das colinas a alva casinha, o vargedo, e os últimos topes das figueiras e das duas paineiras, pareceu-lhe que um véu de eterno luto se estendia sobre seu coração, e uma voz lúgubre lhe murmurava dentro da alma: - tudo está acabado!

Assim devia retirar-se Eva, expulsa do paraíso pela espada de fogo do arcanjo vingador, chorosa e a passos lentos, volvendo de quando em quando para o jardim de delícias, que acabava de perder, olhos empanados de lágrimas de indizível angústia. Assim devia retirar-se Eva, sim; porém talvez menos infeliz porque sentia na sua a destra do esposo, que a afagava, e lhe sustinha os passos vacilantes pelas tristonhas e escabrosas sendas do exílio.

Margarida porém, ai dela!... despedindo-se daquele éden saudoso da sua infância, dizia também eterno adeus ao bem querido de seu coração.

XVII

Grande é o poder do tempo.

O próprio braço da dor, quando não consegue esmagar a sua vítima, por fim de contas esmorece fatigado, e o seu estilete, por mais buído que seja, acaba de embotar-se.

O físico de Eugênio, graças à mocidade e a uma feliz e sadia organização, tendo resistido aos rudes e continuados golpes de uma dor íntima, e intensa e corrosiva, o espírito como que fatigou-se de sofrer, ou antes habituou-se ao sofrimento.

Uma influência talvez ainda mais forte que o tempo, se bem que por ele auxiliada, contribuiu também grandemente para a salutar modificação que se operou na vida do mancebo. Sua natural tendência à devoção e ao misticismo, que nele constituía também uma paixão, há muito tempo abafada pelos pesares e inquietações de um amor infeliz, acordou finalmente no seio daquela alma ulcerada, e se não pôde acalmar de todo seus sofrimentos e tumultuosas agitações, veio pelo menos dar-lhes um caráter menos sombrio e desesperado.

Eugênio não pôde suportar por mais tempo a triste solidão em que gemia abraçado com a cruz de seu sofrimento. Não sabendo onde achar socorro e consolação para o mal que o flagelava, correu a prostrar-se aos pés do Crucificado, regou-os com suas lágrimas, e beijou-os cheio de contrição e de amor, implorando-lhe que lhe acalmasse aquela febril agitação, que lhe queimava o cérebro, e lhe restituísse a paz do coração.

Desde então começou a sentir de novo aqueles celestes enlevos, que as solenidades religiosas outrora lhe despertavam na alma. No templo, aos sons do órgão sagrado e dos hinos religiosos, seu espírito se arrebatava entre as nuvens de incenso sobre as asas do êxtase e pairava pelo empíreo no meio de coros angélicos. O altar inundado de esplendores e de nuvens aromáticas lhe parecia o escabelo do trono de Deus, o único degrau seguro, por onde se pode subir ao conspecto do Altíssimo.

Eugênio, então entrado nos dezenove anos, já não tinha o seu dormitório no salão dos meninos; pertencia à turma dos grandes, e dos que propriamente se chamam "seminaristas" ou candidatos ao sacerdócio: Como tal, tinha portanto o seu cubículo ou cela particular. Ali também

entregava-se com fervor a contínuas práticas de devoção e ascetismo, e ajoelhado aos pés da imagem da Mãe de Deus, rezava longamente e deixava o seu espírito perder-se engolfado em santas e beatíficas contemplações, ou lia as páginas ardentes e sublimes de S. Jerônimo ou de S. Agostinho, e os seráficos escritos de S. Francisco de Sales e de S. Teresa de Jesus, tão perfumados de mística unção e de angélica piedade.

A estas práticas de devoção e piedosas leituras vinham se juntar estudos severos das matemáticas, de filosofia e teologia, que lhe iluminavam e robusteciam a inteligência; ao passo que a leitura assídua do Eclesiastes; do livro da sabedoria e dos provérbios de Salomão lhe confortava o coração, e o protegia contra os ataques das seduções e vaidades do mundo.

Mas não se pense que Eugênio enlevado em seus atos de devoção e absorvido em seus estudos havia conseguido esquecer-se de Margarida.

Somente o seu amor, purificando-se ao contato da religião de tudo que nele havia de carnal e terreno, tinha tomado as cândidas roupagens de uma afeição angélica e ideal, e o fel amargo da saudade, que lhe afogava o coração, se havia transformado em uma torrente de lágrimas silenciosas e resignadas, que vertia aos pés da Virgem consoladora dos aflitos.

Entre as nuvens do incenso, que embalsamavam o templo, no meio dos anjos de suas visões pairava também a imagem de Margarida, e por entre as piedosas e místicas harmonias, que enchiam as abóbadas sagradas, ouvia-lhe a voz suave e argentina. No retiro solitário de sua cela, quando prostrava-se em oração ante a imagem da Virgem, Margarida estava também ajoelhada ao lado dele como nos tempos de seus brincos de criança, e era ela o anjo, que nas asas de neve e ouro levava as suas preces ao trono do Onipotente.

Essas duas tendências naturais de seu coração terno e entusiasta, pode-se dizer essas duas paixões, que lhe eram inatas, o amor e a devoção, congraçavam-se admiravelmente em seu espírito. O arroubo místico, contínua aspiração para Deus e para as coisas celestes, não excluía nele o amor por essa criatura, que é sobre a terra um dos mais belos reflexos do infinito poder - a mulher. É que de fato esses dois sentimentos tão puros, tão celestes ambos, nada têm de inconciliáveis em si mesmos, e somente uma lei meramente convencional, impondo o celibato como um preceito, imperativo, podia, levantar entre eles esse odioso antagonismo, contra o qual a razão protesta e revolta-se o coração.

Eugênio pois não deixava de sentir em si a mais pronunciada vocação para o sagrado ministério do altar; se não fora o amor, que nele ainda prevalecia sobre as tendências teocráticas, sua resolução estaria definitivamente firmada e decidida. O seu espírito oscilava perplexo entre essas duas belas e santas aspirações, as quais, se não fossem canonicamente incompatíveis, teriam entretecido para a fronte do mancebo a mais brilhante coroa de glória, de amor e de felicidade, e que no entanto por sua incompatibilidade estavam fadadas a cavar-lhe um abismo de angústias e desgraças.

Dois anjos a um tempo tomavam Eugênio pela mão, e o convidavam para o céu.

Um era a piedade, que lhe mostrava os degraus do altar, e lhe corria diante dos olhos maravilhados os véus sacrossantos, que encobrem o trono de Deus.

O outro era o amor, que lhe entreabria a porta misteriosa da alcova nupcial, e lhe apresentava a imagem de Margarida.

O despertar do espírito religioso na alma do mancebo, alimentado e auxiliado por contínuas exortações e conselhos dos padres, já era um grande passo para a consecução do fim que tinha em vista. A paixão ascética ia pouco a pouco ganhando sua alma, e em breve os afetos profanos não encontrariam nela nem mais um cantinho onde aninhar-se.

Aplaudiam-se entre si deste resultado, e já não duvidavam de que mais tarde ou mais cedo o triunfo seria completo, e o moço abjurando de uma vez todas as paixões terrenas se entregaria sem resistência nos braços de sua natural vocação - o sacerdócio.

Escreveram ao pai de Eugênio:

"Graças ao Todo-poderoso e aos nossos perseverantes esforços, a ovelha desgarrada vai se encaminhando para o aprisco da religião... O bálsamo salutar da devoção vai dissipando os efeitos do veneno, que a paixão pecaminosa lhe filtrara no coração. Mais um passo, e poderemos cantar assinalada vitória sobre o espírito das trevas, ganhando um digno ministro para o altar, e uma bela alma para o céu. Resta, que V. Sa. nos comunique o casamento da rapariga e tudo estará concluído."

A despeito de toda a força da sua vocação eclesiástica, de todo o fervor do seu ascetismo religioso, Eugênio mantinha-se firme na resolução de não tomar ordens. Assim o havia jurado a Margarida. Firmada pela religião do juramento, essa afeição terna e profunda que votava à companheira de sua infância, afeição que com ele nascera, que era a luz de seus olhos, a seiva de seu coração, o perfume de sua alma, via cerrarem-se os áditos do santuário do Senhor, para o qual volvia olhos invejosos como para um Éden vedado, de que suas fraquezas o tornavam indigno. Mas Margarida era um anjo de Deus exilado na terra, e se ele não podia com suas mãos profanas tocar nos vasos sagrados e na hóstia sacrossanta poderia ao menos ajoelhado ao lado dela inclinar a fronte venerabunda ante os altares, e entoar com ela hinos de louvor ao Todo-poderoso. O culto e adoração oferecidos ao Senhor por um de seus anjos não podiam deixar de ser-lhe tão gratos como aqueles que lhe são endereçados pelas mãos de seus ungidos.

Destes devaneios, em verdade bem suaves, o vinham arrancar considerações de outra ordem, que o lançavam num pego de amarguras e inquietações. Via diante de si a incerteza do futuro, o inabalável emperramento de seus pais, que a todo o transe o queriam fazer padre, a sorte precária de Margarida, mal vista e repudiada por eles, pobre e frágil criatura exposta a todos os embates de um destino cruel e a todas as seduções e azares de um mundo corrupto e libertino.

Já não era só o amor, era um dever mais santo e porventura mais forte que o amor, que o forçava a jamais abandonar ao seu destino aquela infeliz criatura, que o céu como que havia confiado à sua guarda e proteção, fazendo-a nascer junto dele, e colocando-a à sombra do mesmo lar, como a tenra trepadeira, que nasce enleada ao viçoso e copado arbusto, amparando-se com sua sombra e nutrindo-se de sua seiva. Margarida, mesmo não podendo ser sua esposa, era sua irmã; embora o não fosse pelo sangue, o destino, colocando junto ao seu o berço dela, os tinha feito irmãos pela alma. Agora que seus pais com tanta desumanidade a repudiavam, e que não lhe restava senão sua velha e mísera mãe, ele que era seu único amparo sobre a terra devia viver só por ela e para ela.

O espírito do mancebo bem queria nas asas da religião e da piedade desprender-se da terra, e consagrar-se exclusivamente ao culto da divindade; mas um laço poderoso lhe tolhia os vôos e o tinha atado aos interesses e afeições mundanas.

Depois de ter volvido na alma todas essas tristes e anfargas reflexões, Eugênio exclamava: - Não, não posso, não devo ser padre! - e passava a excogitar os meios de despedir-se do seminário o mais breve que fosse possível.

XVIII

Eugênio, que já então tocando os vinte anos, conservava na alma toda candura e singeleza da infância, confiava ao seu diretor espiritual por miúdo e sem disfarce todas essas lutas íntimas, todas as irresoluções, fraquezas, inquietações do seu espírito. Expondo-lhe a obrigação sagrada, em que se considerava, de amparar e proteger na vida a companheira da sua infância o padre lhe fez ver que nada obstava a que ele satisfizesse aquele nobre e louvável impulso do coração, e que nisso não havia estorvo a que se ordenasse, uma vez que banindo do coração todo o sentimento amoroso, considerasse Margarida como sua irmã.

Para esse efeito porém era forçoso que evitasse o mais que pudesse a sua presença, fugisse de toda e qualquer relação com ela, e fosse como a Providência, que esconde a mão que derrama tantos benefícios sobre a terra, aliás recairia inevitavelmente em suas antigas fraquezas e desvarios. Ponderava-lhe demais, uma vez ordenado, que seu pai não duvidaria em restituir a Margarida as suas boas graças, e tomaria decerto a seu cargo ampará-la, prover à sua sorte futura, procurando-lhe um bom marido.

A estas palavras Eugênio estremeceu; mas contendo aquele movimento.

- Estou certo - respondeu - de tudo quanto me diz!... mas... é impossível!... estou inteiramente convencido que toda e qualquer tentativa que eu faça para banir de meu coração esta paixão, será sem resultado. Não está em mim, nem há poder nenhum sobre a terra que me possa tirar do sentido aquela mulher.

- Não o há sobre a terra, mas há no céu. Implore com fervor a graça divina, e ela não lhe faltará; e o seu triunfo, que considera impossível, será facílimo, e completo. A oração, a penitência, os exercícios piedosos, são armas poderosas para combater a tentação, filho; e Vm. mesmo já fez delas a mais brilhante prova, quando sendo muito mais criança conseguiu debelar completamente o inimigo que o tinha em contínua obsessão. Se não fosse a imprudência, de deixar o seminário, e ir colar-se de novo entre as goelas da serpente que o seduzia, teria evitado esta nova luta, talvez mais renhida e encarniçada que a primeira. Hoje, porém, que já com vinte anos deve ter outra energia e força de vontade, e sabe melhor ponderar as coisas, é que assim desanima como um covarde, e recua espavorido diante do inimigo?

- Mas, senhor padre, eu jurei a Margarida... Perjurar, esquece-la, abandoná-la a seu cruel destino não é uma traição, uma infâmia?

- O juramento inspirado pelas sugestões do demônio não é juramento, filho. Deus não o aceita, nem o confirma no céu. Jurou o nome de Deus em vão; fez mais, profanou como um ímpio o seu santo nome envolvendo-o em atos desregrados de libertinagem. Cometeu um grande

pecado, de que cumpre lavar-se com lágrimas sinceras de compunção e arrependimento; mas não é um juramento, nem o constitui em obrigação alguma.

- Não sei, senhor padre, não sei o que lhe possa objetar... mas o coração se revolta, e diz-me a consciência que eu cometeria uma indignidade, um crime mesmo, arrojando em um abismo de infortúnio e desespero a uma criatura de quem sou mais do que o amparo, de quem sou a única esperança.

- Filho, olhe que toma por vozes da consciência o que não é senão murmúrio da paixão, embuste do demônio que porfia em obumbrar-lhe o espírito e amolecer o coração. Ânimo, filho!... nada o embaraça para esse nobre e santo cometimento, senão a sua própria vontade. Essa paixão que o atormenta é um cálix de provação que Deus lhe preparou para acrisolá-lo na luta e no sofrimento, e torná-lo mais digno do sagrado ministério a que o chama o céu. O inimigo com quem tem de travar-se, foi-lhe enviado por Deus, como o anjo de Jacó. Faça como aquele santo patriarca que combateu com o anjo a noite inteira; não se recuse a essa luta agradável aos olhos de Deus; combata noite e dia, que vencerá como Jacó.

Eugênio saiu de junto do padre com o espírito um tanto abalado; pelo menos achava-se resolvido a implorar o auxílio do céu para extinguir aquela paixão, que era ao mesmo tempo o encanto e o tormento de sua existência. Ainda que sem fé a princípio, e sem esperança alguma de resultado - e talvez por isso mesmo - entregou-se como outrora às práticas do mais austero ascetismo, e na solidão de sua cela deu-se à vida de penitência e contemplação com uma exaltação e fervor dignos dos antigos anacoretas dos desertos da Calcida, da Nitria e da Tebaida.

À força de orações e jejuns, vigílias e macerações, de novo conseguiu reduzir o seu corpo a múmia ambulante, e o espírito a um foco de visões beatificas e fanáticas alucinações. Desta vez porém o áspero e pesado manto do ascetismo não logrou abafar a chama teimosa que abrasava o peito do mancebo. A fibra do seu coração tinha-se fortalecido com os anos. O vaso frágil das afeições infantis se convertera em urna diamantina, que conservava inteiro e inalterável o filtro fatal que os lábios de Margarida nele haviam vazado entre os beijos de mel e lágrimas de fogo.

Embora, procurava o anjo de devoção, com a sombra mística, de suas asas, acalmar os tumultuosos transportes daquela alma apaixonada. Na maior exaltação de seus êxtases beatíficos, no rigor de suas austeras mortificações, lá mesmo lhe aparecia a imagem de Margarida, formosa como visão celeste, e com um sorriso melancólico dizia-lhe com acento de triste e amarga exprobração:

- Louco, que pretendes esquecer-me e pedes ao céu forças para ser perjuro e desapiedado! Lutas em vão; eu sou o anjo que leva ao céu teus pensamentos e tuas orações, e jamais consentirei que cheguem ao trono de Deus tuas mentirosas preces. Esquece-me se puderes, mas não peças auxílio ao céu para caíres no inferno!

Então Eugênio, alucinado e quase em delírio, batia com a fronte na terra, estorcendo-se e bradando com voz sufocada entre soluços:

- Perdão, Margarida, perdão!

Assim continuou por longo tempo a luta travada no espírito do mancebo entre o amor e a religião, entre duas paixões que com ele nasceram e com ele poderiam viver e fazer a sua felicidade, se as instituições humanas não houvessem erguido entre elas uma barreira insuperável.

Entretanto, a ausência, o decurso dos anos, a falta absoluta de relações e mesmo de notícias da mulher amada eram circunstâncias que não podiam deixar de influir poderosamente em desvantagem da paixão profana, que insensivelmente se ia arrefecendo como lâmpada velada, que se consome a si mesma e fenece à míngua de alimento. Outro tanto não acontecia ao misticismo, que alimentado por contínuas práticas de devoção, exaltado por eloqüentes e calorosas exortações e conselhos, cada dia ia ganhando terreno, e contava com todos os elementos da vitória.

Duas circunstâncias vieram contribuir poderosamente para acelerar o triunfo das idéias teocráticas e fazer paliar a estrela do amor no horizonte da vida do mancebo.

Era um domingo. Celebrava-se missa solene por ocasião de uma festividade da igreja.

Por esse tempo o padre missionário Jerônimo Gonçalves de Macedo, o digno e venerável companheiro de Viçosa e de Leandro, achava-se em Congonhas do Campo de passagem para o sertão da Farinha Podre, onde por sua grande ilustração e virtudes apostólicas era chamado para lançar as bases de um novo colégio na extremidade ocidental da província de Minas - o seminário de Campo Belo.

Jerônimo foi convidado a pregar o sermão desse dia.

Possuía ele em alto grau os mais eminentes predicados de orador sagrado. A uma bela e imponente figura, a um acionado largo e majestoso, a uma voz cheia, vibrante e sonora reunia a palavra ardente e repassada de unção, a eloqüência que se inspira em sua verdadeira fonte, na abundância do coração. O rico e formoso templo do Bom Jesus regurgitava de povo que acudira ansioso para ouvir a palavra do santo e eloqüente missionário.

Quando assomou no púlpito aquela nobre e veneranda figura, aquele busto, cujas linhas corretas e harmoniosas podiam servir de modelo ao escultor de gosto o mais severo para a imagem de um santo, possuído de respeito e admiração, cuidaríeis ver surgir do interior do templo o vulto do santo seu homônimo, do austero cenobita dos desertos da Calcida.

Era uma santa virgem e mártir que a igreja comemorava nesse dia. O elogio da castidade formou naturalmente o tema principal do sermão.

O orador depois de ter feito um brilhante panegírico da vida da santa, passou no epílogo a fulminar com os raios de sua eloqüência a moleza, o apetite sensual e os desvarios das paixões mundanas, e divinizou a castidade - a mais excelsa entre todas as virtudes, esse lírio puro e peregrino, cuja fragrância é mais grata ao Senhor do que os cânticos dos anjos, e do que todo o incenso que se queima em seus altares.

Para dar maior realce ao painel, traçou com mão de mestre uma viva pintura da sedução de Eva tentada pela serpente no paraíso.

- A concupiscência - dizia ele - é a serpente, que destila dos lábios enganosos o veneno que nos dá morte à alma e nos faz perder para sempre as delicias da celeste Jerusalém. Feliz aquele que? como a virgem mártir cujas virtudes hoje a igreja comemora, pode esmagar aos pés a cabeça da serpente maldita, e exclamar triunfante, enquanto ela se estorce moribunda no chão - "Afasta-te, Satanás!..."

Inspirando-se nas páginas ardentes e sublimes do santo de seu nome, exclamava com ele:

"Soldado efeminado, que fazes tu sentado à sombra do lar paterno? tu repousas, e a trombeta divina enche o espaço dos seus clangores! O divino combatente aparece sobre as nuvens; uma espada de dois gumes sai de sua boca. Ele corre, derriba e despedaça; e tu não queres deixar o teu leito pelo campo de batalha, a escuridão em que jazes pelo esplendor do sol! levanta-te! a coragem te dará força."

"Visses embora teu pai, tua mãe ou tua amante atravessada à soleira de tua porta para impedir-te a passagem, passa sem derramar lágrimas; passa, tu és soldado; lá está o teu estandarte; é a cruz!

"Deserto esmaltado de flores de Cristo!... solidão, onde se engendram as pedras de que é construída a Sion celestial! santos eremitérios, em que se conversa familiarmente com Deus, infeliz daquele que vos desconhece, e mais infeliz ainda aquele que, vos conhecendo, vos foge e vos evita!"

Fazendo aquela, viva e eloqüente apologia da vida casta e solitária, Jerônimo procedia por pedido especial e recomendação de seus colegas de Congonhas, que o tinham inteirado da situação de Eugênio, e assim todas aquelas calorosas e veementes apóstrofes iam com direção calculada ao espírito do mancebo, o qual sem nada suspeitar as escutava absorto, e sentia a palavra santa penetrar-lhe como lâmina ardente até o âmago do coração.

A pintura da serpente rastejando aos pés de Eva no paraíso para seduzi-la e arrastá-la à perdição, fez a mais viva impressão, e trouxe-lhe à memória a aventura da infância de Margarida, enleada e afagada por uma cobra, aventura que tão funesta apreensão deixara no espírito de sua mãe. Encontrando a mais exata e palpitante analogia entre o episódio do Gênesis, e aquele incidente de sua infância, Eugênio estremeceu.

Já para ele não havia dúvida: aquele acontecimento era um aviso do céu; aquela serpente fatídica era o demônio; e Margarida, nova Eva por ele seduzida, lhe oferecia o pomo fatal, e o levava ao caminho do exílio e da perdição eterna.

Ajoelhado em oração e debruçado à beira do leito, Eugênio adormeceu, e viu-se em sonho transportado ao meio de um templo magnífico, inundado de esplendores, de perfumes e harmonias. Súbito abriu-se a abóbada do templo, e um coro de anjos, que descia do céu, baixou sobre ele. O anjo que vinha à frente de todos tinha a figura de Margarida, e trazia na mão uma palma. Postando-se diante dele entregou-lhe a palma, e disse-lhe apontando para o altar: - Eis ali o caminho do céu!

Eugênio olhou para o altar e viu que a Virgem, que se achava sobre o trono lhe sorria e acenava chamando-o a si.

Este sonho impressionou-o vivamente. Era uma revelação; a vontade do céu se achava manifestada do modo mais patente e irrefragável. Entendeu que Margarida era morta, e transformada em anjo de Deus no céu como já o fora sobre a terra, viera-lhe anunciar que era só ordenando-se que se encontraria com ela na bem-aventurança. Seu destino estava decretado no céu, e a sua vocação irrevogavelmente firmada sobre a terra.

Pobre Margarida, entre ti e o teu amante uma sombra espessa se interpunha, e a estrela de luz pura e suave, que luziu sobre vossos berços, e sorriu à vossa infância, obumbrada pelas fuscas asas do gênio austero do ascetismo se eclipsava totalmente na alma do teu Eugênio.

Nessa alma agora entregue a mil beatificas alucinações, a tua imagem ia-se de todo apagando, e apenas de quando em quando lhe aparecia como visão longínqua, envolta em brumas melancólicas em um ponto obscuro do horizonte.

Pobre Margarida!

XIX

Eugênio, com o pé alçado sobre a cabeça da serpente fascinadora, achava-se em véspera de cantar triunfo.

Ainda a paixão não se havia extinguido de todo; o cancro pecaminoso ainda lhe atracava ao coração seus enredados filamentos; mas o moço, premunido de ascético heroísmo, com a mão firme e resoluta havia empunhado buído escalpelo para extirpá-lo de uma vez, embora lhe custasse gritos de agonia e lágrimas de sangue.

Dispunha-se Eugênio a ir dar conta ao seu diretor das grandes vitórias que ia alcançando sobre si mesmo, e manifestar-lhe a firme e inabalável resolução em que se achava de tomar ordens sacras e até de entrar para as fileiras dos filhos de S. Vicente de Paulo, quando recebeu um recado do mesmo diretor chamando-o ao seu cubículo.

- Senhor Eugênio - disse o padre, apenas o seminarista compareceu -, acabo de receber uma carta do senhor seu pai, em que me comunica uma importante notícia. Se fosse em outros tempos eu hesitaria em dar-lhe semelhante nova, mas hoje creio posso dar-lhe sem receio de consterná-lo, certo de que a receberá com toda a sobranceria e serenidade de ânimo de um homem superior às paixões do século.

A esta linguagem Eugênio sobressaltou-se.

- Diz respeito a meus pais? - perguntou com ansiosa inquietação.

- Não, não; a esse respeito esteja tranqüilo. Estão vivos e com saúde, louvado seja Deus... É outra coisa...

- Margarida?... exclamou o moço, mas logo atalhou-se envergonhado.

- Sim, sim; essa menina, que foi criada em casa de seus pais, e sua companheira de infância, essa menina, conforme me escreve seu pai...

O padre fez uma breve reticência, como hesitando sobre o modo por que havia de exprimir-se.

- Morreu?... perguntou Eugênio tornando-se pálido como um cadáver.

- Não, senhor; casou-se.

A esta revelação Eugênio estava lívido, convulso, atordoado; como se um raio houvesse estalado junto dele, apenas pôde murmurar com lábios trêmulos:

- Casou-se!... ah!... muito bem!

Como quem arranca subitamente as ataduras a uma ferida profunda, que apenas começa a cicatrizar e a faz de novo abrir-se entre dores cruéis, golfando o sangue aos borbotões, assim o padre com aquela fatal e inesperada nova veio despertar em um momento todo o ardor e frenesi da paixão que começava a adormecer no coração do moço. Turvou-lhe os olhos a sombra trêmula de uma vertigem, as pernas lhe esmoreceram, e foi-lhe mister encostar-se a uma mesa para não cair redondamente em terra.

Em vão esforçou-se por afetar tranqüilidade e resignação; forçoso lhe foi retirar-se para ocultar aos olhos do diretor a agitação do seu espírito.

Este porém, a quem não podia escapar aquela tão visível e extraordinária perturbação, não se inquietou muito com isso. Proveto conhecedor das paixões e fraquezas do coração humano, bem previa que outro não podia ser o resultado imediato daquela revelação; mas estava também certo que ela seria o golpe de morte desfechado sobre a paixão do mancebo. Passada aquela primeira irritação, um salutar desengano convencendo-o da inconstância e fragilidade das afeições mundanas, lhe serviria de escarmento eterno contra todas as seduções do espírito das trevas.

- Margarida infiel!... Margarida casada!... - exclamava Eugênio ao entrar no seu quarto, delirante, a arquejar e apertando a cabeça entre as mãos convulsas. - Quem o diria .... pôde tão facilmente esquecer-se de mim para entregar-se a outro.... e eu tantos anos luto em vão para arrancar daqui a imagem dela e entregar-me nos braços de meu Deus!... que vergonha!... que miséria!... À força de jejuns, de penitências, de mortificações tenho quebrantado meu corpo, acabrunhado meu espírito e flagelado meu coração rebelde, e nem assim consegui apagar este fogo que me devora... sim, não consegui nada; era engano meu... agora o vejo... e ela tranqüila e risonha, sem escrúpulo e sem constrangimento algum voa aos braços de outro, e dá-lhe a gozar estas delícias, que eu... louco que eu fui!... estava trocando por um inferno de amarguras

e martírios!... Oh, Margarida! Margarida! que fizeste!... ah!... tu eras mesmo a serpente; teus lábios destilavam veneno de morte... era o fogo do inferno que te incendiava os olhos... Com teu amor mostravas-me o paraíso, que era a porta do inferno!... com tua traição e falsidade me abres também o inferno nesta e na outra vida! Por toda parte tu és o anjo mau destinado a precipitar-me no abismo das torturas!... mas... que importa!... ah!... se continuasse a querer-me quem... sabe?... que valem sem ti o paraíso e todas as suas delicias?... eu te acompanharia de bom grado pelos ásperos e tenebrosos caminhos do desterro, como Adão acompanhou a sua Eva; suportaria alegre todos os trabalhos e tribulações da vida, se sentisse tua mão enlaçada com a minha, e o teu coração palpitando junto ao meu!... - Mas ah!... meu Deus! eis em que deram tantos anos de luta e sacrifício!... Desprezei um tesouro que possuía, para correr após um bem quimérico, uma sombra vã... e agora aperto os braços, e não encontro nem um nem outro... e acho-me abraçado... com quê? com as chamas do inferno!... Ai de mim!... meu Deus! como eu blasfemo! eu sou um réprobo!...

Eugênio debatia-se em acessos febris entre as garras do ciúme que lhe atassalhava o coração, e o cauterizava com o fogo de sua letal peçonha. Era o último trago amargo e corrosivo da taça das paixões. Seu amor, que até então envolto no casto véu dos devaneios sentimentais se havia mantido em uma esfera ideal e pura, tornou-se material e libidinoso. Os gozos de outrem lhe chamaram a atenção para os sedutores atrativos físicos da sua amante, e lhe atearam nas veias a febre da volúpia. O demônio do ciúme, empunhando o facho infernal, abrasava o sangue do infeliz mancebo no fogo da concupiscência. Volvia e revolvia na lembrança com amarga complacência todos os encantos do corpo de Margarida - a boca úmida e vermelha, ninho voluptuoso de beijos e sorrisos - os seios túrgidos ofegando alterosos em ânsias amorosas - os olhos quebrados nadando em eflúvios de ternura - o bafejo suave e perfumado como as emanações de um rosal - e todos estes misteriosos tesouros, que o pudor recata, e ante os quais a própria fantasia do mancebo se detinha tímida e respeitosa, receando profaná-los, tudo isso se lhe apresentava à imaginação com as mais vivas cores e o abrasava em sede de sensualismo, infligindo-lhe o suplício de Tântalo[1]. Tudo isso, que havia perdido, era agora pasto franco aos desejos libidinosos, à concupiscência brutal desse Luciano, que o havia ultrajado, ou de algum ente talvez mais desprezível.

Com estas idéias a escaldarem-lhe o cérebro, a torturarem-lhe o coração, o pobre moço pensava morrer de despeito, de vergonha e desesperação.

Estranho e deplorável egoísmo do amor! Eugênio teria sofrido menos, se soubesse que Margarida, fiel ao seu amor, houvera sucumbido vítima da mágoa e da saudade. Mais depressa se teria resignado, e daria por bem empregados todos os penosos esforços, todos os sacrifícios a que se devotou durante anos para desterrar do coração a imagem dela. Quando considerava em sua infidelidade, envergonhava-se de ter mirrado a flor de sua mocidade em uma luta improfícua contra um inimigo indigno dele, contra uma mulher, que o fascinara com as aparências de um anjo, e que não era mais que larva imunda, que há mais tempo devera ter esmagado debaixo dos pés!

Estranha alucinação! Julgava-se com o direito, e até com o restrito dever de bani-la para sempre da lembrança, e quisera que ela o amasse a todo o transe, que se deixasse finar por ele de amor e de saudade!

Morta de amor por ele, seria um anjo, que chamava para o céu. Viva nos braços de outro, é a serpente que o arrasta para o inferno.

Pura e fiel, era uma vítima imaculada digna de ser imolada ao seu espírito ascético nas aras da religião. Perjura e desleal é um monstro, que o fascina, e o precipita no abismo das eternas chamas!

Alguns dias cruéis e noites de agonia passou Eugênio nesta tempestuosa agitação, que quase tocava ao delírio. Às vezes lhe fervia o coração em desejos de vingança e idéias de sangue e suicídio lhe pairavam lôbregas pelo espírito. Outras vezes, inculpando-se a si mesmo da deslealdade de Margarida, e tendo-a como um merecido castigo de sua atroz ingratidão, corria após ela, e ia cair-lhe aos pés suplicante e debulhado em lágrimas, pedindo-lhe perdão do seu monstruoso perjúrio, e maldizia a loucura e covardia que lhe havia feito desprezar um tesouro real, que o destino lhe havia colocado entre os braços, para correr após a sombra de um bem, que o céu lhe recusava.

Esta extrema e violenta superexcitação não podia durar muito tempo sem produzir a morte ou a loucura. Sucedeu-lhe porém felizmente a prostração profunda, o desalento glacial do desengano.

A alma do mancebo, que era até então como um foco de chamas açoitadas por ventos tempestuosos, converteu-se em um limbo silencioso, gélido e sombrio, onde não havia um eco nem para a dor, nem para o prazer, onde não se exalava o perfume de uma saudade, nem luzia o reflexo de uma esperança.

Seu espírito parecia adormecido em pesado torpor, sobre as ruínas de todas as suas afeições mundanas, de todas as suas aspirações de ideal e celeste misticismo.

- É mais uma provação, que Deus vos reservava, filho - dizia-lhe o padre diretor, procurando consolá-lo -; mais um cálix de amargura, para vos acrisolar nas atribulações da vida, e vos servir de escarmento eterno contra as ilusões do mundo. Era necessária ainda esta última gota de fel, para tornar o sacrifício mais perfeito e agradável aos olhos de Deus. Bem-aventurados os que choram.

XX

Banidas da fazenda do capitão Antunes, Umbelina e Margarida, tristes, como outrora Agar e Ismael despedidos da tenda de Abraão, e internando-se pelo deserto, tomaram o caminho da vila de Tamanduá, onde Umbelina possuía ainda uma pequena casa habitada por uma velha parenta, ainda mais pobre do que ela.

Umbelina, já bastante entrada em anos, e cheia de achaques, quase nada mais podia fazer. Sua velha companheira, essa coitada!... vivia quase às esmolas. Aquela pequena e desvalida família teria caído na mais extrema miséria, se não fosse Margarida que, cheia de mocidade, robustez e boa-vontade, se entregava a um contínuo trabalho, cosendo, lavando, engomando, e assim provia à parca subsistência de todos, e lhes proporcionava mesmo um pouco de abastança.

Mesmo naquela humilde condição, a formosura de Margarida, que havia atingido a todo o opulento viço, a todo o esplendor da juventude atraía a atenção geral, e fascinava todos os olhos.

Lavando roupa, com os lindos braços nus, como as asas de uma ânfora de alabastro, os cabelos entornados pelos ombros, como a ramagem do salgueiro, com os pés embebidos na água, e as roupas arregaçadas deixando ver as extremidades de duas colunas do mais perfeito lavor era a nâiade da fonte.

No templo, vestida pobremente mas com esmerado asseio e elegante singeleza, com os tímidos e pudibundos olhos velados pelos longos cílios, em sua cândida e modesta atitude tomá-la-íeis por uma estátua da Virgem, produção genial de inspirado cinzel.

Em casa, fiando ou entregue aos trabalhos de agulha, vendo aquele busto angélico pendido sobre a almofada, vos lembraríeis da casta Lucrécia, ou da pudica Susana.

Desprotegida como se via, sua pureza navegava entre mil riscos em um mar semeado de cachopos e sirtes traiçoeiras, e como lâmpada exposta a todos os ventos, mantinha-se como por um milagre. Não faltaram libertinos e sedutores, que dispondo dos favores da fortuna, da posição e da mocidade, empregassem inúteis esforços para arrastá-la ao lodo da prostituição; nem também amantes, que possuídos de sincero e verdadeiro amor, cobiçassem com ardor a posse do coração e da mão de Margarida.

Não era porém somente o inimigo externo, que ela tinha a temer. De temperamento ardente, de compleição sangüínea vigorosa, Margarida não era muito própria para manter por largo tempo a sua afeição na esfera de uma aspiração ideal de um celeste devaneio. Feita para os prazeres do amor e para as expansões ternas do coração, os instintos sensuais achavam em sua natureza estímulos de indomável energia; sua pudicícia teria infalivelmente naufragado no meio dos perigos que a rodeavam, se uma paixão casta e santa, que desde a infância lhe enchia o coração, lhe não servisse de broquel contra todas as seduções do mundo.

O anjo do amor puro velava desde o berço sobre a encantadora menina, e com suas asas cândidas afugentava para longe dela as larvas do gênio da devassidão.

Graças a este celeste talismã, Margarida, como um lírio de alvura deslumbrante, balanceava incólume e orgulhosa o cálix imaculado no meio da torrente turva e impetuosa, que lhe rugia em derredor.

Já perto de sete anos eram volvidos, desde que se partira o querido companheiro de sua infância.

Entregue à melancolia e ao desalento, Margarida, ainda que aparentemente robusta e sadia, sofria, um mal de coração, que lhe contaminava as fontes da existência. Uma organização de vigorosa têmpera, e sobretudo uma alma paciente e resignada, davam-lhe força apenas para não sucumbir e resistir tranqüila e quase risonha ao peso esmagador do seu infortúnio.

Ao seu aspecto, ninguém à primeira vista adivinharia que um germe de morte lhe ia solapando a existência. Era como um desses pomos, que ostentam na superfície a mais fresca e viçosa cor, e que entretanto trazem no âmago já bem adiantado o germe da destruição.

Uma esperança e um dever lhe alentavam o ânimo, lhe vigoravam o corpo, e davam-lhe força e vontade para viver. Era a esperança de ver ainda um dia o seu querido Eugênio, e o dever de viver para sua pobre e desamparada mãe.

A sorte despiedosa em breve a livrou de um desses cuidados, tornando ainda mais triste e precária a sua situação. Umbelina afrontada de desgosto, velhice e enfermidades faleceu

deixando a pobre órfã mais desvalida e angustiada que nunca. Um feroz destino como que se comprazia em recalcá-la cada vez mais na voragem do infortúnio.

Ela porém resistia ainda alentada por uma última esperança - a mais doce de toda a sua vida -, a volta de Eugênio -, de Eugênio, que, solto de seu ergástulo monástico e livre do jugo da autoridade paterna lhe vinha ofertar o braço, e conduzi-la ao altar para receberem a santificação daquele amor, que com eles havia nascido, e com eles devia morrer. Esta última esperança, tímida e vacilante como luz de estrela moribunda, prestes a afogar-se no seio de um vulcão, era o único e débil fio que ainda a prendia à existência.

Desditosa Margarida! ainda não havia esgotado todo o fel do cálix da amargura que a fatalidade lhe havia destinado. Faltava-lhe ainda a última gota, a mais amarga de todas.

Poucos meses depois da morte de Umbelina, chegou aos ouvidos de Margarida a notícia, de que Eugênio havia tomado ordens. Dai em diante a desgraçada moça não contou mais com a vida.

O mal que a afligia tomou subitamente proporções assustadoras.

O sangue rico, juvenil e ardente da moça, agitado pelas violentas inquietações e padecimentos da alma, precipitava-se tempestuoso pelas artérias, e solapando os vasos centrais da, circulação, ameaçava rompê-los. O histerismo também de quando em quando lhe enrijava os músculos, e lhe excitava no cérebro abrasado terríveis e deploráveis alucinações.

Era sol posto. Margarida debruçada à janelinha do seu quarto de dormir, olhava para os campos, que se estendiam por detrás de sua casa, entregue a uma tristeza mortal.

O sino da matriz badalou Ave-Marias.

Margarida levantou-se e começou a rezar o ângelus. Uma súbita ansiedade afrontando-lhe o coração sufocou-a e quase a lançou por terra sem sentidos. Margarida teve um triste pressentimento.

- Minha tia - disse ela à sua velha parenta, que nesse momento ia entrando no quarto -, estou muito doente; de um momento para outro posso expirar; parece-me que tenho gangrena no coração. Mande-me chamar o vigário; quero-me confessar.

- Não fales assim, menina!... chamar o vigário para quê?... o que é que estás sofrendo então, minha filha?

- Tenho umas ânsias que me apertam o coração, e quase me sufocam. Ainda agora escapei por pouco de cair em terra.

- Isso são vertigens, menina, não é caso para já pedir confissão; bem mostras que nunca tiveste moléstia nenhuma; por isso te assustas com tão pouco... ah! que diria se sofresses os meus achaques!... eu vou fazer um chá de melindre, que para aflições de coração é um prodígio; verás como hás de te dar bem com ele... sossega; que isso não há de ser nada.

- Não é nada!... eu cá é que sinto, minha tia. Deus a livre de sofrer o que eu sofro... eu não posso durar muitos dias...

- Ora valha-te a Virgem Maria!... que cisma é essa que te entrou pela cabeça, minha filha!... ora vejam, quem fala aqui em morrer! ainda se fosse eu, que já estou com um pé na sepultura... mas tu, menina, criança do outro dia, tão fresquinha e corada como uma maçã madura...

- Que engano!... quer minha tia creia, quer não creia, eu não ando nada boa... mande chamar o padre...

- Nesse caso é melhor chamar o cirurgião primeiro, não achas?...

- Para quê?... remédio para isso só a terra, minha tia. Mande, mande chamar o padre...

- Hoje?

- Agora mesmo, se for possível. Quem sabe se amanhecerei?...

- Arre lá, menina!... não tirarás da cabeça semelhante idéia?...

- Seja cisma embora, minha tia, eu quero me confessar.

- Que mania, meu Deus!... mas enfim vá feito; como isto afinal de contas nenhum mal te pode fazer, vou fazer-te a vontade. Estou vendo que o padre vai ter mais trabalho em desencasquetar-te da cabeça esta mania de morrer, do que mesmo em ouvir-te os pecados... estás tão nervosa... Valha-me S. Francisco das Chagas...

- Nervosa não, minha tia, estou mesmo muito mal...

- Está bom!... não teimo mais contigo; vou pedir ao vizinho para chamar o pobre vigário... mas, meu Deus!... se ele não estiver em casa!... não há outro padre na terra.

XXI

Na tarde desse mesmo dia, na sala de visita de uma casa de sobrado das melhores da antiga Vila de Tamanduá, achava-se uma reunião de várias pessoas gradas e notáveis do lugar. Eram

visitas que vinham cumprimentar a um jovem sacerdote, recentemente ordenado, que nesse dia havia chegado ao seu país natal depois de uma larga ausência.

Era um padre alto, de tez clara, de fisionomia a um tempo grave e serena, de um tipo nobre e regular. Todavia na fronte larga e pálida via-se como a sombra de um sofrimento intimo, e uma ligeira nuvem melancólica toldava um pouco a limpidez de seus grandes olhos azuis. Estes indícios reunidos a duas rugas prematuras, uma vertical e outra horizontal, que se cortavam formando uma cruz bem no meio da testa, pareciam revelar, que dentro daquele crânio se haviam agitado lutas e tormentas apenas serenadas.

Estava em hábitos talvez de sua profissão, apertados com um cinto à maneira dos missionários de S. Vicente de Paulo; tinha também como eles no alto da cabeça uma tonsura maior do que a dos outros padres, e trazia pendente sobre o peito um grande crucifixo de metal. Faltavam-lhe apenas mais alguns meses de noviciado para ser definitivamente admitido no seio da Congregação.

Era o padre Eugênio, filho do capitão Antunes, que acabava de chegar a Tamanduá investido de todas as ordens e precedido de uma grande reputação de sabedoria e santidade. Era isto um acontecimento, que punha em grande expectação e alvoroço a vila inteira.

- É chegado o padre Eugênio - ecoava de boca em boca, e cada um se apressava em ir ver e saudar o novo padre, que, instalado na casa que seu pai possuía na vila, levou o resto do dia a receber as visitas e cumprimentos dos numerosos amigos da família e de quase toda a população do lugar.

Apesar de toda a cortesia e afabilidade com que acolhia os visitantes, via-se que o padre estava entregue a uma penosa preocupação, que mal podia dissimular. Havia ele chegado na véspera à fazenda de seu pai, onde pernoitara. Apesar de sete anos de ausência, e de uma vida passada entre místicas contemplações e práticas de austero ascetismo, a vista daqueles sítios acordou-lhe na alma todas as lembranças de sua infância, frescas e vivazes, como se foram da véspera, à semelhança de um bando de pintassilgos, que desperta chilrando debaixo do folhado laranjal aos primeiros raios da manhã.

Oh! essas emoções suaves da primeira quadra da vida têm um filtro sutil, um aroma inextinguível, que se entranha no coração para nunca mais desapegar-se dele. Volvem-se anos e anos, e quando já na meta extrema da existência a fronte encanecida nos pende para a sepultura, por entre os gelos da velhice a flor virginal do primeiro amor exala um doce perfume, e perto do túmulo nos embala ainda com as lembranças do berço.

Eugênio, pois, que via ainda na última, ourela do horizonte uns restos do clarão róseo da aurora da existência, devia então sentir em toda a sua força e suavidade a magia dessas recordações.

Cuidava que a flor delicada do amor, cujo perfume aspirava desde o berço, tinha morrido de uma vez para sempre abafada debaixo do manto gélido do ascetismo claustral. Mas ela era como a "sempre-viva" que, exposta ao orvalho frio da noite, esconde o seio fechando sobre ele as pétalas de ouro, para expandi-las de novo, nítidas e formosas, aos beijos do primeiro raio do sol. Ela havia apenas cerrado o seu cálix na sombria e silenciosa solidão da cela do cenobita, e agora ao contato do ar, à vista do solo onde nascera, procurava abrir-se ao novo exalando mais ativo o aroma há tanto tempo enclausurado, e rodeava o coração do moço como de um tépido e delicioso eflúvio de recordações.

Sentindo esse inesperado despertar de emoções, que julgava para sempre extintas, o padre estremeceu de sustos, e se esforçou por conjurá-las do melhor modo possível por meio de orações e penitências. Viera ao seu país natal, somente para visitar seus pais, que há tantos anos não via, e dar-lhes o gosto, por que tão ardentemente suspiravam, de vê-lo ordenado e ouvir-lhe uma missa; e no fim de uns quinze dias ao mais tardar pretendia voltar ao seminário a continuar a sua vida austera de cenobita e entrar para a Congregação da Missão de S. Vicente de Paulo. Mas tomado de susto e de sinistros pressentimentos, já se arrependia do passo que havia dado. A noite que passou na fazenda paterna foi para ele uma noite de horríveis inquietações e tribulações de espírito. Se não fosse a estranheza, que tal fato iria produzir em sua família e mesmo em toda a povoação, nessa mesma madrugada teria desaparecido sem dar parte a ninguém, e a toda a pressa voltado ao seminário a fim de pôr-se ao abrigo do espírito tentador que de novo buscava atravessar-se em seu caminho, e preparar-lhe novas lutas e dissabores.

No outro dia o padre Eugênio levantou-se com o espírito cheio de terrores e de vagas apreensões. Em companhia de seus pais, pôs-se a caminho para a vila triste e inquieto, como quem ia para um Getsêmani de provações, ou como quem marcha por um caminho estreito e escabroso flanqueado de abismos vertiginosos.

Avistando em distância a casinha de Umbelina, já tombando em ruínas e abafada entre o matagal, que lhe crescia em roda, sentiu uma nuvem de tristeza afogar-lhe o coração, e procurando afetar indiferença, não pôde deixar de perguntar pelos antigos habitantes daquela casinha.

- Eu sei! - respondeu friamente o pai. - A Umbelina, essa morreu... a filha, como talvez já saibas, casou-se, e creio que anda por aí mesmo.

Antes nada perguntasse!... bem quisera que Margarida se achasse a milhares de léguas. Esta informação veio ainda mais alarmar a consciência já tão aterrada do jovem sacerdote. Cheio de terrores e apreensões sinistras, estremecia só com a idéia de encontrar-se com Margarida, e implorava a Deus do fundo da alma, que lhe poupasse aquela dura provação, que lhe arredasse dos lábios aquele cálix de amargura.

Mas por fim envergonhou-se de seus próprios terrores, e procurou revestir-se de coragem.

- De que estou eu a tremer? - perguntava a si mesmo. - Margarida é casada... está morta para mim, e não pode senão recordar-me um passado, que foi de paixão e fogo na verdade, mas que há muito se acha sepultado debaixo de uma lápide de gelo... E mesmo que assim não fosse, serei eu tão fraco, tão indigno e vil, que ainda consinta aninhar-se debaixo destas vestes sagradas um sentimento ímpio e profano! Não é fugindo do inimigo, mas travando com ele, que o soldado se torna digno de cingir os louros da vitória. Se por fraco e pusilânime sou incapaz de combater, deveria nunca ter deixado a sombra do lar paterno, deveria nunca ter tomado estas sagradas insígnias de soldado da Cruz! Ânimo pois... - a coragem te dará força!... estas palavras de um grande santo, que muito mais do que eu sofreu e combateu por amor de Cristo sejam o meu talismã através dos perigos e tentações do século.

Era já noite cerrada, o concurso das visitas ia se diminuindo, e na sala do padre apenas se contaria meia dúzia de pessoas. Bateram à porta; alguém procurava o Sr. padre Eugênio.

- Pode subir - disse ele cuidando ser mais alguma visita.

- É um rapazinho, que quer falar a V.Rma. - lhe disseram.

O padre levantou-se e dirigiu-se para o topo da escada.

- Que me queres, filho?

- Eu venho da parte de uma pobre mulher - respondeu o rapaz - pedir ao senhor padre pelo amor de Deus, para ir confessar uma pessoa que se acha à morte.

O padre estremeceu; um confuso e sinistro pressentimento lhe atravessou o espírito.

- Pois não há aí o senhor vigário, ou outro qualquer sacerdote, filho? eu acabo de chegar de viagem, e acho-me bastante fatigado...

- Já fui à casa do senhor vigário, e disseram-me que foi fazer um batizado fora daqui a cinco léguas, e que não volta senão depois de amanhã.

- E a pessoa para quem me chamam está em grande risco de vida?...

- Está, sim senhor, se não fosse isso, eu não viria incomodar o senhor padre...

- Nesse caso... não há remédio senão acudir-lhe... Mora muito longe a pessoa, a quem tenho de confessar?...

- Não senhor; é mesmo na povoação; o senhor padre pode ir a pé; é lá no fim da vila, mas não é muito longe.

- Visto isso, filho, espera aí um momento para ires comigo, e me guiares até lá.

O padre depois de desculpar-se para com suas visitas, informando-as do motivo urgente e indeclinável, que o obrigava a retirar-se, tomou o seu bastão e o seu chapéu triangular, desceu a escada, e saiu em companhia do rapazinho que o viera chamar.

Este o foi conduzindo silenciosamente através das ruas quase desertas até uma viela quase sem habitações na extremidade da vila. Ali parou à entrada de uma casinha.

Surgiu à porta uma velhinha, tendo na mão uma candeia de ferro, de luz frouxa e vacilante.

XXII

No quarto da enferma, apesar da sua pobre simplicidade, reinava uma ordem e asseio, que contrastava com o aspecto miserável do resto da casa. O leito bem composto era guarnecido de um transparente cortinado cor-de-rosa, e em frente dele sobre uma pequena mesa de jacarandá de pés torneados, via-se um lindo oratório dourado, diante do qual ardia uma vela de cera entre duas jarras cheias de viçosas e fragrantes flores. Parecia mais uma gruta mística e perfumada, um voluptuoso ninho de amor, do que o quarto de uma moribunda.

Margarida estava sobre a cama, meio deitada, meio assentada, com as costas apoiadas na cabeceira, os braços cruzados e a cabeça pendida sobre o peito.

À primeira vista não parecia uma pessoa que estava precisada, dos últimos socorros da religião. O rosto nada tinha de desfigurado, e estava fresco e corado, e a moça parecia estar no gozo da melhor saúde, e de todas suas forças. Examinando-a porém mais atentamente, notava-se o arquejo ansiado e violento de seu peito, o coração pulsar-lhe forte e descompassado de modo assustador, e na luz dos olhos um não sei quê de sombrio e desvairado. Via-se que aquelas duas rosas excessivamente vivas, que lhe tingiam as faces, não podiam denotar um estado normal, e eram resultado de profunda perturbação na circulação arterial.

A velha apenas introduziu o padre, retirou-se com a sua candeia.

Mal deu com os olhos na moça, o padre estacou de repente, fez um gesto de espanto, e olhando inquieto ora para a porta, ora para o leito, dava mostra de querer sair precipitadamente. Seu rosto cobriu-se de medonha palidez e suas feições se transtornaram de modo horrível.

Seu primeiro impulso foi de fugir depressa e sem dizer palavra; mas hesitou; não podia negar os auxílios de seu sagrado ministério, a quem os implorava em artigo de morte. Foi-lhe mister um esforço sobre-humano para dominar a sua perturbação.

Desde o primeiro momento, Eugênio e Margarida se haviam reconhecido, e por alguns instantes se olharam mudos e atônitos sem ousarem proferir palavra.

Margarida estava deslumbrante de formosura. As madeixas opulentas de seus compridos cabelos, rolando-lhe em torno dos ombros em um denso e escuro nevoeiro, davam o mais esplêndido realce ao busto encantador; os grandes olhos negros, cheios de uma luz sombria e melancólica, fixos sobre o padre eram como brandões ardentes e sinistros, que lhe queimavam a alma.

O padre esforçou-se em compor a fisionomia, procurando dar-lhe uma expressão calma e severa. Assentou-se gravemente à beira do leito, e cruzando as mãos sobre o peito:

- Não é a Sra. Margarida, que estou vendo, e com quem estou falando? perguntou com voz surda.

- Bendito seja Deus! exclamou a moça com vivacidade, e levantando as mãos ao céu. - Há quanto tempo não ouço esta voz!... É ela mesmo; é Margarida, senhor padre!...

- E quer se confessar?...

- Sim! sim!... que boa sina o trouxe aqui!... graças a Deus... morro consolada... Eugênio!...

Falando assim Margarida delirante de prazer estendia os braços para o padre.

- Senhora! - retorquiu o padre levantando-se em sobressalto, e dando à voz uma inflexão severa - lembre-se que sou um padre, que venho confessá-la... mas... que é isto?... - continuou olhando atentamente para Margarida - vejo-a tão sadia e corada!... por Deus, que não se acha em estado de pedir confissão!... é um laço diabólico, que me estão armando! A senhora não precisa de meu ministério; eu me retiro. Adeus, senhora!

- Senhor padre, eu não sabia que o senhor estava na terra. Foram chamar o vigário... veio o senhor; foi Deus que o mandou. Por piedade, não se vá; não me deixe morrer sem confissão... eu me acho muito mal...

- Muito mal! não parece... que está sofrendo então?

- Sofro muito, muito!... parece que a cada momento se me rebenta o coração - mas agora... como o senhor veio, sinto-me feliz; já não morro tão sozinha... tão desamparada.

- Desamparada!... pois onde está seu marido?

- Meu marido!... exclamou a moça atônita. - Tenho eu algum marido?...

- Pois a senhora não casou-se!?

- Eu? quem lhe disse isso?...

- Disseram-me; então não é verdade?...

- Não; nunca!... quiseram casar-me, isso sim; mas eu nunca quis... Meu Deus! por que haviam de enganá-lo assim?...

- Ah! meu pai! meu pai! - murmurou consigo o padre agora compreendo tudo... para que semelhante mentira?... Pobre Margarida! - continuou dirigindo-se à moça - como zombaram cruelmente de ti, e de mim!...

- Isso pouco importa; estou agora bem satisfeita. O que me afligia era pensar que ia morrer sem nunca mais torná-lo a ver.

- Mas, Margarida, eu sou agora um sacerdote...

- Que tem isso? assim mesmo quero-lhe bem... que mal lhe pode fazer o amor de uma moribunda? é padre?... fez muito bem; quem sou eu, pobre desgraçada, para o impedir de seguir uma carreira tão bonita... veja... eu estou bem contente, e dou louvores a Deus...

- Ah! Margarida, não me fales assim.

- Por que não, senhor padre? sinto-me tão feliz! lembra-se, quando nós éramos pequeninos?... não me jurou que a primeira pessoa, que havia de confessar, seria eu? veja como Deus nos ouviu...

- Que cruel recordação, senhora! que fatalidade! sim, esse primeiro juramento Deus o guardou escrito no livro do destino, e agora recebe o seu tremendo complemento!

- Era a vontade de Deus, devia cumprir-se...

- Mas em que transe, justo céu!... também eu havia jurado depois que nunca me havia de ordenar... fui perjuro... ordenei-me, perjurei-me de novo... ai... Deus!... tudo isto é o justo castigo de meus repras eu rjus.

O padre estremeceu e recuou assustado, como se houvesse tocado em uma áspide venenosa. Por alguns instantes ficaram ambos silenciosos.

- Ah! meu Deus! - prosseguiu o padre - eu vinha confessá-la, e sou eu o penitente, que de joelhos a seus pés devo suplicar-lhe perdão...

- Perdão de quê, Eugênio?...

- Ainda me perguntas, Margarida? pois não te faltei à palavra jurada?... não sou a causa do teu sofrimento?

- Não, não és tu, que me matas... eu é que era uma ímpia, uma libertina, querendo roubar-te ao altar, querendo valer mais que Deus. Mas sossego... creio que não morro ainda... depois que te vi, sinto-me tão melhor...

Margarida falava assim tanto para não consternar o padre, como porque realmente a alegria de vê-lo a fazia esquecer os seus sofrimentos.

- Acha-se melhor?... - retorquiu o padre - ainda bem!... não precisa mais dos socorros do meu ministério, nem sou eu o padre mais próprio para ouvi-la de confissão. Adeus, senhora!... não devo voltar mais à sua casa...

- Ah! por piedade!... não deixes de voltar, meu padre, volta, se não queres que eu morra impenitente e desesperada... que perigo há em ouvir de confissão uma pobre moribunda?

- Mas achas-te melhor, Margarida; poderás esperar o vigário.

- Não quero-me confessar com nenhum outro... já agora hei de cumprir o juramento, que fiz quando menina... se o não cumprir creio que a minha alma não se salvará... acho-me muito mal... esta melhora é passageira, a cada momento posso expirar. Mas eu me esforçarei em reter o alento da vida, se me prometeres voltar amanhã...

O padre ficou por um momento pensativo.

- Pois bem, Margarida, voltarei - disse, afinal, e com um movimento rápido e brusco, alongando a mão que tinha pousado sobre o ombro da moça, a estreitou no coração.

- Até amanhã - murmurou com voz breve o padre, e tomando o chapéu retirou-se precipitadamente, hirto e convulso, como se acabasse de ter uma pavorosa visão.

- Até amanhã! - suspirou Margarida, como um eco mavioso, que a voz de Eugênio acabava de acordar no seio de uma gruta misteriosa.

XXIII

O padre Eugênio entrou em casa com o cérebro a arder, e com o coração açoitado das mais violentas agitações. De coração mole e extremamente impressionável, não tinha força para lutar contra a tempestade medonha, que dentro dele se suscitava. Como piloto fraco e inexperiente, que se perturba e desorienta em presença do perigo, arrependia-se mil vezes de ter tomado o timão, tão superior às suas forças, de uma nau pujante destinada a afrontar mares tão tormentosos. A tonsura sacerdotal era uma coroa de espinhos, que se lhe enterravam no crânio, e lhe arrancavam bramidos de desespero.

Exasperava-se contra a mentira de que seu pai, decerto de conivência com os padres de Congonhas, se havia prevalecido para determiná-lo a tomar ordens.

- Para que semelhante embuste, meu Deus! - murmurava consigo. - Que idéia infernal de sacrificar o destino de duas pessoas por meio de uma mentira!... Se não fosse tal mentira, se me constasse - como era verdade - que Margarida fiel ao seu amor se finava de saudades por mim, decerto eu nunca teria tomado esta veste sagrada, que hoje me queima as carnes como a túnica de Nesso. A impressão de um sonho, de um sermão, se teria esvaecido como fumaça, como tantas outras que não puderam desarraigar de meu coração uma paixão, que com ele nasceu, e que com ele... desgraçado de mim!... sim, mil vezes desgraçado .... que com ele terá de morrer... Margarida!... pobre Margarida!... tens tanto de boa, pura e leal, como de formosa... e tanto de formosa, como de infeliz!... nem nos mais exaltados sonhos de fantasia, eu fazia idéia justa do tesouro que eu louco troquei por uma coroa de martírio, que não tenho força para suportar!...

Eugênio estorcia-se em febril agitação, e quase delirava. A paixão, que julgava já não ser mais que uma triste recordação, uma dolorosa desilusão do passado, não se tinha extinguido debaixo das vestes sagradas do sacerdote. Era essa paixão como o arbusto, que a geada despojou das folhas, e mirrou-lhe os galhos, e parece estar morto para sempre, entanto, que o tronco e a raiz, cheios de seiva e vitalidade estão prontos a germinar com novo viço e galhardia ao primeiro bafejo da primavera.

Ou antes era como a fogueira, cujas chamas uma chuva glacial havia apagado, ficando intactos todos os materiais, que já secos e quase calcinados, esperam apenas o contato de uma centelha para de novo se inflamarem com fúria irresistível. A vista de Margarida resplandecente de beleza e dos mais voluptuosos encantos do corpo, a certeza de sua fidelidade, aquele ligeiro roçar de lábios, filtro fatal, que lhe coou nas veias o delicioso veneno da voluptuosidade, foram centelhas vivas, que em um momento puseram em horrível conflagração a paixão ardente, há tanto adormecida. Uma nova tormenta mais pavorosa que as precedentes ameaçava fazer soçobrar a virtude do jovem cenobita, levando de rojo o frágil dique a tanto custo erguido pelo ascetismo na solidão do claustro.

Não era já um reflexo da pura afeição da infância, desse sereno amanhecer do amor envolto nos véus cândidos da inocência. Não era também a paixão juvenil com suas recordações saudosas, com seus sonhos dourados e ardentes aspirações de felicidade. Era tudo isso, e mais alguma coisa ainda. Eram os instintos sensuais longo tempo sopitados, que em uma organização vivaz e vigorosa despertavam com império irresistível. Era uma sede voraz de gozos e volúpias, era uma febre, era um delírio. O demônio da luxúria acendera nas chamas do inferno seu facho furibundo e com ele se aprazia em requeimar o sangue do mísero sacerdote.

Entrando em casa, Eugênio não quis ver pessoa alguma a fim de esconder a perturbação que o agitava, e como a noite já ia avançada, recolheu-se sozinho ao seu aposento.

A noite passou-a entregue às mais horríveis tribulações. Ora rezando com fervor, pedia aos céus forças para afrontar o embate da terrível tentação, que o assaltava, ora desalentado entregando-se ao delírio da paixão, chorava, rugia, blasfemava.

No dia seguinte perguntando-lhe seu pai quem era, e como ia a pessoa a quem tinha ido confessar, respondeu laconicamente:

- É uma rapariga que não conheço... não está em perigo. A moléstia dela parece-me mais cisma que outra coisa.

Como seus pais reparassem e começassem a se inquietar com a palidez e extrema excitação nervosa em que o viam, para subtrair-se a seus olhares e perguntas, apenas acabou de almoçar mal e rapidamente saiu a pretexto de dar um passeio e ver algumas pessoas conhecidas.

- O padre está muito incomodado - disse a senhora Antunes a seu marido, logo que Eugênio se retirou. - Ele sofre alguma coisa que não nos quer dizer... queira Deus!...

- Queira Deus o quê, senhora!

- A serpente, senhor!... a serpente!...

- Ora, senhora!... deixe-se dessas alusões... pois um homem, um padre... um missionário.... nem sempre a gente é criança.

- Queira Deus!... queira Deus!... - murmurou a mãe levantando-se da mesa e rezando.

O padre durante a noite tinha feito firme propósito de não voltar mais à casa de Margarida apesar da promessa, que havia feito. Antes faltar a uma simples promessa, do que expor-se ao perigo de quebrar um voto, e perder sua alma. Portanto ao sair de casa dirigiu-se para o lado oposto ao bairro, em que ela morava. No fim de contas porém, depois de ter percorrido muitas ruas e parado em muitas casas, fosse por uma fatal casualidade, ou porque o coração, mesmo sem que ele o sentisse, o ia arrastando, achou-se nas vizinhanças da habitação, de que fugia.

Ao avistá-la o coração bateu-lhe uma fatal pancada.

- Ah, Margarida!... pobrezinha! quem te há de valer!... sabe Deus, se estás agonizando e vais morrer sem confissão!... é meu dever lá ir... que posso recear de uma moribunda?... é uma desumanidade, uma pusilanimidade abominável deixá-la morrer ao desamparo... o vigário não está... que remédio tenho senão socorrê-la?... ah! e quem sabe, se já não será tarde!

Pensando assim o padre se encaminhava ora vagaroso e irresoluto, ora a passos precipitados, para a casa de Margarida.

E assim, que o passarinho pousado na grimpa da árvore fascinado pela serpente, que enroscada no tronco fita nele os olhos peçonhentos, hirto de pavor e soltando pios lastimosos vem descendo do ramo em ramo até meter-se na garganta escancarada do hediondo réptil.

Margarida, depois que Eugênio saíra na véspera, havia adormecido embalada em um delírio de felicidade, e graças a esse sono reparador amanhecera melhor, se bem que um tanto descorada e abatida. Isto mesmo denotava, que o sangue lhe corria mais calmo e regular pelas artérias. Sentia-se tão aliviada, que parecia-lhe ter voltado ao gozo de perfeita saúde.

Levantou-se alegre e tranqüila, penteou seus negros e compridos cabelos, plantou entre eles um botão de rosa, seu enfeite favorito, e vestiu-se com certo esmero e faceirice, como noiva, que se prepara para ser conduzida ao altar... não, como vítima, que se adorna para o sacrifício. Mesmo abatida como se achava, estava fascinante de beleza. Tinha nos olhos uma luz tão lânguida e quebrada, na boca uma expressão tão voluptuosa, as faces um tanto desbotadas tinham um matiz de jambo tão suave e delicado, e o colo e os braços acetinados eram de tão fresca e mimosa morbidez, que a custo se acreditaria, que aquela moça estava precisada dos socorros extremos da religião.

Quando Eugênio entrou, Margarida estava recostada ao travesseiro. O padre sobressaltou-se vendo-a tão fresca e tranqüila, e tão faceiramente vestida.

- Que é isto, santo Deus!... - exclamou com voz severa - esperava encontrar uma enferma no leito da agonia, e que é que estou vendo!... estará zombando de mim?

- Eu zombar do senhor padre! julga-me capaz disso? - murmurou a moça em tom de queixa tão meigo e mavioso, que diríeis arrulho de pomba, que dentro do ninho afaga o companheiro.

- Então que quer dizer esta mudança, esses enfeites, essa cor e esse rosto, que parece tão animado e cheio de saúde?...

À chegada do padre a palidez da moça se havia trocado por um vivo encarnado, que lhe incendia as faces, e seus olhos lampejavam com estranho brilho.

- Acho-me melhor, é verdade - respondeu -, não estou sofrendo agora grande incômodo, mas não sei por que, me diz o coração, que meus dias estão contados.

- Não creia tal, minha filha, isso é pura cisma, é um capricho da sua imaginação. Mas enfim... seja como for, não me é permitido demorar-me por mais tempo a sós no quarto de uma moça, que parece estar no gozo de perfeita saúde. Adeus, senhora Margarida.

- Ah! não, pelo amor de Deus! não se vá ainda! Tenha paciência com esta pobre infeliz.

A moça proferiu estas palavras com acento tão terno e suplicante, e fitando no padre um olhar tão repassado de angústia que este sentiu-se comovido e abalado até os seios da alma.

Fitou nela um olhar terno e compungido e a contemplou por alguns instantes silencioso.

- Margarida! - exclamou por fim -, não sabes quanta pena tenho de ti... mas...

- Mas não se vá embora ainda; tenha piedade de mim.., eu não estou tão boa, como pareço. Dizem que a morte quando está a chegar faz a gente melhorar de repente e depois mata. É a última visita da saúde, que se despede para sempre... Há de ser isso; não me deixe morrer desamparada... A morte há de me ser tão doce, se eu morrer junto de ti, Eugênio!...

- Margarida!... murmurou o padre suspirando e sentando-se junto dela.

- Eugênio!... como eu sou feliz em poder recordar contigo, antes de morrer, aqueles bons tempos de nossa meninice...

- Margarida, para que recordar agora uma felicidade, que não pode mais voltar!

- Pode... porventura não estamos juntos?... eu era tua irmãzinha naquele tempo; agora tu és padre, e eu ainda sou tua irmã, e quero morrer nos teus braços...

- Cala-te, Margarida!... Ai de mim! é agora que avalio a felicidade, que perdi. Ah! perdão, perdão, meu Deus!... eu blasfemo! - interrompeu-se o padre batendo com a mão nas faces.

- Não perdeu nada - replicou Margarida com meiguice -, ganhou muito; estas mãos foram feitas para o altar... como são alvas e bem feitas!

Falando assim a moça tomava entre as suas as mãos de Eugênio, e as beijava não com o respeito devido a um padre, mas com toda a ternura e ardor febril da paixão. Ao contato daqueles lábios mórbidos e frementes, Eugênio sentiu uma estranha vibração agitar-lhe todo o corpo, e o filtro delicioso da volúpia coar-lhe até o âmago do coração. Assustado, levantou-se bruscamente, e ia a sair de carreira pela porta afora. Margarida o deteve pelo braço.

- Por quem é não vá embora - disse-lhe com súplice ternura.

O padre não insistiu; cedendo a uma fatal fascinação tornou a sentar-se junto de Margarida. O corpo lhe tremia todo, a fronte gotejava suor em bagas, e os olhos lhe desmaiavam frouxos em langor voluptuoso.

- Margarida!... aqui estou - murmurou com desalento. - Mas... anjo meu!... tem piedade de mim... lembra-te, que sou padre!...

- Que importa!... eu sou tua irmã... quero abraçar meu irmão antes de morrer...

A moça pôs as mãos ambas sobre o ombro do padre, e fitou-lhe o rosto com um olhar e um sorriso, que resumiam um longo poema de amor. Os olhos alucinados nadavam-lhe em eflúvios de ternura, e o bafejo tépido e suave escoando-se por entre a rosa dos lábios entreabertos afagava as faces do mancebo. O xale em que se envolvia, tinha-lhe escapado dos ombros, e os dois pomos mal cobertos pulavam-lhe no seio inquietos e ansiosos, como duas rolinhas implumes, que forcejam por saltar do ninho.

No quarto de Margarida reinava uma luz frouxa, que entrava por uma janela de empanada; o ar estava impregnado do aroma inebriante das flores, que ornavam a mesa. A velha tinha saído, e naquela casa só se achavam os dois...

Margarida encostou a cabeça ao ombro de Eugênio e este envolveu-a em um abraço.

- Um momento de suprema felicidade!... depois o inferno! que importa!...

XXIV

No dia seguinte, que era um domingo, o padre Eugênio tinha de dizer a sua primeira missa na vila de Tamanduá.

O pai fazia uma grande festa, a que havia convidado a melhor gente do lugar. Era um dia de regozijo e prazer para a família, e de grande expectação para os demais habitantes. Depois da missa um lauto jantar esperava os convidados.

Muitos parentes e amigos da família de Antunes, que tinham batizados e casamentos a fazer, estavam esperando pela vinda do padre Eugênio, querendo ter o gosto de ver esses sacramentos ministrados por suas mãos.

Portanto o padre teve de apresentar-se na igreja muito antes da hora da missa, a fim de ter tempo de celebrar esses batizados e casamentos.

Quando o sacrílego padre entrou no templo, dizem que os sinos, sem que ninguém os tocasse, deram badaladas fúnebres, e que um tufão escancarando a porta interior do frontispício entrara pela nave e apagara a lâmpada do santuário.

O padre estava de palidez cadavérica, e seus olhos desvairados despediam de quando em quando lampejos torvos e sombrios.

Sinistros pensamentos lhe ondeavam desencontrados pela mente agitada, como nuvens que se despedaçam por um céu tempestuoso ao sopro rijo das refegas.

Precipitado do alto do seu puro e austero ascetismo no abismo da fraqueza, o espírito do padre tombou em outro abismo mais fundo e talvez mais degradante. Atassalhado de remorsos, de vergonha e desesperação, julgando-se perdido sem remédio e para sempre, entregou-se de corpo e alma à torrente da fatalidade que o arrastava.

- Já que assim o quiseram os homens - murmurava consigo -, já que assim o ordena a sanha irresistível do destino, assim seja; serei um padre sacrílego, um padre infame, como tantos outros, que todos os dias profanam com mãos impuras os vasos do altar e a hóstia sacrossanta. Era essa a sina fatal que desde o berço me estava fadada... Margarida não morre... o que a atormenta não é mais do que uma deplorável apreensão... O céu não quis que eu fosse seu esposo, o inferno me fez seu... que horror, meu Deus! que abominável sacrilégio!... mas... já agora que hei de eu fazer... caí até o fundo do abismo, donde nunca mais poderei levantar-me. Ah, celibato!... terrível celibato!... ninguém espere afrontar impunemente as leis da natureza! tarde ou cedo elas têm seu complemento indeclinável, e vingam-se cruelmente dos que pretendem subtrair-se ao seu império fatal!...

Apenas o padre tinha acabado de fazer uma breve oração no altar do consistório, quando a ele se dirigiu uma pobre velha e lhe pediu pelo amor de Deus para fazer a encomendação a um cadáver que ia dar à sepultura, e que se achava no corpo da igreja.

O padre ficou transido de horror. Afeito a esse triste espetáculo, Eugênio não era medroso; mas desta vez sem saber por que, sentia um pavor irresistível. Um suor gelado inundava-lhe a testa, e as artérias lhe titilavam nas fontes com dolorosa vibração; mas não podia deixar de cumprir esse piedoso dever para com um morto. Vestiu a sobrepeliz, tomou o ritual e acompanhado do sacristão, que levava na não o hissope, dirigiu-se para o corpo da igreja.

Num pobre caixão sem tampo, pobremente amortalhado, inteiriçava-se um corpo de mulher. Dois tocheiros ardiam de um lado e outro da cabeceira do caixão. Um lenço branco cobria o rosto da finada, e sobre o seu peito via-se uma capela de alvas flores, símbolo da virgindade.

O templo estava quase deserto; apenas aqui e ali algumas velhas ajoelhadas murmuravam em voz baixa suas orações.

O sacristão para se dar começo à encomendação, tirou o lenço ao rosto da finada; o padre soltou um grito rouco e sufocado, cambaleou, e teria baqueado em terra, se não deparasse o braço que o sacristão lhe apresentava para escorar-se. A finada era Margarida!

- Que tem, senhor padre? está incomodado? perguntou-lhe o sacristão.

- Não há de ser nada... passei mal a noite, e... não estou ainda acostumado a estas coisas... ia tendo uma vertigem.

O padre limpou o suor gelado, que lhe inundava a fronte, e desempenhou atabalhoadamente, sem saber o que fazia, a sua cruel e fúnebre tarefa.

Chegando ao consistório, depois de ter dito ao sacristão, que os batizados e casamentos se faziam depois da missa, debruçou-se sobre a credência e escondendo o rosto entre as mãos ali ficou imóvel por largo tempo orando, chorando, delirando.

A turb